Esther Vilar

O HOMEM Domado

NÓRDICA

ÍNDICE

Este livro é dedicado
Àqueles de que nele não são mencionados:
aos poucos homens que não se deixam domar
e às poucas mulheres que não se vendem.
E também, aos felizes
sem valor no mercado,
por que são velhos, feios ou doentes mentais.
E.V.

A FELICIDADE DO ESCRAVO

O MG *Sport* amarelo-limão derrapa. A jovem ao volante consegue dominá-lo a custo, ziguezagueando até parar. Sai e descobre que o pneu dianteiro da esquerda, está furado.
Sem perda de tempo, ela procura providenciar a reparação: Olha para os carros que passam, como se esperasse alguém. A este sinal internacionalmente reconhecido de abandono feminino ("mulher fraca depende da técnica masculina") logo pára uma Kombi. O motorista descobre imediatamente o que há para fazer e diz para a confortar: "Isso a gente faz num instante". E para confirmar sua decisão, pede à mulher para lhe dar o macaco. Não lhe pergunta se ela mesma poderá trocar o pneu porque sabe – sua aparência é a de uma mulher de trinta, bem vestida e maquilada – que ela não pode. Como ela não consegue encontrar o macaco, ela acaba por ir buscar o seu e traz logo o resto da ferramenta. Em cinco minutos o serviço fica pronto e o pneu furado, posto direitinho no seu devido lugar. As mãos dele estão sujas de óleo. E quando a jovem lhe estende um lenço bordado, ele o recusa delicadamente. Para tais ocasiões sempre tem um trapo velho na sua caixa de ferramentas. A mulher agradece-lhe efusivamente e

desculpa-se, por sua incompetência “tipicamente feminina”. Se não fosse ele, disse, ela teria ficado, até a noite naquele lugar.
Ele não responde, mas depois dela se sentar, fecha gentilmente a porta do carro e dá-lhe, enquanto o vidro da janela desce, um último conselho, o de mandar reparar quanto antes a câmara de ar furada. Ela declara que nesse mesmo dia irá dar as necessárias instruções ao borracheiro. E parte.

Enquanto arruma a ferramenta e, sozinho, volta para o carro, o homem lamenta não poder lavar as mãos. Também os seus sapatos que estão na troca do pneu se enterraram na lama, já não estão limpos como seria necessário para o seu tipo de trabalho: é vendedor. Caso queira alcançar ainda o seu próximo cliente, terá de se apressar. Liga o motor. “Essas mulheres – pensa ele – são uma mais burra que a outra”. E pergunta a si próprio, a sério, o que ela teria feito se ele não tivesse chegado logo. Conduz, bem contra o seu hábito, a uma velocidade perigosa, a fim de recuperar o atraso. Dali a pouco ele começa baixinho a cantarolar. De certa forma, sente-se feliz.

Na mesma situação, a maioria dos homens teria agido da mesma maneira. A maioria das mulheres também. A mulher deixa o homem – pelo simples fato de que ele é um homem e ela, algo muito diferente, quer dizer uma mulher – deixa-o inescrupulosamente trabalhar por ela, sempre que a oportunidade se apresenta. Seu espírito empreendedor não vai além de esperar a ajuda do homem, já que também não aprendeu mais: em caso de enguiço no carro encarrega-se o homem da reparação. O homem, pelo contrário, se dispõe a prestar um serviço rápido, eficiente e gratuito a uma pessoa para ele completamente estranha. Arruína a sua roupa. Põe em perigo o resultado de um eventual negócio. Arrisca-se, finalmente, conduzindo a uma velocidade exagerada. E para além da troca do pneu poderia ter remediado uma dúzia de outros defeitos no carro. E tê-lo-ia feito, pois, para isso aprendeu. Afinal, por que razão terá a mulher de se ocupar com reparações desse tipo se a metade da humanidade, isto é, os homens, podem fazê-lo tão bem e ainda por cima sempre está pronto a colocar o seu saber à disposição da outra metade?

As mulheres deixam os homens trabalhar por elas, por elas pensar e tomar as responsabilidades. As mulheres exploram os homens. Mas os homens são fortes, inteligentes, imaginativos. As mulheres, fracas estúpidas e sem imaginação. Então, por que motivo são os homens explorados pelas mulheres e não o contrário?

Serão, na realidade, a força, a inteligência e a imaginação as condições prévias para o poder ou para a escravidão? Deverá o mundo ser dirigido pelo saber ou, antes, pelos que não servem para nada, isto é, as mulheres? E se assim é, como é que as mulheres conseguem que as suas vítimas não se sintam enganadas e humilhadas e se julguem, antes pelo contrário, como grandes senhores que é o que são menos? Como é que as mulheres dão aos homens essa sensação de felicidade, ao trabalhar pra elas, essa

consciência de orgulho e de superioridade que sempre os estimulam à prestação de serviços cada vez maiores?

Por que não são desmascaradas?

O QUE É O HOMEM

O que é o homem? O homem é uma pessoa que trabalha. Com o trabalho sustenta-se a si próprio, a sua mulher e os filhos da sua mulher. A mulher, em contrapartida, é uma pessoa que não trabalha ou só trabalha temporariamente. Durante a maior parte da sua vida, ela não se sustenta, nem sustenta os filhos e muito menos o marido.

A todas as qualidades do homem, das quais a mulher se aproveita, ela chama virtudes *masculinas*. E a todas aquela que lhe não servem, nem, aliás, servem a ninguém, ela dá o nome de qualidades *femininas*. Por isso, os aspetos externos do homem que fazem sucesso perante a mulher são apenas os *maculos*, quer dizer, os que estão sintonizados com a finalidade máxima da sua vida – o trabalho. E devem estar de tal forma dimensionados que, sejam quais forem as tarefas propostas, ele sempre conseguirá realizá-las.

Exceto à noite, altura em que a maioria põe pijama com listras coloridas e até quatro bolsos, os homens sempre andam vestidos com uma espécie de uniforme, cinza marrom, feito de material resistente e nas cores que disfarçam a sujeira. Esse uniforme ou “costume” , como é designado, tem no mínimo dez bolsos nos quais o homem coloca –

para as ter sempre bem à mão – todas as ferramentas de que precisa para o seu trabalho (a roupa da mulher nada faz, não tem bolsos alguns, nem de dia, nem de noite).

Em reuniões sociais permite-se ao homem que vista trajes na cor mais sensível como é preto, pois aí o perigo de se sujarem não é tão grande, e, além disso, os vestidos femininos exuberantes de cor ganham maior realce no contraste. Apesar disso, são bem vistos os homens com trajes de sociedade verdes ou vermelhos, encontrados ocasionalmente, pois contribuem para dar um aspecto ainda mais masculino aos verdadeiros homens presentes.

Também quando aos demais aspectos externos, o homem adaptou-se à sua situação. Usa o cabelo curto de forma a bastar-lhe um quarto de hora todas as duas ou três semanas para ir cortá-lo. Caracóis, ondas ou manchas não são desejáveis, só o estorvariam no trabalho que tem que ser exercido ao ar livre com uma certa freqüência. E mesmo se os usasse e lhe ficassem bem não aumentariam certamente o seu sucesso perante as mulheres, porque as mulheres – ao contrário do que sucede com os homens em relação a elas – nunca os julgam sob o ponto de vista estético. Os homens que ostentam temporariamente cortes bem pessoais chegam por si próprios a essa conclusão pouco depois de regressarem a uma das duas ou três variantes do penteado masculino s*tandard,* curto ou longo. O mesmo acontece com os barbudos. Só hipersensíveis – na maioria dos casos, homens mais ou menos intelectuais que pretendem dar a impressão de robustez espiritual apresentando uma riqueza desmesurada de barba – usam durante muito tempo uma barba inteira. Como isso é uma indicação importante quanto à sua constituição e, por conseguinte, quando ao modo especial do seu aproveitamento possível, a barba é tolerada pelas mulheres, nesses casos, como sinal útil de reconhecimento (mostra a que nível se deixam esses homens explorar com mais facilidade, ou seja, no trabalho neurótico de intelectuais).

Entretanto, geralmente, o homem usa todas as manhãs, durante três minutos, uma máquina de barbear elétrica para obstar ao crescimento da sua barba, e, para tratar da pele, bastam-lhe água e sabão, pois ao seu rosto nada mais se exige do que estar limpo e sem pinturas, de modo a ser fácil o controle por qualquer pessoa. Falta mencionar as unhas das mãos dos homens: devem ser, tendo em vista o trabalho, tão curtas quanto possível.

Um homem másculo não usa jóias – a não ser a aliança de casamento, o que demonstra que já é explorado de determinada maneira por determinada mulher. O relógio grande e pesado no seu pulso – impermeável, inquebrável e indicando a data – é tudo menos um objeto de luxo. Muitas vezes é-lhe oferecido pela mulher para a qual trabalha.

Roupa interior, camisas e meias são de tal modo uniformes que de homem para homem se distinguem, quando muito, no que se refere ao tamanho. Podem-se comprar em qualquer loja, para poupar tempo. Apenas quanto à escolha das gravatas teria o

homem uma certa liberdade, mas como não está habituado à liberdade, qualquer que seja a forma por esta assumida, deixa a escolha para a mulher – o mesmo se passa, de resto, quando às outras peças de roupa.

Por muito se assemelham no seu aspecto exterior, um observador de uma estrela desconhecida seria levado a admitir que os homens têm empenho em serem iguais como dois ovos. É muito diferente, no entanto, a maneira como põem à prova a sua masculinidade, ou seja, a sua utilidade possível para as aspirações das mulheres. Têm mesmo que ser diferentes: como as mulheres praticamente não trabalham, os homens são necessários para tudo.

Existem homens que, às oito da manhã, tiram da garagem com todo o cuidado o seu carrão. Outros vão para o emprego uma hora antes mais cedo num carro de classe média, e há ainda aqueles que, quando ainda faz noite, com uma pasta debaixo do braço, em que levam um agasalho e o pequeno almoço, se dirigem para o ônibus, o trem ou o metrô que os levam ao canteiro de obras ou à fábrica onde trabalham. É um destino cruel o deste grupo de homens, os mais pobres deles todos, pois ainda por cima são explorados pelas mulheres menos atraentes. Dado que as mulheres só se interessam, quando aos homens, por dinheiro, e a estes só interessa a aparência delas, as mulheres mais desejáveis do seu meio são-lhes tiradas pelos homens que mais ganham.

É completamente indiferente o modo como determinado homem possa passar o dia, algo tem ele de comum com todos os outros: passa-o de maneira humilhante. E não o faz para si próprio, para conservação da sua vida própria vida – para isso bastaria um esforço muito menor (de resto os homens dão pouco valor ao luxo). Se humilha para os outros e fica infinitamente orgulhoso de o fazer. Na mesa de trabalho, tem as fotografias da mulher e dos filhos e mostra-as sempre que se lhe depara uma oportunidade.

Seja o que for que o homem faça quando trabalha – quer tabele números, cure doentes, conduza um ônibus ou dirija uma firma – a todo o momento é parte de um sistema gigantesco e desapiedado estabelecido única e exclusivamente para a sua máxima exploração e fica entregue a esse sistema até o fim de sua vida.

Será interessante tabelar números e comparar somas com outras somas – mas por quanto tempo? Uma vida inteira? Certamente que não. Talvez seja uma sensação fantástica conduzir um ônibus através da cidade, mas que acontece quando se trata dia após dia e ano após ano do mesmo ônibus no mesmo percurso da mesma cidade? E é certamente excitante exercer influência sobre as muitas pessoas que trabalham numa firma grande. Mas até que ponto, quando se descobre que se é mais prisioneiro do que chefe?

Ainda jogamos hoje os mesmos jogos da nossa infância? Claro que não. E mesmo, enquanto crianças, não tínhamos sempre as mesmas brincadeiras, brincávamos até nos apetecer. O homem é, porém, como uma criança que tivesse de jogar sempre o mesmo jogo. O motivo é evidente: logo que ele é elogiado por uma das suas brincadeiras mais

do que pelas outras, especializa-se mais tarde nessa e fica condenada a ela uma vida inteira porque é "hábil" para isso e é como isso que pode ganhar mais dinheiro. Se na escola era bom em matemática, passará a vida à volta de contas – como contador, matemático, programador – pois aí reside o seu máximo rendimento. Fará contas, listas de números, alimentará máquinas, mas nunca poderá dizer: "Pronto, estou farto, vou procurar outra coisa".A mulher que o explora, não permitirá *mesmo* que ele procure outra coisa. Incitado por essa mulher, talvez suba na hierarquia dos estatísticos. Em lutas de morte, chegará porventura a procurador ou diretor de banco. Mas o preço que paga pelo seu salário não será tanto quando demasiado alto?

Um homem que altera o seu modo de vida – portanto, a sua profissão, já que viver significa para ele trabalhar – é tido na conta de merecedor de pouca confiança. Se muda diversas vezes de emprego, é expulso da sociedade e fica só. Pois a sociedade são as mulheres.

O medo de tal conseqüência deve ser notável: se ele não existisse, seria possível que um médico (que em rapaz gostava de brincar com girinos e tubos de análise) passasse a vida inteira a cortar obsessos repugnantes a analisar excrescências humanas de toda a espécie e a dar-se noite e dia com seres humanos cujo aspecto dá vontade de fugir ás outras pessoas? E um pianista que não era mais que um garoto que gostava de tocar música, tocaria ele pela milésima vez aquele *Nocturno* de Chopin? E um político, que em tempos idos descobriria por acaso, no pátio da escola, uma mão cheia de truques para conduzir homens e que os sabia utilizar com sucesso, pronunciaria ele na idade adulta e durante dezenas de anos, todas essas frases que nada dizem, no papel de um qualquer partidário obediente e subalterno, faria ele todas essas caretas e suportaria ele o palavreado terrível dos seus concorrentes, igualmente subalternos? Ele sonhou uma vez com uma outra vida! E ainda que na seqüência desse caminho se tornasse Presidente dos Estado Unidos da América, não terá pago por esse cargo um pouquinho demais?

Não, dificilmente se admite que os homens façam tudo o que fazem sem o mínimo desejo de mudança. Fazem-no porque para tal são amestrados: toda a sua vida nada mais é do que uma desconsolada seqüência de habilidades de circo. Homem que não consiga mais executar essas habilidades, que ganhe menos dinheiro, "falhou" e perde tudo: a mulher, a família, o lar, o sentido da sua vida – toda e qualquer segurança.

Evidentemente que também se poderia dizer: um homem que já não ganhe dinheiro suficiente está automaticamente livre e poder-se-á alegrar com esse *happy-end*. Mas o homem não quer ser livre. Funciona, como veremos ainda, segundo o modelo *prazer na falta de liberdade*. Liberdade perpétua seria para ele ainda pior que escravidão perpétua.

Ou formulado de outra maneira: o homem procura sempre alguém ou alguma coisa, a quem se possa oferecer como escravo visto que só como escravo é que ele se sente seguro – e a sua escolha recai, na maioria dos casos, sobre a mulher. Mas quem é ou o

que é a mulher para que ele se deixe escravizar por ela e que seja precisamente junto dela que ele se sinta seguro, quando é a ela que deve essa vida degradante e é por ela que ele é explorado com todos os requintes?

O QUE É A MULHER

Dissemos que, ao invés do homem, a mulher é uma pessoa que não trabalha. Poderíamos concluir aqui a definição de mulher – não há muito mais a dizer a seu respeito – não fosse o conceito de pessoa um conceito demasiado extenso e impreciso para definir simultaneamente homem e mulher.

O ambiente humano permite-nos a escolha entre uma existência mais animalesca – portanto, semelhante à dos bichos, inferior – e uma superior, mais espiritual. A mulher escolhe sem hesitação, a primeira. Bem-estar do corpo, um ninho e a possibilidade de observar, sem obstáculos, as normas de criação da sua ninhada, são para ela o máximo.

Considera-se provado, que homens e mulheres nascem com as mesmas disposições espirituais, que não há, pois, diferenças intelectuais primárias entre os dois sexos. Está, porém, igualmente provado, que todas as potencialidades que não são desenvolvidas se perdem: as mulheres não usam os seus talentos intelectuais, arruínam voluntariamente a sua capacidade de pensar e após alguns anos de um treino cerebral esporádico caem num estágio de estupidez irreversível.

Porque não usam as mulheres o seu cérebro? Não o usam porquê, para se conservarem vivas, não necessitam de aptidões espirituais. Teoricamente seria possível uma mulher ter menos inteligência que, por exemplo, um chimpanzé e, no entanto, afirmar-se entre os homens.

O mais tardar aos doze anos – idade em que a maioria das mulheres resolve iniciar a carreira de prostituta, ou seja, a de deixar mais tarde um homem trabalhar para si, pondo-lhe a disposição a sua vagina, a intervalos determinados, como contraprestação – cessa a mulher de desenvolver o seu espírito. É certo que continua a instruir-se e adquire os mais variados diplomas – pois o homem crê que uma mulher que aprendeu qualquer coisa de cor também sabe qualquer coisa (um diploma eleva, por conseguinte, o valor de mercado da mulher) – mas, na realidade, é então que se separam para sempre os caminhos dos sexos. Toda a possibilidade de entendimento entre homem e mulher é então afastada para sempre.

Por isso um dos erros mais importantes que o homem está constantemente cometendo quando aprecia a mulher é considerá-la como uma sua igual, quer dizer, como um ser humano que funciona mais ou menos no mesmo plano de sentimentos e inteligência que ele. O homem pode observar de fora o comportamento da sua mulher, ouvir o que ela diz, ver como os seus olhos aquilo de que ela se ocupa, concluir sobre o que ela pensa a partir de sinais exteriores –, mas em tudo ele regula-se pela sua *própria* escala de valores. Ele *sabe* o que diria, pensaria e faria em seu lugar. E ao observar – segundo a sua bitola – o resultado deprimente das suas observações, concluirá apenas que tem de haver algo que impede a mulher de fazer o que ele, no seu lugar, teria feito. Porque se considera – e com razão no caso de uma pessoa ser definida como um ser que pensa em abstrato – a medida para todas as coisas.

Se, em virtude das suas observações, toma conhecimento de que sua mulher ocupa tantas horas do dia a cozinhar, limpar e lavar a louça, não conclui que essas ocupações a satisfazem, porque correspondem de uma forma ideal às suas necessidades espirituais. Pensa que é justamente isso que a impede de fazer tudo o mais e esforça-se por colocar à sua disposição máquinas de lavar louça automáticas, aspiradores e refeições prontas a servir, que a aliviem desses trabalhos estúpidos e lhe permitam fazer uma vida igual à que ele sonha para si próprio.

Mas ficará desiludido: em vez da mulher começar a viver uma vida espiritual, mais rica, a preocupar-se com política, histórica ou com a origem do Universo, utilizará o tempo ganho para fazer bolos, passar a ferro a roupa interior, coser folhinhos ou, se for muito dinâmica, para colar decalques de florinhas no vaso sanitário.

Como o homem tem que acreditar, ou melhor, como a mulher lhe faz crer (qual o homem que dá autêntico valor à roupa interior passada a ferro, padrões com flores ou bolos que não vêm da confeitaria?) que tudo isso é necessário para a vida, ou, pelo menos, faz parte da *cultura*, ele inventa a máquina automática de passar a ferro, a massa

para bolos pronta a usar e o papel higiênico enfeitado industrialmente. Mas ainda não é então que a mulher começa a ler, a preocupar-se com a política. E a investigação do Universo continua a deixá-la completamente indiferente. O tempo que ela poupou vem-lhe mesmo a jeito: poderá finalmente preocupar-se consigo própria. E como se sabe que é totalmente alheia a necessidades espirituais, entende por isso, como é evidente, a preocupação com o seu aspecto exterior.

O homem que ama a mulher e nada deseja tão intensamente como a sua felicidade, também a acompanha nesta fase: produz para ela batons à prova de beijo, *make-up* para os olhos à prova de água, aparelhos que não necessitam ser passados a ferro, calcinhas para usar e jogar fora. Ao fazê-lo o homem continua a visar o mesmo objetivo: que tudo isso tenha um fim, que todas as necessidades vitais específicas da mulher – que ele crê ser "por natureza, mais delicada e sensível" – que lhe são estranhas, por conseguinte "superiores", sejam satisfeitas, e que ela faça, enfim, da sua vida, a única coisa que ele acha que tem valor: a vida de um homem *livre*.

E aguarda. Como a mulher não se dirige a ele por iniciativa própria, começa a *atraí-la* ao seu mundo: propaga a co-educação nas escolas para que ela se habitue, desde tenra idade, ao seu estilo de vida. Chama-a para as suas universidades, utilizando todos os pretextos possíveis, para a iniciar nos segredos por ele descobertos, na esperança que ela adquira gosto pelas coisas importantes, graças ao contato direto com elas. O homem faculta-lhe o acesso aos cargos honorários mais elevados, exercidos até agora unicamente por ele (e prescinde de tradições que lhe são sagradas) e incita-a à tomada de consciência do seu direito político de voto para que ela possa modificar, segundo as suas concepções, o sistema de administração governamental por ele inventado (talvez, em matéria de política, ele espere que da intervenção dele resulte a paz, já que lhe atribui carisma pacifista).

Na sua suposta missão, ele é a tal ponto insistente e conseqüente, que não se dá conta de como se torna ridículo segundo a sua própria bitola, não segundo a da mulher: esta é incapaz de ganhar distância e é, por conseguinte, completamente destituída de humor.

Não, as mulheres não se riem dos homens. No máximo, podem é um dia aborrecerem-se um pouco com eles. As velhas fachadas – governo da casa, tratamento das crianças – com que mascaram a sua renúncia a uma existência espiritual, ainda não estão suficientemente arruinadas para quem as vê de fora. Ainda justificam, nem que seja pró-forma, a saída prematura das jovens da universidade e a renúncia às profissões mais exigentes. Mas o que sucederá quando o trabalho doméstico *ainda* mais automatizado, quando houver jardins de infância verdadeiramente bons e suficientes ou quando os homens chegarem até a descobrir – o que já devia ter sucedido há muito tempo – que para viver não são precisos filhos?

Se o homem se detivesse, uma única vez, no meio da sua atividade febril, para fazer balanço, seria obrigado a reconhecer que os seus esforços no sentido de animar espiritualmente a mulher não a fizeram avançar um só passo, que é certa a mulher tornar-se de dia para dia mais enfeitada, mais cuidada e "cultivada", mas que as exigências cada vez maiores que faz da vida são de ordem material e não espiritual.

Alguma vez, por exemplo, a maneira de pensar dele, que ele ensina na suas universidades, a induziu a ela a desenvolver teorias próprias? Alguma vez ela utilizou para investigações próprias ou institutos de pesquisas que ele lhe fraqueou? – Pouco a pouco devia o homem notar que a mulher, pura e simplesmente, não lê todos aqueles livros maravilhosos que ele põe à sua disposição nas bibliotecas. Que as suas obras de arte, fantásticas, que lhe mostra nos museus, a incitam, quando muito, à imitação. Que todos os apelos para a emancipação com que ele espera atingi-la através de filmes e peças teatrais, feitas no seu próprio nível e na sua própria linguagem, são por ela apreciados apenas em função do seu valor recreativo, mas nunca – mas nunca! –a levam a revolta.

É perfeitamente lógico que o homem, que tem a mulher na conta de sua igual, tendo assim que assistir à vida estúpida que ela leva junto de si, acredite que a subjuga. Mas, tanto nos lembramos, nunca a mulher foi obrigada a qualquer submissão à vontade do homem. Pelo contrário: foram-lhe concedidas todas as possibilidades para se tornar independente. Se a mulher, por conseguinte, durante esse longo período, não se libertou do seu "jugo", só existe par isso uma explicação: esse jugo não existe.

O homem ama a sua mulher, mas também a despreza, porque uma pessoa que sai de manhã cheia de energia para conquistar novos mundos – o que, evidentemente, raras vezes consegue, porque tem que ganhar a vida – tem de desprezar outra, que não quer fazer o mesmo. E talvez seja por essa razão que o homem é levado a preocupar-se com o desenvolvimento espiritual da mulher: ele envergonha-se por ela e acredita que ela também se envergonha. Cavalheiro como é, gostaria de a ajudar a sair desse embaraço.

O que ele não sabe é que as mulheres desconhecem essa curiosidade, esse orgulho, essa ambição de fazer algo, que lhe parecem a ele evidentes. Se não participam do mundo dos homens é só porque não querem: Não sentem necessidade alguma desse mundo. A espécie de independência que os homens procuram não teria para si qualquer valor, elas não se sentem dependentes. A superioridade espiritual do homem não as intimida, pois desconhecem o orgulho em matéria espiritual.

As mulheres podem escolher, e é nisso que reside a sua infinita superioridade sobre o homem: cada uma delas pode escolher entre a forma de vida de um homem e a de uma criatura de luxo, estúpida e parasita – escolhem, praticamente todas, a segunda modalidade. O homem não tem esta possibilidade de escolha.

Se as mulheres se sentissem oprimidas pelo homem teriam criado ódio ou medo perante eles, o que é normal suceder em relação aos opressores. Mas as mulheres não

odeiam nem tão poucos os receiam. Se os homens as humilhassem com a sua maior sabedoria elas teriam procurado imitá-los – uma vez que têm todos os meios à sua disposição. Se as mulheres não sentissem livres, ter-se-iam agora, finalmente, libertado dos seus opressores, nesta constelação historicamente favorável da sua vida.

Na Suíça, um dos países mais desenvolvidos do mundo, as mulheres ainda não possuem um direito de voto geral, Há pouco tempo e em determinado cantão suíço pediram às mulheres para votar sobre a introdução do direito de voto feminino – a maioria decidiu-se contra. Os homens suíços ficaram atônitos, pois julgavam que essa situação indigna era o resultado da sua tutela centenária.

Como se enganam: a mulher sente-se menos possível tutelada pelo homem. Uma das maiores verdades deprimentes a respeito das relações entre os sexos é simplesmente essa: no mundo das mulheres o homem praticamente não existe. O homem não é suficientemente importante para a mulher para que ela se revolte conta ele. A sua dependência perante ele é apenas material, em certo sentido, "física". É a dependência de um turista em relação à companhia de aviação que o transporta, a de um dono de restaurante em relação à máquina de café, de um automóvel em relação à gasolina, de um televisor em relação à eletricidade. Tais dependências não originam qualquer sofrimento de alma.

Ibsen, que incorreu no mesmo erro de outros homens, esforçou-se por escrever com a sua peça "Nora" uma espécie de manifesto de libertação para todas as mulheres. Mas a estréia da peça em 1880 causou um choque apenas entre os homens. Juraram a si próprios lutar com mais ênfase, ainda, por condições de vida femininas dignas de seres humanos.

A propósito, os esforços de emancipação por parte das mulheres esgotaram-se, como é habitual, nunca variante da moda: durante algum tempo gostaram de verse mascaradas de sufragistas, em trajes tantas vezes ridicularizados.

Uma impressão profunda, semelhante àquela, provocou mais tarde nas mulheres a filosofia de Sartre. Para provar que tinham entendido tudo deixaram crescer os cabelos até a cintura e passaram a usar calças compridas e camisolas pretas.

O mesmo sucedeu há pouco tempo com as teorias do chefe comunista Mao-Tse-Tung: durante uns tempos esteve em moda o "estilo Mão".

O HORIZONTE FEMININO

Podem os homens fazer seja o que for para impressionar as mulheres: no mundo delas, eles não valem nada. No mundo das mulheres só contam as outras mulheres.

É óbvio que uma mulher sente-se feliz quando repara que um homem se volta na rua para ver. Se este homem estiver bem vestido ou se guiar um carro esportivo bem caro, a alegria é muito maior. É talvez comparável àquela sensação experimentada por um acionista, quando lê um boletim de cotações da bolsa em alta. Não tem importância para a mulher que o homem seja ou não bem parecido, simpático ou antipático, inteligente ou não. Para o acionista também é indiferente a cor das suas ações.

Mas se, por outro lado, a mulher repara que outra se volta para a ver – o que sucede apenas em casos extremos, pois os padrões com que as mulheres se medem são muito mais duros que os dos homens – então, atinge o cúmulo da sua felicidade. Ela vive para isso: para o reconhecimento, para a admiração, para o "amor" das outras mulheres.

No mundo das mulheres existem apenas as outras mulheres. As mulheres com quem se encontram quando vão a igreja, à reunião de pais e ao supermercado. As mulheres com quem conversam no elevador, à porta, nos jardins. As mulheres por

quem passam, aparentemente sem lhes ligar nenhuma importância, quando andam nas compras percorrendo as elegantes artérias comerciais ou, à noite, nas festas. Medem-se com o que existe nas *suas* cabeças, não nas dos homens; e para um simples elogio da boca de *outra* mulher prescindem de bom grado de todas as cortesias desajeitadas dos seus amantes que não podem deixar nunca de ser superficiais.

Pois os homens não fazem a mínima idéia do mundo em que as mulheres realmente vivem, e nos seus hinos de louvor não se dão conta de todos os pontos de vista que são, de fato, importantes.

Então, as mulheres não querem agradar em nada aos homens? É preciso não esquecer que os homens são a sua base material. Mas as necessidades dos homens poderiam ser satisfeitas com muito menos despesas, já que estes, no que respeita às mulheres, as consideram praticamente apenas às mulheres, as consideram praticamente apenas símbolos de sexo e reagem perante a pintura delas com uma certa estranheza. Bastariam, por exemplo, cabelos compridos, lábios pintados, camisolas apertadas, saias curtas, meias transparentes, saltos altos. Mas essas obras vivas de arte feminina que se encontram nas elegantes artérias comerciais de Paris, Roma ou Nova York estão muito para além dos desejos e da compreensão dos homens. Colocar uma boa sombra nas pálpebras e esbatê-la como mandaram as regras exige uma cultura elevada, a escolha de determinado batom, a técnica de o aplicar da melhor maneira, com pincel ou diretamente, em camadas ou não; equilibrar como deve ser as vantagens e inconvenientes das pestanas postiças, e por fim, harmonizar tudo entre si com o vestido, a estola, o casaco, a iluminação, exigem uma formação especializada. O homem não tem interesse nenhum por isso, não se especializou em nada relacionado com mascaradas femininas, e, assim, é-lhe radicalmente impossível apreciar adequadamente obras de arte ambulantes dessa natureza. Porque para tal é necessário tempo, dinheiro e uma limitação espiritual infinita – condições que encontram exclusivamente nas mulheres.

Por outras palavras: uma mulher só quererá impressionar um homem ao ponto de ele ficar junto dela e de a alimentar – no sentido mais amplo, entenda-se. Tudo o que ela investe em si, para além disso, visa as outras mulheres. Para além da sua função de sustentador, a mulher não liga qualquer importância ao homem.

Quando uma empresa anda em busca de um elemento de trabalho de elevada categoria, procurará atraí-lo, tanto tempo quanto for necessário, com as mais aliciantes promessas, até essa pessoa ceder. A empresa sabe que, assinando o contrato, verá as suas diligências bem recompensadas. Tem sempre a faca e o queijo na mão. Com as mulheres passa-se o mesmo: deixam aos seus maridos a liberdade suficiente para que eles, mesmo assim, prefiram a sua companhia à rescisão do contrato.

Em geral, pode-se comparar muito bem uma mulher com uma firma. Assim como a firma é um sistema neutral, para a obtenção do maior lucro possível, assim a mulher

está ligada ao homem que para ela trabalha, sem amor pessoal, sem malícia e sem ódio. Se ele a abandona, é evidente que se enche de medo, pois a sua existência econômica está em jogo. Mas trata-se aqui de um medo racional, tem origens racionais e admite coma compensação exclusivamente racional – sem se abrirem precipícios. Por exemplo, a de ela poder fazer um novo contrato com outro homem. Esse medo não tem, por conseguinte, nada de comum com os seus sentimentos de um homem que, perante a mesma situação, se consome em ciúme, complexo de inferioridade ou compaixão por si próprio.

Como um homem só abandona uma mulher por causa de outra mulher e nunca para ser livre, não existe para a mulher qualquer motivo para o invejar ou sequer de situação. A aventura existencial que o seu marido vai viver em virtude de um novo amor para com outra mulher, observa-a ela da perspectiva de um pequeno empresário que perde o seu melhor empregado em favor de um concorrente e tem que se dar ao trabalho de arranjar um substituto útil. Desgosto de amor é para uma mulher, na melhor das hipóteses, a sensação de se esfuma um bom negócio.

Por isso, é igualmente absurdo que um homem considere a sua mulher *fiel* só por ela não o enganar com outros homens que, aos seus olhos, são mais atraentes quer ele próprio. Porque havia ela de o fazer enquanto ele próprio. Porque havia ela de o fazer enquanto ele trabalha bem para si e lhe proporciona aquela felicidade que *realmente* lhe interessa? Nada têm de comum, fundamentalmente, a fidelidade de um homem com a de uma mulher: as mulheres são, ao contrário dos homens, insensíveis ao aspecto exterior do seu companheiro. Se uma mulher paquera o melhor amigo do seu marido, pois apenas os sentimentos dessa outra mulher são importantes para ela (se lhe interessante o homem não o mostraria tão abertamente). As novas práticas sexuais em grupo não passam de uma variante da paquera, já ultrapassada em certos setores da sociedade. Também aqui só interessam à mulher as outras mulheres e não os homens. A história está cheia de anedotas de reis e príncipes que se divertiam simultaneamente com várias amantes. É raro aparecem historiazinhas picantes e iguais a respeito de potentados femininos. Uma mulher aborrecer-se-ia mortalmente praticando sexo em grupo só com homens. Isso foi e sempre será assim.

Se as mulheres reagissem ao *aspecto exterior dos* homens, já há muito tempo que a publicidade teria tirado proveito disso. Como as mulheres – graças ao dinheiro que os homens para elas ganharem – dispõem de um poder de compra de longe superior ao dos homens (existem a esse respeito estatísticas concludentes), os fabricantes procurariam obviamente estimular a venda dos seus produtos por meio de fotografias e "slogans" publicitários de homens bonitos e fortes com os caracteres sexuais secundários bem evidenciados. Mas verifica-se precisamente o contrário: para onde quer que se olhe, as agências de publicidade apresentam lidas jovens cuja missão é

tornar tentadora a compra de excursões, automóveis, detergente em pó, aparelhos de televisão ou mobílias de quarto.

Os produtores de filmes só agora começam a descobrir que podem apresentar às mulheres, em vez dos costumados *galãs*, amantes feios como, por exemplo, Belmondo, Walther Matthau ou Dustin Hoffman com o mesmo resultado. Os homens que sob o ponto de vista físico têm um conceito de valor sobre si próprios muito baixo e que só raramente se consideram "belos" – belos, são, a seus olhos, apenas as mulheres – podem identificar-se melhor com atores feios. Desde que os papeis femininos importantes continuem a ser desempenhados por estrelas belas, as mulheres consumirão esses filmes com tanto agrado como aqueles em que aparece Rock Hudson, pois só lhes interessam verdadeiramente as mulheres que neles atuam.

Esta circunstância só não chegou antes ao conhecimento do homem porque ele assiste constantemente à difamação das mulheres umas pelas outras. Se ouve a todo o momento a sua mulher criticar o nariz torto, o peito liso, as pernas em "X" ou as ancas largas de qualquer outra, concluirá logicamente que as mulheres não se podem suportar umas às outras, concluirá logicamente que as mulheres não se podem suportar umas às outras ou que acham as outras totalmente destituídas de graça. Isso é, contudo, uma interpretação errada: um empresário que louvasse constantemente uma firma concorrente perante seus empregados, seria considerado louco. Certamente, dentro de pouco tempo, os empregados o abandonariam. Os políticos têm que representar a mesma espécie de comédia e caluniar-se mutuamente em público. No entanto, Nixon preferiria ser desterrado para uma ilha deserta com Fidel Castro ou Kosygin do que com o homem da rua que elogia e do qual recebeu o seu mandato. Nada o liga ao homem na rua.

Se as mulheres tivessem o suficiente, sob o ponto de vista material, de certo prefeririam juntar-se umas às outras do que aos homens. De forma alguma por serem todas lésbias, – repara -se. O que os homens chamam de disposição lésbica das mulheres tem, provavelmente, pouco a ver com o instinto sexual delas. Não – os dois sexos não têm nenhuns interesses comuns. Portanto, que outra coisa senão o dinheiro manteria as mulheres junto dos homens? Elas próprias teriam entre se muito de comum, pois o intelecto feminino e a vida emocional feminina estacionaram a um nível primitivo, ou seja, geral, e não existem, praticamente, mulheres com inclinações individualistas ou aberrantes. Podermos imaginar facilmente que vida animada elas levariam, umas com as outras, – uma vida paradisíaca talvez, se bem a um nível horrivelmente baixo. Mas quem se incomoda com isso?

O SEXO MAIS BELO

Para um observador extraterreno o homem seria de certeza o ser mais digno de adoração deste planeta. De qualquer modo está fora de dúvida que o acharia muito mais atração atraente do que, por exemplo, a mulher. Pois ele possui duas vantagens em relação a ela: é belo e inteligente.

Só por confusão centenária de todos os padrões de valores, se tornou possível considerar a mulher como o “belo sexo”. Bastava o fato de a mulher ser mais estúpida que o homem, para contrariar essa afirmação absurda. Uma pessoa estúpida nunca pode ser bela, a menos que se tome por base dessa apreciação o aspecto de mero animal do ser humano. E deve salientar-se que é, sobretudo, o próprio homem quem comete o erro de avaliar a mulher segundo critérios que colocam ao mesmo nível seres humanos e animais. Parece que isso é de fato necessário, pois no grupo *homo sapiens* ela não teria as mínimas possibilidades.

Como ainda teremos ocasião de ver, o homem precisa da mulher para se submeter a ela. E para se afirmar aos seus próprios olhos tenta por todos os meios de dotá-la de qualidades tais que justifiquem a sua submissão. Como ela nunca pôs á prova o seu

espírito, ele não a pode facilmente considerar espirituosa (se bem que já tenha feito tentativas nesse sentido, com a invenção do conceito “intuição feminina”). Por conseguinte, chama-lhe bela.

Padrões estéticos forçam a manutenção da subjetividade. Cada juízo estético é um ato de liberdade pessoal. Mas a subjetividade converte-se facilmente em álibi e o homem deixa-se escravizar com prazer. Só porque a mulher se enfeita de determinada forma, que visa atrair sobre si todos os olhares, já o homem pressupõe que ela tem razões para isso. Ele acha que ela é bela, porque ela própria se considera bela. E fica-lhe grato por ela consentir que ele a ache bela.

Ainda por cima ela apóia essa pretensão com um truque. Como o mais elevado ideal da mulher – uma vida sem trabalhar e sem responsabilidades – corresponde ao de uma criança, ela imita a criança. As crianças são “comoventemente” desamparadas, têm um corpinho jeitoso com membros pequeninos e graciosos, e sobre os seus graciosos refegos de gordura, estende-se uma pele imaculada, jovem, delicada. São facilmente levadas ao riso e de modo geral comportam-se de maneira cômica. São uma forma engraçada de adulto – e como não se podem alimentar por si próprias, é natural que se cuide delas e se lhes desviem do caminho todas as dificuldades. Isso é assegurado por um mecanismo biológico: espécies que deixam perecer a sua descendência, desaparecem.

Por meio de uma requintada cosmética que tem em vista conservar o seu ar de bebê e uma tagarelice entre insegura e engraçada, em que desempenham o principal papel exclamações de assombro, surpresa e admiração (Oh, que lindo! É maravilhoso!) a mulher procura simular tanto tempo quanto possível a menina doce e querida. Pois, conservando o seu rosto de criança e uma certa atitude de desamparo, apela para o instinto de proteção do homem, e leva-o a cuidar dela.

Esse calculismo é, como tudo o que a mulher empreende por si, tão estúpido e míope, que chega a ser milagre resultar. É que, enquanto propagandeia o rosto bebê como ideal de beleza feminina, ela terá que verificar, o mais tardar aos vinte e cinco anos, que se encontra num beco sem saída. Não obstante todos os truques da cosmética (em revistas femininas lê-se, com efeito, que a mulher, ao pensar, deve evitar fazer rugas na testa e ao rir-se, rugas na face), é impossível evitar que nessa idade ela não fique com o rosto de pessoa adulta.

Mas que vai o homem fazer com uma mulher adulta, ele que foi domado no sentido de achar lindas, amorosas e necessitadas de auxílio, mocinhas pequenas e gentis?

Que irá ele fazer com uma mulher cujas curvas lisas e firmes se tornaram montões balofos de gordura sob um manto de pele branca e flácida? E cuja voz já não soa como a de uma criança, mas sim, estridentemente? E cujo riso já não é espontâneo e alegre mas sacudido e relinchado? Que fará ele com um espantalho cujo palavreado, repugnante estúpido, lhe dá cabo dos nervos, agora que já não vem de boca infantil, e

em cujo rosto os repetidos “Ahs” e “Ohs” de surpresa cada vez fazer nascer por magia a expressão de espanto ingênuo e cada vez mais, a de imbecilidade? Essa criança mumificada nunca mais voltará a atear ilusões eróticas. Dir-se-ia que terminara, finalmente, o seu poder.

Apesar disso, as contas da mulher batem certas, conforme se disse antes. É que, em primeiro lugar, com o auxílio das crianças que, entretanto, deu á luz, pode simular novamente falta de proteção, e, em segundo lugar, não há no mundo mulheres jovens em quantidade suficiente.

É evidente que, se os homens pudessem escolher, trocariam com todo o prazer os seus bebês-mulheres tornadas adultas por outras mais novas. Mas como a relação numérica entre os sexos é aproximadamente de um para uma, não podendo existir assim para cada homem, em qualquer momento, uma mulher jovem, sobressalente – e como para a sua vida precisa absolutamente de uma mulher – fica junto daquela que já é dele.

É fácil fazer-se a prova dessa afirmação. Quando o homem pode mesmo escolher, escolhe sempre a mulher mais nova. Marilyn Monroe ou Liz Taylor foram ultrapassadas no preciso momento em que as suas rugazinhas deixaram de poder ser disfarçadas: na bilheteria do cinema o homem comprou, simplesmente, o bilhete para ver uma atriz mais nova. Quem a tal se pode permitir financeiramente não escolhe só na bilheteria, mas também na vida. Os donos do mundo das finanças e da alta roda do espetáculo, trocam regularmente as suas esposas gastas por outras mais novas. Como pagam boas indenizações, ninguém leva isso a mal, nem sequer a própria mulher (que ficará provavelmente contente por se libertar do homem em condições tão favoráveis).

Mas esse luxo só é acessível aos homens ricos. Quando um pobre diabo se torna arrojado e num momento de excesso e cegueira casa novamente com uma mulher jovem, pode estar certo que a breve trecho e perderá por seu dinheiro não chegar para o sustento de duas mulheres (e seus filhos que a segunda também quererá ter). Se uma mulher nova e bela puder escolher entre um homem mais velho e um mais jovem com os mesmos rendimentos, dará sempre a preferência ao mais jovem, não, porém, em virtude dessa juventude a influenciar por simpatia ou motivos estéticos, mas por saber que o mais novo poderá cuidas dela durante mais tempo. As mulheres sabem exatamente o que podem esperar de um homem, por isso sabem também como deverão decidir-se. Presumivelmente, jamais aconteceu uma mulher preferir um homem pobre de vinte anos a um rico de quarenta.

É uma felicidade para as mulheres adultas que os homens não se achem a si próprios belos. No entanto, os homens são na sua maioria lindos, Como os seus corpos elegantes, treinados pelo trabalho, os seus ombros fortes, as suas pernas musculosas, a sua voz melodiosa, o seu riso quente e humano, a expressão inteligente do seu rosto e os seus movimentos equilibrados – isto é, com sentido – deixam a perder de vista tudo

o que a mulher algum dia pudesse ser, mesmo contemplando-a sob o prisma de simples animais. E como, ao contrário das mulheres, eles trabalham e continuam a utilizar constantemente o seu corpo de maneira sensata, este mantem-se belo durante mais tempo. O dela, em virtude da falta de treino, depressa entra em decadência e depois dos cinqüenta anos nada mais é que um monte de células humanas (basta observar nas ruas as donas de casa cinqüentenárias e comparar o seu aspecto com o dos homens da mesma idade).

Mas os homens não sabem que são belos. Ninguém lhes diz isso. Muito se fala da "graça" das mulheres, do "encanto" das crianças, da "fascinação" do mundo dos animais. Porém, quando se fala do homem, elogia-se quando muito a sua coragem, a sua valentia, a sua determinação, – uma série de atributos relativos à sua possibilidade de utilização para as intenções das mulheres, e nunca ao seu aspecto exterior. Parece que fora dos livros de ensino médico não existem nenhuma descrição do homem que se detenha muito tempo com a formação dos seus lábios, a cor dos seus olhos sujeitos a esta ou aquela iluminação, o forte crescimento dos seus cabelos a delicadeza dos seus mamilos ou a boa proporção dos seus testículos. E o próprio homem ficaria imensamente admirado e divergido se alguém o elogiasse por causa dessas características do seu corpo.

O homem não está habituado a que se fale da sua aparência física. A mulher adulta, que na maioria dos casos é feia e teria, portanto, um pretexto, suficiente para se entregar à admiração do homem (e, além disso, com tempo para o fazer), não o vê. Não se trata de má vontade ou até de calculismo, mas para ela o homem é apenas uma espécie de máquina sob pontos de vista estéticos mas sim funcionais. O homem é da mesma opinião e pensa sobre si da mesma maneira. Os homens estão demasiadamente apegados ao trabalho e desgastados pela permanente apegados ao trabalho e desgastados pela permanente luta contra a concorrência para que possam observar-se a si próprios e reconhecer as suas próprias qualidades.

Mas, sobretudo, os homens não querem é mesmo saber se são belos ou não. Para dar um sentido à sua luta *têm de ser* as mulheres as belas, as desamparadas, as dignas de adoração. E por esse motivo continua a chamar-lhes, na falta de uma definição mais exata para as suas impressões contraditórias, o "belo sexo".

O UNIVERSO É MASCULINO

O homem – ao contrário da mulher – é belo, por que – ao contrário da mulher – é um ser intelectual.

Isso significa que:

O *homem é curioso* (quer saber o que se passa no mundo que o rodeia e como ele funciona).

O *homem pensa* (tira conclusões dos dados que se lhe deparam).

O *Homem é criador* (faz coisas novas a partir dos seus conhecimentos sobre o que existe).

O *homem sente* (na sua escala de sensibilidade, extraordinariamente ampla e multidimensional, não se limita a registrar o comum nas suas “nuances” mais imperceptíveis. Também cria e descobre novos valores de sensibilidade que torna acessíveis a outros através de descrições tocantes ou de obras de arte).

A curiosidade é de todas as qualidades do homem, certamente, a mais expressiva. Essa curiosidade é de tal forma da curiosidade feminina que precisa, sem dúvida, de alguns esclarecimentos.

A mulher interessa-se fundamentalmente apenas pro coisas que pode utilizar diretamente com proveito próprio. Se, por exemplo, lê no jornal um artigo político, é muito mais provável que queira cativar o estudante de ciências políticas que o escreveu do que ligue importância à sorte dos chineses, israelitas ou sul-africanos. Se busca no dicionário o nome de um filósofo grego, isso não significa um súbito interesse por filosofia grega, mas sim que lhe falta essa palavra para solucionar um problema de palavras cruzadas. Se estuda o anúncio de um automóvel novo, é por desejar esse automóvel e não por uma espécie de interesse platônico pela técnica.

É um fato a maioria das mulheres – incluindo as mães – não ter a mínima noção de como se origina o ser humano, como este se desenvolve no seu ventre e que fazes atravessa até o nascimento. Evidentemente que seria um supérfluo ter conhecimento desses assuntos, já que nenhuma influência poderia ter sobre o feto. Para ela o importante é saber que uma gestação dura nove meses, que durante esse tempo deve poupar-se, e, caso surjam complicações, deve ir imediatamente ao médico, o qual, evidentemente, porá tudo em ordem.

A curiosidade do homem é, ao invés disso, algo de muito diferente: basta-se a si própria e não estando relacionada com nenhum efeito útil imediato é, contudo, mais útil que a da mulher.

Basta passarmos uma vez por um local em obras, onde esteja a trabalhar uma nova máquina, por exemplo, uma nova espécie de draga. Raros serão os homens – qualquer que seja a sua origem e classe social – que passem por lá sem se deterem pelo menos um bocado a olhar para ela. Muitos chegam a parar. Observam e conversam sobre as qualidades da nova máquina, quais o seu rendimento, porque dá esse rendimento e até que ponto se distingue dos modelos já conhecidos.

Não lembraria a uma mulher ao pé de uma obra, ao menos que a aglomeração de pessoas fosse tal que ela pensasse que poderia ser uma sensação excitante ("Trabalhador esmagado por *bulldozer*"). Num caso desses, informar-se-ia pessoalmente e viraria as costas.

A curiosidade do homem é universal. Não há, por princípio, nada que não lhe interesse, quer se trate de política, botânica, técnica atômica ou outra coisa qualquer. São também objeto do seu interesse assuntos fora da sua esfera de ação, tais como, por exemplo, conservar fruta, amassar bolos, cuidas do bebê. E não seria possível um homem estar nove meses grávido sem se interessar de todos os pormenores sobre a função da placenta e dos ovários.

O homem não só observa tudo o que se passa em seu redor (e de modo geral no mundo) como também interpreta. E como procura informar-se sobre tudo, não lhe é difícil estabelecer comparações, reconhecer no que vê determinados princípios –, sempre com o objetivo de fazer, a partir disso, algo de novo.

Não é necessário frisar que todas as invenções e descobertas do mundo têm sido feitas por homens, quer se trate de eletricidades, aerodinâmica, ginecologia, cibernética, mecânica, física quântica, hidráulica ou teoria da hereditariedade. Também foram deduzidos por homens os princípios da psicologia infantil, da alimentação de lactantes ou da conservação de refeições. Sim, até mesmo a evolução da moda feminina ou algo de tão banal como a descoberta de novas seqüências de pratos ou novos sabores estão tradicionalmente entregues aos homens. Se se procura algo de muito especial, uma experiência nova, para satisfazer o paladar, não a vamos encontrar, regra geral, em casa, mas, num restaurante onde, evidentemente, a comida é preparada pelo homem. A sensibilidade de paladar das mulheres é – mesmo que tivessem a intenção de descobrir uma nova receita – de tal modo limitada e tão embotada pela preparação das refeições diárias desprovidas de fantasia, que não o conseguirem. Não existem apreciadoras de boa comida, as mulheres não servem absolutamente para nada.

O homem, porém, que reúne em si todas as condições espirituais e físicas para uma vida rica, livre e digna de um ser humano, prescinde da regalia e, em vez disso, leva uma vida de escravo. E que faz ele de todas as suas magníficas qualidades? Coloca-as ao serviço de quem não as possui, isto é, "da humanidade" e pensa, justamente, nas mulheres e nos filhos delas.

Chega a ser realmente irônico que aqueles (leia-se as mulheres) que têm condições para levar uma vida ideal não a queiram e aqueles (leia-se os homens) que estão dispostos a facultar uma tal vida, graças ao seu sacrifício, não estejam nela interessados. Habituamo-nos de tal maneira ao mecanismo cego da exploração unilateral de um grupo por uma clique de parasitas, que todos os conceitos de moral se pervertem completamente. Achamos tão natural vermos Sisifo no sexo masculino, que vem ao mundo para aprender, trabalhar e procriar filhos e por aí fora, que já não podemos imaginar o homem vivendo neste mundo com outra finalidade.

Um jovem que cria uma família de daí em diante dedica toda a sua vida, e na maioria dos casos em atividades estúpidas, ao sustento da mulher e dos filhos é tido na conta de honesto. Um que não se prende, que não procria filhos, que vive hoje aqui, amanhã ali, que faz uma coisa hoje, outra amanhã – porque lhe interessa, e par se sustentar a si e somente a si – e quem enfrenta a mulher, quando a encontra, como homem livre e não na qualidade uniformizada de escravo, é expulso da sociedade e desprezado.

É deprimente ver como os homens no seu dia-a-dia traem aquilo para o que nasceram. Como eles, em vez de explorarem com o seu espírito, a sua força e a sua prodigiosa energia novos mundos com os quais nem ousamos sonhar, em vez de tornarem a vida infinitamente rica e digna de ser vivida (a sua própria, que as mulheres totalmente ignoram), renunciam a todas essas enormes possibilidades e ajustam

voluntariamente o seu corpo e o seu espírito aquele modelo mesquinho que serve para satisfazer as repugnantes necessidades primitivas das mulheres.

Tendo na mão a chave de todos os segredos do universo os homens descem voluntariamente ao nível das mulheres e passam a ser leais a elas. Como o seu espírito, força e fantasia que os predestinam para as novas e grandes realizações, apenas conservam e melhoram o que já existe. E, se inventam algo de novo, fazem-no sempre com o álibi de que mais cedo ou mais tarde isso será útil "a toda a humanidade" (ou seja, à mulher).

Vão ao ponto de pedir desculpa pelas suas façanhas, pedem desculpa por efetuarem viagens interplanetárias e voarem para a Lua em vez de produzirem mais conforto corporal para as mulheres e para os filhos delas. O esforço mais penoso nas suas descobertas tam sido sempre a sua tradução em linguagem inteligível para as mulheres. É o caso, por exemplo, dos comerciais da televisão onde, entre tagarelices de crianças e sussurros adocicados de amor, chamam a atenção das mulheres e as convidam, amavelmente, a utilizar as novas realizações. Pois, devido à sua comprovada falta de fantasia, jamais as mulheres sentem, *a priori*, a necessidade de quaisquer invenções – se ela existisse as próprias mulheres seriam capazes de realizar uma descoberta, pelo menos uma única.

Habituamo-nos tanto a que os homens façam tudo com vista à mulher, que nem sequer consideramos a hipótese de as coisas se passarem de outra maneira. Que os compositores, por exemplo, pudessem compor outras obras sem ser canções de amor (dependência). Que os escritores não mais escrevessem romances e poesia amorosa (dependente) mas, sim, arte. Que aconteceria se os pintores acabassem de vez com os seus nus e perfis de mulheres (pintados abstratamente ou de modo convencional) e nos proporcionassem obras *novas*, que nunca tivéssemos visto?

Devia ser viável os cientistas não voltarem a dedicar as obras científicas às suas mulheres (que nunca as entenderão), os cineastas não fazerem pesar sobre as idéias dos seus filmes corpos femininos de seios abundantes, os jornais não se desculparem obrigatoriamente das reportagens de viagens espaciais com fotografias ampliadas de mulheres louras de astronautas e também os astronautas não pedirem para de Terra lhes transmitirem cançonetas lânguidas de amor (dependência).

Não fazemos a mais leve idéia de como seria um mundo em que os homens empregassem na solução de problemas reais a fantasia que utilizam para fabricar panelas de pressão, que aqueçam ainda mais depressa, detergentes que lavem branco, veludos de cor mais resistente e batons mais fixos que não desapareçam com o beijo. Um mundo no qual, em vez de procriarem filhos (que por sua vez procriassem filhos) e, assim, continuassem empurrando a vida para diante, eles próprios se dedicassem a viver. Um mundo no qual eles, em vez de quererem constantemente investigar a "enigmática" psique da mulher – só lhes parece tão enigmática porque,

enigmaticamente, nada lá existe susceptível de ser pesquisado – investigassem a sua própria psique, ou refletissem sobre a possível psique de possíveis seres vivos existentes em outros planetas e imaginassem métodos para estabelecer contacto com eles. Um mundo em que construíssem naves espaciais cada vez mais aperfeiçoadas que os levassem a outros mundos quase tão depressa como a luz e nos relatassem coisas com que nem sequer sonhamos, vez de fabricarem armas para guerra cujo único fim é proteger a propriedade privada (que só é útil às mulheres).

Infelizmente, sucedeu que os homens, marcados pela vontade e a capacidade de refletir sobre todas as coisas, declararam tabu tudo o que diz respeito às mulheres. O pior é que os tabus são tão eficazes que já ninguém os reconhece. Os homens fazem guerras *das mulheres* sem nunca pensarem nisso, ajudam a criar os filhos *das mulheres*, constroem as cidades *das mulheres*. E essas mulheres tornam-se simultaneamente mais preguiçosas, mais estúpidas e, materialmente, mais exigentes. E cada vez mais ricas. Por meio de um sistema primitivo mas eficiente de exploração direta, casamento, divórcio, sucessão, seguros de viuvez e de vida, enriquecem incessantemente. Nos Estados Unidos da América, onde o número de anos, sabe-se que as mulheres dispõem de mais de metade da propriedade privada social. O panorama não deve ser substancialmente diferente nos países mais progressivos da Europa. Dentro em breve a mulher não terá apenas o poder psicológico sobre o homem como também o poder material absoluto.

O homem ignora-o e continua a procurar a sua felicidade na sujeição. Esta teria de certo modos uma justificação poética, caso a mulher fosse aquilo por que ela a toma. Se ela fosse aquele ser terno e gracioso, aquele anjo de um mundo melhor, bom demais para ele homem e para este mundo.

Como é possível que sejam precisamente os homens, que tudo o mais querem saber, aqueles que fecham os olhos a esses fatos tão simples? Que não reparam que nada mais há nas mulheres que uma vagina, um par de seios e alguns cartões perfumados com expressões estúpidas e estereotipadas? E que elas não passam de conglomerados de matéria, montões de pele humana empalhados, que têm pretensões a seres pensantes?

Se os homens parassem uma vez só no meio da sua cega produtividade e se pusessem a pensar, teriam forçosamente que desmascarar num instante as mulheres com os seus colarzinhos, as suas blusinhas de folhos e sandaliazinhas douradas e construírem em poucos dias, graças à sua própria fantasia, inteligência e energia, uma espécie de máquina semelhante ao homem que substituísse perfeitamente a mulher, a qual, nem no aspecto exterior, é um ser original. Porque razão têm os homens medo da verdade?

A ESTUPIDEZ DA MULHER FAZ DELA UMA SANTA

Só os oprimidos sentem precisão da liberdade. Mal se libertam – partindo do princípio que são suficientemente inteligentes para avaliar essa liberdade com todas as suas conseqüências – transforma-se no oposto esse sua precisão de liberdade: enchem-se de receios e começam a ansiar pela segurança da dependência.

Nos seus primeiros anos de vida nenhum ser humano é livre. Está entalado entre as regras dos adultos e, como ele próprio não tem ainda experiência de comportamento social, é totalmente dependente dessas regras. Manifesta, portanto, um desejo ardente de liberdade, nada deseja tão veementemente como escapar da sua prisão, o que faz na primeira oportunidade. Quando finalmente se encontra livre, se for estúpido – e as mulheres são estúpidas – sentir-se-á muito bem na sua liberdade e procurará conservá-la. Uma pessoa estúpida não pensa abstratamente, não deixa o seu próprio campo e não conhece, portanto, medo existencial. Não receia a morte (não a pode imaginar) e não se interroga acerca do sentido da vida: todas as suas ações têm na realização dos seus apetites de conforto um sentido imediato e isso basta-lhe. É também alheia a necessidades religiosas. Mas se alguma vez elas surgem, as satisfaz imediatamente em

si própria, pois é típico dos estúpidos serem capazes de admirar desinibidamente a sua própria pessoa (se uma mulher adere a uma religião, ela o faz só para entrar no céu – o bom Deus nada mais é do que o homem que lhe consegue isso).

A posição do ser inteligente (do homem) é completamente diferente: é certo que ele, a princípio, sente a libertação como um alívio imenso, extasia-se com as perspectivas grandiosas da sua independência, mas logo que faz uso dessa liberdade, portanto, logo que, por um ato livre, se quer comprometer num ou noutro sentido, começa a ser presa do medo; como está apto a pensar abstratamente também sabe que cada um dos seus atos alberga a possibilidade de inúmeras conseqüências – resultados que ele não pode prever na sua totalidade apesar de sua inteligência e pelos quais, em virtudes de se decidir livremente por esse ato, é plenamente responsável.

Com que agrado mais se abalançaria a nada com receio das conseqüências negativas das suas ações! E como isso não é possível – o homem está condenado a agir – começa a ansiar pelo regresso às regras fixas da sua infância, a ansiar pelo regresso às regras fixas da sua infância, a ansiar por alguém que lhe diga o que tem ou não tem que fazer e que lhe dê novamente uma finalidade às suas ações, agora vazias de sentido (é certo que, no fim de contas, essas ações servem à sua própria necessidade de conforto, mas para que serve o *homem em si*?), permitindo-lhe aliviar a sua grande responsabilidade. E procura um deus que substitua o deus da sua infância – a sua mãe – ao qual se possa submeter incondicionalmente.

Para esse efeito preferiria, é certo, um deus mais severo mas também mais justo, mais sábio e mais onisciente, como, por exemplo, o dos judeus, dos cristãos ou dos maometanos. Mas como é inteligente sabe que, evidentemente, não pode haver um deus assim, que cada adulto é por definição o seu próprio deus e que, por conseqüência, só pode satisfazer o seu prazer pela falta de liberdade (o regresso a um estágio semelhante à dependência da primeira infância dá-lhe um prazer profundo) mediante regras por ele próprio formuladas – lança-se à invenção dessas regras (deuses).

Sem o saber, realiza tudo isso juntamente com outros. Como eles, registra as suas experiências individuais, compara-as com as dos outros, reconhece elementos comuns e simplifica tudo, inconscientemente, em regras, inventando desse modo leis para comportamento futuro “com sentido” (ou seja, um comportamento útil para alguém ou algo que não ele), leis às quais se submete voluntariamente. Os *sistemas* com esse processo de formação são desenvolvidos coletiva e individualmente e tornam-se a breve trecho tão complexos que o indivíduo acaba por não poder abarcá-los – ganham autonomia e tornam-se “divinos”. Já só é possível *confiar* nas suas leis – assim como a criança inexperiente tinha de confiar nas leis dos pais, sensatas umas, insensatas outras. Controlar essas leis é inviável, e, quando da sua violação, surge logo a ameaça da expulsão da comunidade e da perda da segurança. Marxismo, amor ao próximo, racismo ou nacionalismo são exemplos desses sistemas inventados, e os homens que conseguem

satisfazer através deles as suas necessidades religiosas tornam-se consideravelmente imunes à submissão a uma só pessoa (mulher).

Contudo a grande maioria dos homens submetem-se de preferência e conscientemente aos deuses exclusivos mulheres (chamam a essa submissão *amor*) pois possuem, para satisfazer as necessidades religiosas dos homens, os mais favoráveis pressupostos: a mulher está sempre à disposição do homem, não tem necessidades religiosas próprias e é, portanto, nesse sentido, verdadeiramente "divina". Como está constantemente a fazer exigências, o homem nunca se sente por ela abandonado (como deus, ela esta sempre presente). Torna-o independente de deuses coletivos que teria de dividir com concorrentes. Parece-lhes digna de confiança porque, identificando-se com a sua mãe, se assemelha ao deus da sua infância. Ela dá à sua vida sentido artificial, porque tudo o que ele faz serve para o conforto dela, não dele (e posteriormente, para o conforto dos filhos). Como deusa, pode não somente castigar (tirando-lhe segurança), como também recompensar (proporcionando-lhe prazer sexual).

Os pressupostos mais importantes para sua divindade são, no entanto, a sua tendência para mascaradas e a sua estupidez. Um sistema qualquer tem que impressionar os seus crentes ou pela superioridade da sua sabedoria ou confundindo-os pela sua ininteligibilidade. Como a primeira das hipóteses não se aplica às mulheres, aproveitando a segunda. A sua mascarada faz com que ela pareça ao homem estranha e misteriosa, a sua estupidez torna-a inatingível às suas tentativas de controle. Pois, enquanto a inteligência se exprime em ações compreensíveis e lógicas e é, portanto, mensurável, computável, computável e controlável, as ações dos estúpidos carecem de toda e qualquer justificação e não se podem prever nem examinar. Assim, encontra-se mulher, à semelhança dos papas e ditadores, ao abrigo de ser desmascarada, graças a uma muralha protetora feita de pompa, palhaçada e mania dos segredos. Pode ampliar cada vez mais o seu poder e é precisamente por isso que garante ao homem, e longo prazo, a satisfação das suas necessidades religiosas.

ATOS DE AMESTRAÇÃO

Para que o homem no seu prazer pela escravidão se submeta de fato à mulher e não, porventura, a outros homens, a determinada espécie de animais ou a um dos citados sistemas, ela preparou para a vida dele uma série de atos de amestração que cedo lhe começa a ensinar. Resulta a seu favor que é precisamente nessa altura que ele está mais dependente dela, é enquanto criança que ele mais facilmente se deixa domar. E, por seleção natural, sucede que as mulheres que mais estão para domar o homem – as outras, aliás, que não se podem reproduzir: azar delas!...

Bastaria o fato de o homem, desde início, estar habituado a ter uma mulher à sua volta, a sentir como "normal" a sua presença e como "anormal" a sua ausência, para mais tarde o tornar, de certo modo, dependência dela. Esta dependência, porém, não seria marcante, pois uma vida sem mulher equivaleria nesse caso tão somente a uma mudança de ambiente. Quem se criou na montanha e mais tarde vem habitar na planície terá provavelmente saudades da montanha, mas só por isso não voltará para lá. Há coisas mais importantes.

Não seria também de interesse para a mulher criar no homem apenas uma saudade romântica e secundária, espécie de nostalgia, que só é sentida e à distância, e não leva a nenhumas conseqüências. Para ela é importante educar o homem diretamente para os frutos desse trabalho. Sendo assim, ela procurará em primeiro lugar condicionar nele uma série de reflexos, que o motivem à produção de todos os valores materiais de que ela precisa. E consegue-o, domando-o desde o primeiro ano, segundo a sua própria escala de valores. Isso leva o homem a equiparar, por fim, o seu valor à utilidade que tem para ela e a sentir-se feliz unicamente quando é valioso para ela, quer dizer, quando produz algo a que ela dá valor.

A mulher em si torna-se para ele uma espécie de escala através da qual pode ler a cada momento o valor ou desvalor de determinada atividade. E quando faz algo que, segundo essa escala, não tem qualquer valor – como, por exemplo, jogar futebol – procurará compensar essa deficiência tão depressa quanto possível por atividade incrementada num dos campos de ação abrangidos pela escala (é por essa razão que os jogos de futebol e outras manifestações esportivas são de bom grado toleradas pelas mulheres até um certo ponto).

De todos os métodos de amestração de que a mulher se serve para a educação do homem, o que mostra ser mais útil é o do *elogio*: é um método com que se pode começar muito cedo e que conserva até os últimos dias a sua crescente eficácia (ao contrário, por exemplo, da amestração pelo sexo que só é praticável dentro de um curto período). O método do elogio é tão eficiente que, devidamente doseado, até permite prescindir do seu oposto, a censura: alguém que esteja habituado ao elogio, sentir-se-á, sem ele com se tivesse sido censurado.

A amestração pelo elogio tem, entre outras, as seguintes vantagens: torna o elogiado dependente (para que o elogio tenha valor tem de provir de alguém superior, o elogiado elevará pois o elogiador a um nível elevado); aumenta o seu rendimento (é conveniente o elogio não ser conferido sempre pelo mesmo resultado do trabalho, mas sim por um resultado sempre superior).

Logo que um bebê é elogiado pela primeira vez por não ter feito as suas necessidades na cama mas no bacio, ou quando ele reconhece, num sorriso benévolo ou nalguma daquelas conhecidas locuções entre alegres e idiotas, um elogio por ter bebido o biberão até o fim, entra no círculo diabólico. Para voltar a beneficiar daquele elogio que tão bem lhe soube, procurará na primeira oportunidade repetir precisamente aquilo que provocou essa sensação. Se um dia falta o elogio, ele sente-se infeliz e fará tudo em que veja a mínima hipótese de obter de novo aquela felicidade em que se viciou.

Evidentemente que um bebê também se encontra à mercê de atos de amestração. Durante os dois primeiros anos de vida, a mulher mal estabelece qualquer diferença entre os seus filhos dos dois sexos. Mas a amestração termina, no caso das meninas,

mal aprendem as regras de higiene. Os caminhos separam-se e quanto mais progride na idade mais a moça é educada para exploradora e o rapaz, para explorado.

Um meio importante são os brinquedos infantis. Fomentando primeiro o instinto de brincar das suas criancinhas e utilizando-o depois, a mulher, como por acaso, vai conduzindo-as na direção desejada. À menina dá bonecas e assessórios de bonecas: berços, caminhas, louças em miniatura; ao rapaz, tudo o que as meninas não recebem: caixas de construção, modelos de trens elétricos, carros de corrida, aviões. Desse modo a criança feminina tem muito cedo a oportunidade de se identificar com a mãe, de aprender o papel da mulher. Aplica os seus sistemas de amestração nas bonecas, elogia e censura, tal como é elogiada e censurada, aprende brincando as regras básicas da condução dos seres humanos. E como também a menina não pode prescindir de elogio, só o recebendo, no entanto, pela sua identificação com o papel de mulher, mais tarde não quererá ser senão "feminina". A instância decisiva para ela serão sempre mulheres, nunca homens, porque só as mulheres podem avaliar como ela desempenha bem esse papel (aos homens ensina-se que o papel da mulher é inferior, por isso não interessam como elogiadores).

A criança masculina é aplaudida por tudo menos pelo jogo com seres humanos em miniatura. Constrói modelos de represas, pontes, canais, desmancha, por curiosidade, automóveis de brincar, dá tiros com pistolas de mentirinha e exercita-se em tudo o que mais tarde virá a precisar para sustento da mulher. Quando o rapaz chega à idade escolar já conhece as leis básicas da mecânica, da biologia, da eletrotécnica. Por experiência própria, sabe construir cabanas com tábuas e defendê-las em brincadeira de guerra. Quanto mais iniciativa revelar, mais seguramente colherá elogios. É que a mulher está interessada em que ele, dentro de pouco tempo, saiba mais do que ela – ela própria mal se poderia manter viva com os conhecimentos que possui, num mundo sem homens – e que ele se torne completamente independente dela em tudo o que se referir ao trabalho. É certo que o homem, para ela, não é mais que uma máquina, mas não uma máquina vulgar: uma dessas teria que ser manobrada por ela convenientemente ou teria, pelo menos, que ser programada. Se uma mulher soubesse o que isso significa, passaria a designá-lo com uma espécie de autômato provido de consciência, apto a programar-se a si mesmo (e, portanto, a desenvolver-se progressivamente) e a adaptar-se de maneira ideal a cada nova situação com um novo programa (também os sábios se dedicam ao desenvolvimento de tais autômatos que para eles trabalharem, decidem e pensam e põem à disposição daqueles os frutos da sua atividade – evidentemente que se trata de autômatos sem vida).

Assim tornou-se o homem a tal ponto viciado no elogio, mesmo antes de ter podido decidir-se independentemente por um outro modo de vida, que só se sente bem exercendo aquelas atividades pelas quais é elogiado por alguém. E como está viciado precisará cada vez mais de aplauso e para isso terá de realizar feitos cada vez

maiores, sempre de acordo com os objetivos das mulheres. Claro que, em princípio, o elogio também poderia ser feito por um homem, mas os homens – precisamente por esses motivos – estão permanentemente ocupados e enfrentam-se em concorrência hostil. É por essa razão que qualquer homem, logo que pode dar a esse luxo, arranja um elogiador privativo, exclusivo, para sua casa: alguém a quem ele possa a todo o momento possa perguntar se foi ou não bom e honesto e quão honesto. A mulher é, aparentemente por acaso, a intérprete ideal desse papel – mas foi ela quem montou toda a cena, esperando ser chamada a interpretá-lo.

É raro um homem conseguir quebrar essa corrente – talvez um artista com sucesso ou um sábio o conseguisse – e receber de outros homens o aplauso de que urgentemente necessita. Nesse caso, é certo que se tornará independente das mulheres, mas nunca se libertará do vício do elogio. A prova é que um homem que teve sucesso num determinado setor e cuja existência está, pois, garantida materialmente, nunca se dedica voluntariamente a outro, para experimentar as suas aptidões e satisfazer a sua curiosidade. Regra geral, trabalha sempre no setor em que já foi alvo de elogios – como, por exemplo, Miro com sua técnica traço-ponto, Strauss com suas valsas ou Tennesse Willians com os seus dramas de mulheres. Ele teme o risco de ser *o padrão de si próprio*.

Daí à suspeita de que o chamado estilo "pessoal" de um artista não seja nada de positivo, a distância é curta. Um autor como Beckett, que ao longo de vinte anos produz continuadamente variantes de Godot, não o faz por mero prazer (é demasiado inteligente para isso). Ele teme o risco – viciado pelo elogio – como uma cura de desintoxicação. Imagine-se se ele pudesse libertar-se do seu comportamento condicionado! Há muito tempo que teria feito outra coisa, talvez construir aviões (a mecânica segura das suas peças permite deduzir aptidão técnica), cultivar plantas raras ou pelo menos escrever uma só comédia que fosse (tanto êxito anula seguramente o maior desespero). Talvez uma comédia em que uma mulher estivesse metida até a cintura num monte de terra e procurasse uma escova de dentes, como em "Dias Felizes". Talvez que até tivesse sucesso junto do público. Mas é evidente que uma tal experiência seria demasiado arriscada para homem domado segundo o princípio do rendimento do trabalho. Por essa razão é que um autor como Beckett continua escrevendo dramas sobre o absurdo do instinto de viver, pois, aí tem o elogio garantido.

AMESTAÇÃO POR AUTO-HUMILHAÇÃO

Um homem com sentido de crítica dirá por acaso, às vezes, que as mulheres não tem noção de honra – quando vê a falta de vergonha com que confessam a sua ignorância em todos os campos da sabedoria. Esquece facilmente que deve os seus próprios conceitos de honra, orgulho, dignidade, etc., à domação feminina. Que só se tornou honrado, orgulhoso, cavalheiro, porque foi, para isso, amestrado por uma mulher. E que essas qualidades – que constituem a sua masculinidade, de que ele tanto se orgulha – estão tanto mais fortemente arraigadas ao seu caráter, quanto mais profunda foi a amestração. Ele próprio em nada contribui para isso.

Em qualquer compêndio de psicologia pode ler-se que a melhor maneira de estimular o trabalho da criança é através da confiança em si própria. É, no entanto, impossível que uma criança ganhe confiança em si própria, pelos seus próprios meios: nasce num ambiente onde tudo lhe é superior e onde não chegaria a nada só com as suas forças.

A mulher, interessada em fazer duma criança masculina um ser humano, que não só venha a sustentar-se como a outras pessoas, visará antes do mais, com a sua educação,

cultivar nela a confiança em si mesma. Na medida em que os consegue reconhecer, tornará ridículo aos olhos do filho os perigos da existência, ocultar-lhe-á a possibilidade da sua própria morte (prometendo-lhe, por exemplo, uma vida eterna como recompensa de bom comportamento no sentido em que ela o entende) e provocará nele, assim, aquela disposição fundamental imbecil-otimista que o prepara da melhor maneira para os seus atos de amestração. Um dos métodos que servem para fazer aumentar a consciência do seu valor e, portanto, o nível do rendimento do seu trabalho é, como já vimos, um elogio. Um outro é a *auto-humilhação* da mulher.

Se a mulher não fosse intelectualmente superior a uma criança dela nascida, pelo menos durante os primeiros anos de vida, a humanidade já teria deixado de existir há muito tempo. Contudo, uma boa mãe sempre terá o cuidado de fazer com que essa superioridade inicial não tolha o desenvolvimento da criança, a ponto de, mais tarde, isso se voltar contra si, e evitará que a criança se mantenha agarrada às saias mais tempo do que o estritamente necessário. Procurará transmitir o mais depressa possível a essa criança, sobretudo se se tratar de um filho, uma sensação de superioridade sobre ela. Uma espécie de antecipação dos trabalhos que virá a ter posteriormente, o que lhe dará a primeira confiança em si próprio. Emprega para esse efeito um artifício, tanto mais freqüentemente quanto mais progride a evolução do presuntivo homem: faz-se ainda mais burra do que já é, e dá-lhe desse modo uma vantagem que ele, se quiser vir a ser um verdadeiro homem (e ela fará força nesse sentido), não mais deverá perder.

Como o valor das mulheres na sociedade não é medido pela sua inteligência mas sim por outros pontos de vista (no fundo não se mede absolutamente nada: o homem precisa dela e basta), podem-se dar ao luxo de se fazerem e de serem tão burras, quando lhes apetece. Nesse ponto, as mulheres procedem do mesmo modo que os ricos em geral. A esses, também não interessa se são ou não inteligentes, importa é que sejam *ricos*. Se Henry Ford II tivesse a capacidade intelectual de uma das clientes habituais de Tiffany* (célebre joalheria da Nova York), não seria por isso menos bem aceito na sociedade. Só ao seu chofer é que isso não seria permitido. Tal como um rico, uma mulher pode mostrar qualquer fraqueza – e pode afirmar-se com razão que ela tem todos os pontos fracos possíveis – sem que daí resulte para si qualquer desvantagem. Por outras palavras: uma mulher pode ser tão burra quanto quiser – o homem, mesmo assim, levantará para ela os olhos e não desejará prescindir da sua companhia.

A sua fórmula de conjuração é muito simples: trabalhar é masculino, nada fazer é feminino. Proclama, é certo, que o homem se encontra numa situação invejável, é forte e livre, enquanto ela é fraca e vive acorrentada ao lar pelo sagrado fardo da maternidade. Que não é corporalmente apta para trabalho valioso.

O homem segue voluntariamente essa mitologia e a acha lisonjeira. Não lhe ocorre que também o elefante é forte, mais forte ainda que o próprio homem, e que, todavia, para a maioria dos trabalhos, o homem é mais apto que os elefantes.

É evidente que a mulher esconde do homem que, em comparação com ele, não faz quase nada. A verdade é que ela está constantemente ocupada com qualquer coisa. Ela diz apenas que tudo o que faz é inferior comparado com o trabalho dele. Sugere-lhe que os divertimentos idiotas a que se entrega durante o dia (engomar, fazer bolos, embelezar o lar) são trabalhos necessários para o bem da família e que ele pode dar-se por feliz em ter uma mulher que lhe tira dessas obrigações. O homem, que não suspeita que tais ocupações dão prazer a ela, dar-se-á por feliz.

Dividindo a mulher todos os trabalhos em "masculinos" e "femininos", "dignos" e "indignos", sobrecarregando-os assim de valores sensíveis, a que, passado algum tempo, ninguém se pode subtrair, torna-se ela própria incontrolável e obtém desse modo, na sua esfera de poder, a plena liberdade dos loucos. Seja o que for que ela faça – em comparação com o trabalho do homem – isso não terá valor algum: ela é a primeira a dizê-lo, e porque haviam de os homens de querer controlar se ela diz a verdade?

É evidente que, se o homem quisesse, poderia desmascarar a terminologia feminina que chama aos trabalhos "masculinos" e "femininos", respectivamente, "pesados" e "leves": o trabalho dos homens é, na maioria dos casos, pesado, o trabalho doméstico é sempre leve. Com as máquinas que o homem inventou para esse fim, o trabalho de um lar de quatro pessoas é feito, sem dificuldade, em duas horas da parte da manhã. Tudo o que as mulheres fazem além disso é supérfluo, serve-lhe de divertimento e para a conservação dos seus símbolos idiotas (cortinas de rendas, canteiro de flores, polimento de elevado brilho): designando isso por trabalho, não fazem mais que mentir propositada e vergonhosamente.

O trabalho doméstico é tão leve que em casas de saúde psiquiátricas é tradicionalmente feito pelos doentes que não servem para mais nada. Quando as mulheres se queixam de não receber dinheiro extra por esse trabalho (não exigem muito, apenas o ordenado de um mecânico de automóveis) não fornecem senão mais uma prova de como esse "trabalho" as atrai. Tais exigências são, além do mais, prova de curta visão, pois poderiam levar a que as mulheres fossem um dia consideradas mão-de-obra e *correspondentemente* remuneradas. Isso demonstraria até que ponto elas vivem acima das suas possibilidades, à custa dos homens.

———

* N.T. Célebre joalheria de Nova York.

O homem está, porém, habituado à terminologia feminina desde criança e não tem interesse em desmascará-la. *Tem que* acreditar que faz algo de grande ao ganhar dinheiro para a sua mulher. Que produz aquilo que uma mulher não é capaz. Se ele não tivesse essa sensação de superioridade deveria desesperar da estupidez do seu trabalho. Logo que adquire a impressão de que está a fazer algo que uma mulher poderia fazer com a mesma facilidade (e de vez em quando as mulheres acham oportuno despertar nele essa impressão), tenta aumentar o rendimento do seu trabalho para restabelecer a distância normal entre ele e o sexo "fraco". Precisa disso para afirmação pessoal.

É simples a análise do círculo infernal: as mulheres inventam regras, domam os homens para as seguirem e conseguem dessa maneira dominá-los. Elas próprias nunca se atêm às regras dos homens. A *honra* masculina, por exemplo, é um sistema urdido pelas mulheres. Elas excluem-se desse sistema, prescindem, no que lhe diz respeito, de qualquer espécie de honra e por esse processo manobram os homens. Num conhecido filme policial da televisão com Emma Peel defrontam-se numa cena dois homens junto de uma mesa de bilhar. Cada um tem uma pistola diante de si e combinam por *fair-play* contarem em voz alta até três antes de disparar. O herói pega na pistola quando vai a contar dois e salva assim a vida. Manteve-se, pois, fora do sistema e pode desse modo manobrar o outro, que, mesmo quando se encontrava em perigo, preferiu agarrar-se mais à honra do que à razão.

A mulher, indicando como desprezível tudo quanto faz, leva o homem a tomar o resto a seu cargo, isto é, tudo o que não dá prazer a ela (como mãe dele, foi a primeira a existir e pode escolher antes dele). Ele sente-se infeliz e sem valor quando executa "trabalho de mulher". Há muitos homens que se fazem propositadamente de desajeitados quando ajudam em trabalhos domésticos, pois a sua falta de jeito é festejada pelas mulheres por ser tão "masculina". Um homem que cose um botão não é um homem "autêntico". Se maneja um aspirador é porque há qualquer coisa que não funciona bem nele. Com esses argumentos e outros parecidos coloca-se o homem sob tutela (julga-se capaz de tudo menos de fazer uma sopa) e deixa-se expulsar sem resistência do mais modesto posto de trabalho do mundo. Só a partir de determinada fase da sua amestração é que o homem pode ser chamado sem perigo, como ajudante, para certos trabalhos domésticos (tendo, evidentemente, que seguir à risca as instruções da mulher, já que não percebe nada desses assuntos). Ele achará sempre humilhantes esses trabalhos e nunca reparará como são agradáveis comparados com os seus próprios trabalhos.

Basta o suspiro de que, "como mulher", não está à altura de certos trabalhos, para ela se libertar de qualquer maçada. Quando, por exemplo, às vezes, mete numa conversa – de preferência diante de testemunhas – que o marido sabe conduzir muito melhor do que ela, ganha através desta simples observação um condutor para toda a vida (as rodovias estão cheias de mulheres que se fazem conduzir por homens). Ou quando uma

mulher diz que, “por ser mulher”, não pode ir sozinha a um espetáculo (teatro, concerto), não há, de fato, qualquer motivo racional para esse argumento – a mulher é recebida nos restaurantes tão bem ou tão mal quanto os homens, e se não quer ser “incomodada”, é assim que se exprime, basta que não se vista tão provocantemente – mas consegue por meio dessa confissão um lacaio que a leva até a porta como um hóspede de Estado, que luta por uma mesa para ela, lhe compõe a ementa, a entretém a ainda paga a conta. – Ou confessa não perceber nada de política por uma mulher ser demasiada estúpida para isso, e encontra logo um homem que estuda, para ela, jornais diários e revistas políticas, que atura demoradas discussões na televisão, pondera os variados argumentos dos outros homens e que, no dia da eleição, lhe apresenta, numa bandeja, uma opinião. Ela escolhe, então, o partido que aquele homem, baseados nos seus conscienciosos estudos, achar que na sua – dele, e portanto dela – especial situação é o mais favorável e liberta-se assim da enfadonha obrigação do voto – duplicando a opinião do seu marido sem pôr em perigo o resultado final (o que poderia ter conseqüências catastróficas para o seu bem-estar – porque ela não percebe, de fato, nada de política e sabe-o bem).

Uma das expressões mais fantásticas dessa amestração por auto-humilhação verifica-se quando uma mulher, que passa os seus dias em condições paradisíacas num confortável apartamento de luxo, na companhia de crianças, cães e outras mulheres, com automóvel próprio, televisão e todos os aparelhos domésticos possíveis, diz ao seu marido (talvez um engenheiro ou um advogado) que o inveja por causa da sua vida “realizada”, enquanto ela, “como mulher”, é obrigada a levar uma existência indigna de seres humanos. Isso diz ela a um homem que paga todo o seu conforto com a sua vida e, o que é pior, acredita nisso.

Conta-se na Bíblia que Eva foi feita de uma costela de Adão, sendo, portanto, uma cópia menos valiosa do que ele: eis um exemplo típico de amestração por auto-humilhação. Pode-se ter quase a certeza que essa história foi, algures do tempo, inventada por uma mulher.
Evidentemente que quem a escreveu foi um homem (é relativamente recente as mulheres saberem escrever).

UM DICIONÁRIO

A sua contínua auto-humilhação perante o homem levou a mulher a empregar uma linguagem secreta na sua presença, linguagem essa que elas percebem mas que não é acessível ao homem porque este a interpreta à letra. Seria, portanto, muito útil que ele obtivesse o código e adquirisse uma espécie de dicionário que pudesse consultar e traduzir para a linguagem corrente qualquer dessas frases, quando as ouvisse. Eis alguns exemplos (original com a respectiva tradução na linguagem masculina).

Código*: Um homem tem que saber proteger-me.*
Texto decifrado*: Um homem tem que saber proteger-me de incômodos (de que havia ele de proteger uma mulher? De ladrões? Da guerra atômica?).*

Código*: Quero sentir-me segura junto de um homem.*
Texto decifrado*: Por amor de Deus, ele que não me venha com preocupações de dinheiro.*

Código*: Tenho que poder levantar os olhos para um homem.*
Texto decifrado*: Para que um homem me possa interessar, tem que ser mais inteligente, mais consciente das responsabilidades, mais corajoso, mais forte, mais aplicado do que eu – se não fosse assim que havia eu de fazer com ele?*

Código*: Desistiria imediatamente do emprego se o meu marido o exigisse.*
Texto decifrado*: Logo que ele tenha dinheiro suficiente nunca mais trabalharei.*

Código*: Nada mais desejo que vê-lo feliz.*
Texto decifrado*: Farei os maiores esforços para que ele nunca repare como eu o exploro.*

Código*: Quero tirar-lhe todas as pequenas preocupações.*
Texto decifrado*: Farei tudo o que estiver ao meu alcance para que nada o impeça de trabalhar.*

Código*: Quero existir somente para ele.*
Texto decifrado*: Nenhum outro homem terá autorização de trabalhar para mim.*

Código*: Passarei a viver só para a minha família.*
Texto decifrado*: Nunca mais farei nada na vida. Ele que se esforce!*

Código*: Não concordo com a emancipação feminina.*
Texto decifrado*: Não sou louca, é preferível fazer com que um homem trabalhe para mim.*

Código*: Ao fim e ao cabo vivemos no século da igualdade de direitos!*
Texto decifrado*: Ele que não pense que me pode dar ordens só porque ganha o meu dinheiro!*

Código*: Nessas coisas sou terrivelmente desajeitada.*
Texto decifrado*: Isso é um trabalho que ele tem que me tirar. Para que existe ele senão para isso?*

Código*: Ele sabe simplesmente tudo.*
Texto decifrado*: Ele até pode ser usado como enciclopédia.*

Código*: Quando as pessoas se amam verdadeiramente não é preciso logo uma certidão de casamento.*

Texto decifrado*: Ele está ainda um pouco renitente, mas na cama já o farei mudar de idéias.*

Código*: Amo-o.*
Texto decifrado*: Ele é uma máquina de trabalhar de primeira classe.*

Essas frases, porém, só são ditas pelas mulheres, diretamente a um homem ou quando ele possa estar a ouvir. Quando estão entre si, as mulheres falam dos homens – se é que o fazem – com toda a normalidade. Mais ou menos assim como se falassem de coisas, ou como se trocassem informações relativas a um aparelho doméstico, de cuja utilidade todas estão, de resto, convencidas.

Quando uma diz: "Já não posso usar este casaco ou este chapéu porque o meu namorado não gosta dele", a invocação do namorado não está ligada a nenhum valor sensível (quando muito à invocação do chapéu ou do casaco). Ela quer dizer apenas: "Está bem, eu faço-lhe esse favor, de resto ele faz tudo o que eu quero."

Quando as mulheres falam umas com as outras acerca das condições em que se decidiriam por determinado homem, não dizem, com certeza, que ele teria que ser um em relação ao qual elas se sentissem inferiores, ou um que as protegesse (um palavreado desses provocaria gargalhadas) ou para quem pudessem levantar os olhos. Mencionam talvez que prefeririam um homem com esta ou aquela profissão (profissões substituem nível de ordenado, futuro garantido para a viúva, a possibilidade de pagar prêmios elevados de seguros de vida). Ou dirão: "O homem com quem eu casaria teria que ser alguns anos mais velho, ser mais alto, pelo menos, meia cabeça e mais inteligente do que eu ". Isto quer dizer, apenas, o seguinte: "Nota-se menos e parece mais natural um ser humano um pouco mais velho, mais inteligente e mais forte proteger outro mais jovem, mais pequeno e mais estúpido."

AS MULHERES SÃO POBRES DE SENTIMENTOS

Existem muitas formas e variantes de métodos de amestração feminina, e levar-nos-ia muito longe indicar um em particular. Detenhamo-nos, contudo, mais pormenorizadamente em dois deles que são relativamente inofensivos: o das "boas maneiras" do homem e o que tem por objetivo a repressão das suas emoções.

Todo o homem que quiser ter êxito junto das mulheres (e qual deles não o quer?), terá que possuir, se possível, outra aptidão além de inteligência, orgulho, aplicação e perseverança: tem que saber como se deve comportar diante de mulheres. Há para esse efeito determinadas normas que as mulheres inventaram expressamente com essa finalidade: são as chamadas "boas maneiras". Elas impõem que todo o homem que se preza tem que tratar qualquer mulher, em qualquer altura, como uma rainha, e que, por seu turno, toda a mulher, que se preza, tem que dar ao homem a oportunidade de a tratar, seja em que ocasião for, como uma rainha.

Evidentemente que uma mulher sempre casará com um homem se ele for rico. Se ela, no entanto, puder escolher entre um homem rico com más maneiras e outro, igualmente rico, com boas, optará naturalmente pelo último. Porque a observância das regras das

boas maneiras assegura-lhe que entrou de tal maneira no sangue e na carne desse homem o valor ideal da mulher, através duma série adicional de modos de comportamento condicionado, que, mais tarde, quando ela se tornar para ele menos atraente, esse valor já não será mais posto em dúvida. "Tornamo-nos alegres quando nos rimos", dizem os psicólogos, ou "A fé vem com o rezar". Isso é correto, mas só se aplica ao homem: quando ele trata a mulher como um ente superior, ela torna-se para ele um ente superior. As mulheres podem discernir muito melhor entre verdade e teatro.

As "boas maneiras" não são, como os outros atos de amestração, formas de condicionamento alicerçadas na psicologia profunda. São inculcadas nas crianças relativamente tarde e são desse modo muito facilmente reconhecíveis como medidas de exploração feminina. É realmente um mistério como é que truques tão velhos ainda hoje consegue obter êxito.

Que descaramento é necessário para uma mãe dar os seguintes conselhos ao seu filho adolescente quando ele vai pela primeira vez ao teatro com uma jovem: "...Você pega o táxi, apeia-se, dá a volta ao carro, abre a porta e ajuda a ela apear-se...conduz a ela escada acima; dá-lhe o braço ou, se não houver espaço suficiente, vai atrás dela para que ela, caso escorregue, não caia...abre-lhe as portas...ajuda a ela a tirar o casaco...leva o casaco ao bengaleiro, arranja-lhe um programa...vai a frente e abre-lhe caminho por entre as filas, no intervalo convida a ela para um refresco...". E assim por diante. A este propósito não podemos perder de vista os tormentos que o teatro já representa para o homem, por ser um gênero de arte ultrapassado e porque, praticamente, todas as peças exibidas (como a maior parte da "vida cultural", genericamente falando) estão falhadas para o nível intelectual das mulheres. Ele pressente que tanto ele próprio como todo o aparato de lacaios, composto de intendentes, atores e diretores que lá a esperam só existe para lhe proporcionar, a ela e à sua clique, um lugar em que podem festejar as suas orgias imbecis – que consistem em exibir, umas perante as outras, as suas grotescas mascaradas, tendo como figurantes homens trajados de preto.

O aspecto mais frívolo das "boas maneiras" consiste na obrigação que o homem tem de assumir o papel de protetor. Isso começa muito inocentemente quando ele sobe as escadas atrás da mulher e caminha do lado de fora da calçada e termina com a convocação para o serviço militar e para a guerra. "Quando a situação o exigir", diz uma das regras de comportamento, "o homem terá que livrar a mulher de maçadas mesmo com o sacrifício da sua vida". – Logo que atingir a idade suficiente seguirá essa regra sem reflectir sobre ela; a amestração ultrapassou-o há muito, em qualquer catástrofe salvará primeiro mulheres e crianças, antes de pensar em si próprio. E até mesmo que perca a vida!

Não existe, todavia, qualquer razão válida para que os papéis não pudessem ser invertidos. Como a mulher é pobre de sentimentos poderia suportar muito melhor do que o homem as sensações provocadas pelos horrores da guerra, que não raramente

ocasionam nele danos psíquicos permanentes. Aliás, está habituada a ver sangue em virtude do ciclo mensal, e a forma hodierna de condução de guerra não exige nem força física nem inteligência, apenas tenacidade. Em qualquer estatística sobre expectativas de vida pode ler-se que as mulheres morrem mais tarde que os homens. São, portanto, mais tenazes. Uma norte-americana normalmente desenvolvida, que no seu tempo de escola praticou esporte, não será inferior em força física, por exemplo, a um vietnamita muito mais pequeno. Um G.I., portanto, quando faz guerra a asiáticos, luta contra inimigos que não são mais fortes que a sua namorada do colégio.

A citada *pobreza de sentimentos* também se manifesta no fato de a mulher reprimir as emoções do homem, sempre que pode, ficando ainda por cima com a fama de ser sentimental e sensível.

As glândulas lacrimais são minúsculos reservatórios de líquido que, à semelhança da bexiga, podem ser treinados para obedecer à vontade. É possível a um adulto não urinar na cama e não chorar. Essa amestração é imposta à criança masculina (novamente através da auto-humilhação da mulher – "Um rapaz não chora!" – "Não és nenhuma menina!"). Não é aplicado à criança feminina que, cedo, aprende a tirar partido disso. Se um homem vê uma mulher chorar nunca pensará que ela não controla os seus reservatórios de líquido: suporá que ela está dominada por um forte sentimento e irá ao ponto de deduzir essa intensidade da quantidade de líquido que as glândulas lacrimais produzirem.

Isso é, evidentemente, uma interpretação errada, pois as mulheres são pobres de sentimentos – até porque não podem permitir-se a tê-los. Os sentimentos poderiam tentá-las a aceitar um homem inaproveitável para os seus fins (um que não se deixasse escravizar) ou a não poder suportar os homens de maneira nenhuma – os quais, no fundo, lhes deveriam ser completamente estranhos – e a passar a vida só na companhia de outras mulheres (existem, na realidade, muito menos mulheres homossexuais do que homens, e na maioria são ricas ou, pelo menos, têm o futuro assegurado, financeiramente falando).

Tudo isso, porém, significaria para uma mulher ter que pensar trabalhar, assumir responsabilidade e prescindir de tudo o que lhe agrada. Como ela não deseja isso, não manifesta sentimentos. No entanto, para quem está de fora, arma-se em sensível para que o homem não repare como ela é, realmente, fria e calculista. Dado que só imita sentimentos, conserva, durante esse jogo, a cabeça lúcida e está, portanto, em situação de aproveitar para os seus próprios fins os sentimentos do seu companheiro (Só pode avaliar um sentimento quem não se encontra envolvido nele). Mas não lhe basta que o homem acredite que ela tem sentimentos tão fortes como ele. Ele tem que acreditar que ela "como mulher" ainda é mais instável, sensível, irracional e dotada de sentimentos mais pronunciados que os deles, pois só assim pode desviar antecipadamente de si

qualquer suspeita. – A condição prévia para essa mistificação obtêm-na ela pelo ato de amestração atrás descrito.

Um homem *autêntico* não chora, não ri alto (um sorriso reservado produz um efeito simpático entre os que o rodeiam e origina nos seus companheiros de negócio uma impressão de seriedade), não mostra surpresa (não exclama "ahhh...!" quando se acende a luz ou "ihhh!..." quando entra em contato com água fria). Não se faz notado quando se esforça (não diz "ufff...!" depois de ter levantado às costas um caixote pesado) e não canta, quando está alegre.

E o homem, que assiste a toda essa exteriorização de sentimentos da mulher, não pensa que só não mostra os seus sentimentos porque a mulher o ensinou a não os mostrar. Ele admite muito simplesmente que os sentimentos da mulher devem ser infinitamente mais fortes que os dele próprio para que ela os ponha à vista com tamanho descontrole.

Um homem que chora apenas quando lhe sobrevém uma grave fatalidade (por exemplo, a morte da mulher) tem que admitir que a dor que a sua mulher sente quando – no caso de uma viagem de férias estragada – se banha em lágrimas, é tão forte como a dele. E ter-se-á na conta dum grosseirão por não poder sentir da mesma forma essa dor. Que grande ajuda não seria para os homens se soubessem que pensamentos gelados e límpidos uma mulher pode ter quando os seus olhos estão nimbados de lágrimas!

SEXO COMO RECOMPENSA

Todos os adestramentos se resumem ao princípio do pão com açúcar e chicote. A possibilidade da sua utilização é determinada pelas relações de forças existentes a cada momento entre domador e objeto. Verifica-se, contudo, mesmo na domesticação de criancinhas, uma certa tendência a favor do pão com açúcar que tem a vantagem de conservar a confiança infantil nos pais. As crianças continuam a vir ter com os pais para lhes contar os seus problemas e tornam-se desse modo muito mais facilmente manobráveis do que se tivessem sido espancadas.

Se um golfinho aprisionado faz uma habilidade bem feita o domador lança-lhe um peixe. O golfinho está dependente da comida e, para a receber, faz o que dele se exige. Um homem, em contrapartida, tem possibilidade de procurar o seu próprio alimento: o dinheiro passa-lhe pelas mãos. Ele seria, pois, de certa maneira, incorruptível, se não tivesse uma outra necessidade forte, cuja satisfação não consegue por si: - a necessidade de contato físico com o corpo de uma mulher. Essa necessidade é tão forte, e ele experimenta um tal prazer ao satisfazê-la, que é talvez esse o motivo mais forte para a

sua submissão às mulheres. – Sim, o seu prazer pela falta de liberdade talvez seja apenas uma faceta da sua sexualidade.

Ele precisa de satisfazer essa necessidade e a base da economia continua a ser a troca. Quem exige um serviço, tem que oferecer algo que possua igual valor. Sucede que os homens elevaram a preços de loucura a utilização exclusiva da vagina feminina. Isso torna possível à mulher uma exploração levada ao extremo, exploração essa que deixa a perder de vista o sistema capitalista mais conservador. Não há homem nenhum que escape. E como o fenômeno "mulher" é antes de mais nada sociológico e apenas secundariamente um fenômeno biológico, nem sequer os homossexuais podem furtar-se à exploração. O companheiro mais passivo descobre a breve trecho a sua capacidade de manobrar o mais forte e assume o papel de explorador – a mulher - , agindo em conformidade: ser feminino significa ter o instinto sexual mais fraco.

Da mesma maneira que as mulheres não podem permitir-se grandes sentimentos, também eles prescindem de uma libido pronunciada (como se explicaria que uma jovem se negue ao seu namorado continuando, no entanto, falar-lhe de amor?). Seguindo os conselhos da mãe, a mulher reprime-a, agora no tempo da puberdade, no interesse do capital que mais tarde isso vai representar para ela. Antigamente, a noiva "valiosa" era virgem. E ainda hoje uma moça com poucos namorados, é considerada mais "valiosa" do que uma com muitos. A castidade do homem nunca teve qualquer valor (como as mulheres não se interessam por ele, também não ligam qualquer importância a sua castidade). Por essa razão, um jovem nunca poderá ser viciado por uma mulher, apenas seduzido. Um homem que faz o mesmo com uma menor é um criminoso sexual para o qual a população feminina exige a penitenciária.

O homem também poderia – à semelhança da mulher – condicionar o seu instinto sexual – desde que começasse suficientemente cedo. A prova está nos monges que podem viver à vontade sem atividade sexual (ninguém afirmará, a sério, que esse grande grupo de homens seja constituído por eunucos). Mas em vez de aprender a reprimir o instinto sexual o homem deixa fomentá-lo sempre que é possível...pelas mulheres, evidentemente, pois são elas as mais interessadas na sua libido.

Enquanto o homem está sempre vestido de modo a que o seu aspecto nunca provoque excitação sexual no outro sexo, a mulher começa logo aos doze anos a enfeitar-se para o engodo. Salienta a curva dos seios e das ancas com vestidos cingidos ao corpo. Chama a atenção para o cumprimento das pernas e a forma da barriga das pernas e das coxas usando meias transparentes, pinta os lábios e as sobrancelhas dando-lhes um brilho úmido, pinta o cabelo em cores luminosas. Tudo isso com o único objetivo de excitar o desejo do homem pelo prazer sexual. Oferece-lhe a sua mercadoria tão livremente como se estivesse numa vitrine e como se fosse necessário transpor apenas uma distância insignificante para a possuir. Não admira nada que o homem, colocado em estado de permanente excitação sexual por essa proposta de compra, tão

sem rodeios, não tenha outro pensamento senão o de ganhar dinheiro para poder adquirir mercadoria tão sedutora.

Porque sem dinheiro, ou, pelo menos, sem dinheiro em perspectiva, nenhum homem consegue uma mulher, e, portanto, sexo. Há, por certo, nas relações entre os dois sexos o negócio a crédito. Quer dizer, a mulher, em certas circunstâncias, enquanto o marido ainda estiver aprendendo uma profissão, estará disposta a ganhar seu próprio sustento e, já então, a pôr o corpo à disposição dele, quase como adiantamento em relação ao que ele lhe proporcionará no futuro. Mas nesse caso, os juros são correspondentemente altos (a profissão que o homem estiver aprendendo deve ser muito bem remunerada para que o investimento da mulher valha a pena). Normalmente, a regra geral é a seguinte: a mulher é tanto mais cara quanto mais agradam seus caracteres sexuais secundários, É por essa razão que o homem nunca deve ficar deprimido encontra outro com uma mulher particularmente atraente, mas, sim, deve pensar a que ponto essa mulher fica cara ao pobre homem.

Em todo caso, seria mais econômico para o homem satisfazer o seu instinto sexual com prostitutas em vez de se precipitar no casamento (com prostitutas, no sentido convencional: - a rigor, a maioria das mulheres pertence a esse grupo). Mas como o homem também nesse caso age segundo o princípio do rendimento do trabalho, para o qual foi domado, considera como inferior o sexo pelo qual não paga muito. O seu prazer é tanto maior quanto mais cara é a mulher com quem dorme. E quando não consegue de outra maneira a mulher que deseja - ou se não vê outra possibilidade de a conservar - oferece o preço mais alto e leva-a ao altar.

Por esse motivo, bem podem as mulheres tolerar a prostituição pública. Desconhecem o ciúme no sentido que o homem lhe dá (de vez em quando fazem-se de ciumentas só para lisonjear o marido) e, por isso, não lhes faz diferença alguma pronunciarem-se a favor dos prostíbulos. Tão pouco se importam de ignorar os amores extraconjugais dos companheiros ou perdoá-los, caso se tornem demasiado evidentes. Quantas mulheres ficam junto dos maridos, quando as enganam, e como é raro suceder o contrário. Sim, a mulher, no fundo, nada mais deseja que o homem cometa adultério, porque uma consciência atormentada ou um sentimento de gratidão pela tolerância garantem-lhe benefícios adicionais. Porém, o que elas preferem mesmo é que esses amores extraconjugais se realizem sob seu controle: troca de parceiros ou práticas sexuais em grupo significam para uma maioria crescente de mulheres a possibilidade ideal de neutralização da fantasia sexual dos maridos. Essa modalidade de relações extraconjugais é grátis (o dinheiro para as prostitutas vai sair do orçamento caseiro) e não envolve perigos para a saúde: como os participantes se conhecem, são em geral mais bem observadas as regras de higiene, do que quando o homem freqüenta bordeis anônimos (doenças contagiosas são a única coisa que as mulheres têm a recear das aventuras sexuais dos seus maridos).

Que ironia, que os homens mostrem tanto desprezo precisamente pelas prostitutas normais - já que elas pertencem àquele reduzido número de mulheres que admitem francamente ganharem dinheiro com o aluguel de determinada abertura do seu corpo. Prostituta, atriz, cantora, dançarina, modelo fotográfico, são profissões não exercidas pelos homens. Mas enquanto a atriz, a cantora, a dançarina, o modelo fotográfica trabalham com rede - a rede é o homem que as ampara quando se cansam da profissão - a prostituta não tem qualquer proteção. Se se cansa, não há ninguém que esteja à espera dela nesse momento, e não existe na nossa sociedade homem nenhum que se deixasse explorar por uma ex-prostituta como por uma ex-manequim.

Também as mulheres desprezam as prostitutas vulgares, mas por outro motivo: desprezam-nas por causa da sua estupidez. A mulher que vende o seu corpo com tanta falta de jeito é, segundo o barômetro de inteligência das mulheres, demasiadamente estúpida. Só admiram aquelas mulheres que obtêm preços de especulação e casam, por exemplo, com um Rothschild, um Aga Khan ou um Rockefeller. A idéia de "profissão suja" só foi construída para intimidar os homens que um dia talvez viessem sabe-se lá, a fazer comparações.

O princípio fundamental de sexo como recompensa é igual em todas as mulheres: apresentam-se ao homem acentuando os seus encantos, tornam-no lascivo, e quando ele exibe, muito compenetrado, as pequenas habilidades para que foi amestrado, elas se entregam a ele como recompensa. E como estão constantemente a provocá-los, eles estão constantemente a precisar dessa recompensa. Só homens de diminuta potência sexual é que podem permitir-se ao luxo de longas abstinências, dependendo da recompensa apenas esporadicamente. O homem de libido desenvolvida tem de ser mais dócil ainda do que qualquer outro - o "homem novo, dinâmico, empreendedor, enérgico, capaz de se entusiasmar", tão desejado por todos os setores da economia, não é mais que um psicopata fatalmente dependente do sexo cujos objetivos em relação a mulheres são muito ambiciosos. De resto, que outra coisa senão a recompensa por uma mulher levaria esse jovem a dedicar-se com tanto entusiasmo à venda de qualquer artigo de marca, enquanto, do lado de fora da janela do seu escritório, espera por ele um autêntico mundo de aventuras interessantes? O seu instinto sexual é tão forte que o faz prescindir de tudo para comprar uma mulher com o dinheiro ganho com tanto sacrifício. É certo que ele chamará a essa mulher a sua "aventura", - mas ela nunca conseguirá substituir o que perdeu. Quando do seu encontro com uma mulher, tudo correrá de acordo com o rígido sistema de oferta e procura, que obedece a regras fixas e onde as surpresas são raras.

A velha idéia que o destino da mulher é a sua anatomia é uma grande verdade, na medida em que por destino se entende algo de positivo. No sentido negativo de destino, essa opinião, hoje em dia, aplica-se de preferência ao homem, porque, enquanto a mulher tira proveito das suas particularidades anatômicas sempre que pode, ele fica

sempre escravo das dele. A ereção do pênis é tão grotesca para a mulher, a ponto de ela achar impossível que tal aconteça, da primeira vez que ouve falar nisso. E quando repara que nem sequer é necessária a presença de uma mulher nua para provocar esse fenômeno - que é tão simples como o reflexo de um nervo patelar, pois basta ver um filme ou uma fotografia –, não consegue sair do seu espanto.

Não deve ter existido nada mais absurdo que a alusão freudiana da inveja do pênis. O membro masculino com os testículos são para a mulher apenas algo de supérfluo no corpo do homem, de resto tão jeitoso e tão arrumado. É como se fosse algo a mais, quase extravagante (ela não compreende como é que o pênis não desaparece no corpo do homem, depois de usado, tal como uma antena de rádio). Nenhuma mocinha teria a idéia - nem no seu mais profundo subconsciente - de invejar um rapaz por essa razão (e de forma alguma sentirá que é prejudicada em relação a ele, porque sabe que até é beneficiada).

Freud foi vítima da amestração por auto-humilhação feminina a que sua mãe e mais tarde sua mulher - e porventura também as filhas - o submeteram. Ele confundiu causa com efeito: uma mulher não pensa que o homem seja superior a si, apenas o diz. O poder da mulher é que seria, sim, um motivo de inveja - mas o homem tem prazer em ser dominado.

A LIBIDO FEMININA

A sexualidade feminina causa mal estar aos homens. Porque a excitabilidade sexual e o orgasmo - ao invés do que sucede no homem - dificilmente se deixam controlar na mulher. Nas suas pesquisas estão, pois, os homens limitados aos elementos que as mulheres, voluntariamente, lhe fazem chegar ás mãos. E como a mulher não está interessada, de modo algum, em resultados cientificamente exatos e pensa sempre, exclusivamente, em vantagens mais diretas, afirmará sempre apenas aquilo que, nesta ou naquela situação especial, lhe parece oportuno. É por essa razão que as muitas investigações sobre as mulheres - como, por exemplo, sobre a sua frigidez, sobre a possibilidade de sentirem prazer durante o ato sexual, se têm ou não têm um orgasmo comparável ao do homem - levam a resultados exatamente opostos (dá-se como provado que até Masters & Johnson também não conseguiram chegar a resultados concretos quanto ao tipo de mulher média). Assim, o homem oscila permanentemente entre admitir que a mulher não tem qualquer instinto sexual e que é tudo comédia, e o receio de que ela seja muito mais potente do que ele (e que lhe oculte esse fato por compaixão). Para se certificar, faz-lhe constantemente perguntas novas e cada vez mais incisivas na

expectativa natural de que as mulheres respondam com consciência, a serviço de um interesse superior. Que esperança ilusória!

A verdade estará provavelmente algures no meio. As mulheres não são perdidas por relações sexuais (caso contrário haveria seguramente mais prostituição masculina), por outro lado também não odeiam o ato sexual como muitas vezes se afirma.

A mulher existe a um nível meramente animal. Ela gosta de comer, beber, dormir e o sexo também lhe agrada - desde que não perca algo de melhor e não tenha que se esforçar excessivamente. Ao contrário do homem, nunca estaria disposta a grandes sacrifícios para arranjar um companheiro para a cama. Quando, porém, já o tem na cama (e quando não tenciona levar a cabo nenhuma grande operação cosmética ou não há na televisão um programa que gostasse muito de ver), de forma alguma se mostra pouco inclinada às relações sexuais, - na condição de o homem tomar o papel ativo. Isto porque a linda designação de "ativo” para o papel do homem e de "passivo" para o da mulher não pode iludir o fato de que a mulher, também na cama - como em tudo o mais na vida - se deixa servir pelo homem. Mesmo quando o ato sexual proporciona prazer ao homem ele não faz mais, no fim das contas, do que uma espécie de serviço à mulher, no qual o homem é o melhor amante, proporcionando prazer a uma mulher, com mais jeito, mais depressa, e durante mais tempo.

Como os homens têm pelo menos a suspeita de que eles é que são, na realidade, aqueles de quem, durante o ato sexual, se abusa, tiveram desde sempre um certo receio da libido feminina. Encontra-se esse receio em muitos ritos de culturas passadas, nas obras filosóficas de Schopenhauer e Nietzsche, nos romances de Baudelaire, Balzac e Montherlant, nos dramas de Strindberg, Tennesse Williams e O'Neill. Contudo, desde a invenção do controle de natalidade através de impeditivos da ovulação - a chamada pílula - esse receio assumiu formas histéricas. Escrevem-se livros inteiros explicando *se* o homem deverá sentir - e, nesse caso, em que grau - o receio sexual diante da mulher. Diversos setores editoriais vivem à custa de conselhos ao homem para que ele assuma um papel preponderante nas relações sexuais.

É que, com a invenção dos contraceptivos médios (claro que foi o homem que os inventou) privou-se o homem do único trunfo que ainda possuía no meio de toda a sua dependência sexual da mulher. De certo modo ela estava, quando a esse ponto, nas suas mãos. Agora, repentinamente, também aqui ela se encontra em vantagem: pode ter filhos, muitos ou poucos e de quem os desejar (se possível de um pai rico) e mesmo que não tenha intenções de procriar, pode realizar o ato sexual tantas vezes quantas lhe parecer vantajoso.

O homem não. Deu-se sempre ares de ter uma potência sexual imensa, e julgava que só o retraimento da mulher é que o impedia de a pôr à prova. Hoje, porém, tem que definir a sua posição. Hoje, qualquer mulher pode informar-se da realidade acerca da potência masculina na primeira revista que lhe for parar às mãos. Ela sabe agora quão

potente tem que ser um homem em determinada idade, se ele é mais potente à tarde ou à noite, se deveria ser mais potente antes de comer ou depois, se o ar do mar ou da montanha aumenta sua potência e quantas vezes seguidas ele terá que estar apto a satisfazer uma mulher. E como os homens nunca falsificam a estatística – o homem macho não mente absolutamente nada: mentir é para ele uma confissão de fraqueza – ela pode confiar cem por cento nesses dados. Baseada nas tabelas que os homens elaboraram para ela, pode verificar com exatidão a potência de determinado homem. – E não só verificar como comparar com a de outro qualquer, visto que as relações sexuais já não representam para ela qualquer risco. No entanto, ela não se decidirá pelo nível de potência do homem em questão, - ao contrário do que se pensa e receia. Como já foi dito, ela não é tarada por sexo e dará antes a preferência ao menos potente (no caso das outras condições serem iguais) fazendo chantagem com ele graças aos seus conhecimentos íntimos.

Pois o homem é, na esfera sexual ainda mais que nas outras, uma vítima do princípio do rendimento do trabalho segundo o qual foi amestrado. Ele atribui a si mesmo notas: três vezes seguidas – muito bom, duas vezes – bom, uma vez – suficiente. Falhar em matéria de sexo significa para ele falhar em todos os setores (mesmo que seja um cientista brilhante nunca mais será feliz). A mulher sabe disso e vê nesse aspecto diversas possibilidades de obter vantagens: a) pode agir como se não soubesse que o seu marido tem uma potência diminuta e apesar disso elogiá-lo por ela (talvez seja este o método mais usado); b) pode fazer com que esse homem creia que a sua pequena capacidade sexual é um grande *handicap* e que pode dar-se feliz por ela, apesar disso, não o deixar; c) pode ameaçar de o comprometer em público, caso ele não se deixe escravizar o suficientemente. E como o homem prefere que o acusem de ladrão ou homicida do que de impotente, curvar-se-á em qualquer dos casos e fará o que ela exigir dele.

A potência do homem depende, mais do que qualquer outra função corporal, de fatores psíquicos, e uma vez sentidos os primeiros distúrbios, terá de fato, com o decorrer do tempo, dificuldades cada vez maiores. Acentua-se nele o medo de não mais precisar da mulher, porque, em virtude da sua amestração, identifica essa dependência com a sua masculinidade. É preciso dar-se conta desse contra-senso: ele faz tudo para manter a dependência em relação à mulher. Os elixires afrodisíacos – vendidos antigamente às escondidas e preparados por curandeiros – já há muito tempo que se tornaram bons negócios para a indústria farmacêutica. Mesmo em revistas sérias acumulam-se os artigos sobre dificuldades de coito e as anedotas para homens – que provêm, como se sabe, do medo masculino da castração – têm uma saída como nunca até aqui, apesar de, na maioria dos casos, lhes faltar a "graça". Não é certamente por prazer que o homem compra as inúmeras revistas pornográficas. Divertir-se-ia a mulher a outro nível. Mas adquire essas revistas na tentativa desesperada de estar sempre

operacional, graças a esses estímulos fortes, conservando-se, assim, à altura do seu mito de masculinidade.

E nessa engrenagem, ele é uma vez mais vítima do seu hábito de utilizar as suas próprias escalas de valor na apreciação das mulheres. Ele pensa que a mulher, uma vez que há um método seguro de contracepção, nada mais tem na cabeça de que recuperar todo o atraso e só fazer o que ele – por causa de sua profunda amestração – tem na conta do maior dos prazeres – o sexo. Isto é, evidentemente, um erro – porque o sexo é de fato um prazer para a mulher, mas está longe de ser o maior. O prazer que um orgasmo proporciona à mulher ocupa na sua escala de valores um lugar muito aquém de um *cocktail-party* ou da compra de um par de botas envernizadas cor de berinjela.

O medo que os homens têm, graças à recém-obtida liberdade das mulheres, de ser por elas sexualmente ultrapassados ou até fisicamente enfraquecidos é, portanto, absurdo. Uma mulher só porá fora de luta o homem que dela trate, até o ponto de ele, na manhã seguinte, poder tomar o seu lugar no escritório. Porque havia ela de se expor a riscos? Até mesmo uma amante fogosa reduziria imediatamente as relações sexuais até um nível inofensivo se o seu marido pudesse ter um mínimo de prejuízo na sua carreira profissional em virtude de noites de folia. Mulheres ninfomaníacas quase que só existem no cinema e no teatro. Precisamente por serem raras na vida real é que o público tem curiosidade por elas (pela mesma razão tantos filmes versam pessoas extremamente ricas, cuja proporção em relação à população total é também baixíssima).

Se as mulheres se interessam pela potência masculina é, principalmente por causa das crianças a gerar. A mulher precisa de filhos – como veremos mais tarde – e para a realização dos seus planos. Há muitas mulheres que seriam provavelmente felizes se a potência sexual do seu marido se esgotasse depois da procriação de dois ou três filhos, pois assim evitariam uma série de pequenas complicações.

Uma prova de que a capacidade de amar o homem não é tão importante é o fato de homens que ganharem bem continuarem imutavelmente a casar e a permanecer casados apesar de impotentes. Pelo contrário, ninguém imagina que uma mulher sem vagina tivesse alguma hipótese de vir a casar com um homem normal.

AMESTRAÇÃO POR *BLUFF*

O forte instinto sexual do homem, a sua inteligência eminente e a sua ânsia por um sistema que lhe tire a sua grande responsabilidade (reconhecida por ele graças a essa inteligência), permitem à mulher o engenhoso aproveitamento de instituições que, em rigor, pertencem ao passado: igrejas, seitas e outras comunidades de crença dos mais diversos matizes, de que abusam friamente para a amestração dos seus filhos e cujo exército de servidores, os sacerdotes, lhe servem mais tarde, quando esses filhos crescem de uma espécie de polícia, velando para que os seus interesses sejam sempre defendidos. Vem mesmo a propósito que ela, como já vimos, não seja crente nem supersticiosa. Também os homens não acreditam mais tarde na doutrina da sua igreja (a menos que a amestração – como no caso dos padres – tenha sido particularmente bem sucedida), mas quando iniciam cedo o contacto com essas doutrinas, pode cultivar-se neles certos arquétipos, critérios para o bem e o mal, que não estão arraigados na sua consciência, mas sim, no seu subconsciente, e que, por essa razão, não mais poderão ser esquecidos. E esses critérios são sempre, por sua natureza, critérios femininos.

Todos os sistemas de crença baseiam-se na amestração, pois consistem em determinado número de regras ou mandamentos e num catálogo de castigo que se seguem à violação dessas regras (que se designam por "pecados"). Claro que esses castigos nunca se aplicam de fato, pois a crença numa espécie de supersconsciência é um sistema sem base real, e não há, portanto, ninguém que pudesse saber de um pecado secreto e o castigasse. Diz-se, pois, que as calamidades, que de qualquer maneira se verificariam, tais como um tremor de terra ou a perda de um amigo (antigamente, quando as ciências não estavam tão desenvolvidas, também se mencionavam as epidemias, tuberculose, sífilis, más colheitas, queda de relâmpagos, eclipses do sol, cometas) são castigos de pecados cometidos, que podem ser afastados por incondicional submissão às regras ou pela penitência (uma espécie de lavagem do cérebro). Naturalmente, o homem, à medida que desenvolver a sua inteligência, descobrirá que se trata de ficção e verificará a ausência de castigos. Mas o medo profundamente radicado de castigos (a sensação de pecado), que naqueles primeiros anos nele cultivado, o fará evitar, sempre que possível, mesmo côo adulto atitudes que na sua mocidade eram consideradas "más". Ou se as cometer, não ficará, pelo menos com a consciência tranqüila.

Um dos pecados que se encontram em quase todos esses catálogos é o prazer do ato sexual que não sirva para a reprodução. E como os homens – provocados pelas mulheres – têm sempre prazer no sexo, gostariam de gozar desse prazer sempre que possível, e nunca pensam na reprodução (durante o orgasmo o homem tem de certeza toda a espécie de prazeres, menos o de ter a criança que nesse momento procria: - neste momento, portanto, ele é ainda mais enganado que habitualmente), estão constantemente a infringir uma das regras da sua crença de criança e trazem, pois, constantemente contigo uma sensação de pecado. As mulheres, pelo contrário, que condicionaram o seu instinto e praticam o ato sexual, na maioria das vezes, por um motivo determinado e não para seu prazer (ganha-pão, reprodução, como caridade), não cometem, na maioria das vezes, pecado algum. Mesmo que ligassem alguma importância a isso seriam poupadas a remorsos. Ao invés do homem que, na verdade, está sempre cheio de bons propósitos que não pode, contudo, observar na prática, elas não teriam, mesmo se nisso acreditassem, nenhum saldo devedor, de acordo com o seu sistema. Na sua inclinação para a auto-humilhação, no seu instinto sexual mutilado e reprimido (e, também, na naturalidade com que podem viver sem emprego lucrativo e deixam outras pessoas trabalhar para elas) assemelham-se àquelas figuras – Jesus, Gandhi – a que obrigam os maridos a elogiar como modelos, modelos que aqueles, na sua obsessão pelo instinto, nunca podem, evidentemente, igualar, o que confirma a sua suspeita, de que todas as qualidades dignas de veneração são, no fundo, femininas.

E, apesar disso, nem as mulheres nem a sua polícia estão particularmente interessadas no instinto sexual do homem. O tabu escusava de ser forçosamente o sexo.

Só escolheram porque o sexo é o maior e mais puro – talvez o único – prazer do homem. Se ele tivesse o mesmo prazer ou um ainda maior ao comer carne de porco ou ao fumar, ela associaria o seu sentimento de pecado ao cigarro ou à carne de porco. O principal é que ele não deixe de viver em pecado – com medo – e fique assim manobrável. Por isso, o catálogo varia de acordo com a idade. Para os pequenos, o pecado é a mentira, o desejo de bens alheios ou a falta de suficiente respeito ao pai e à mãe. Para os mais velhos, é o prazer do sexo e a cobiça da "mulher do próximo".

Mas como hão-de eles reconhecer esses pecados se a princípio não conhecem nem as regras nem o sistema em nome do qual elas forma instituídas? Como hão-de acreditar em algo que não existe ou envergonhar-se dum prazer que não prejudica ninguém? Como tudo o que se relaciona com a crença religiosa repudia a lógica, tem a amestração de ser feita numa idade em que ainda não se pode pensar em termos de lógica. Se possível, terá que ser realizada num lugar cuja arquitetura absurda corresponda ao absurdo do que é exposto e que torne isso aparentemente menos incrível. E se for viável, aqueles que exercem essa instrução do pensamento alógico deverão ter um aspecto diferente dos seres humanos vulgares. Se se tratar, por exemplo, de homens que usam vestidos de mulher ou qualquer outra fantasia, a confusão e a intimidação das crianças serão melhor conseguidas e o respeito que sentem por esse ser, nunca se extinguirá, mesmo em encontros posteriores.

As mulheres cuidaram desde o princípio que o seu *lobby*, os sacerdotes, fosse composto unicamente por homens. É que, em primeiro lugar, poderia prejudicar a imagem da mulher se ela defendesse por si própria os seus interesses (poder-se-ia até apodá-la de interesseira!) e em segundo lugar, elas sabem que o homem não tem a sua inteligência em grande conta e que, por conseguinte, só podem atuar sobre ele através dos sentimentos. Mas conselhos dados por outro homem – especialmente, um que ele, em criança, tenha conhecido como pessoa de respeito – serão por eles ouvidos e talvez até acatados. O fato desses conselhos acabarem sempre por beneficiar as mulheres (aconselham, por exemplo, a continuarem junto de uma mulher de que não gostam ou a sustentar crianças que não quiseram), não corresponde de modo algum a uma hostilidade desse *lobby* em relação aos outros homens "normais", mas é, sim, conseqüência direta da sua dependência financeira das mulheres.

As mulheres poderiam bem existir sem igrejas (precisam delas, como se disse, apenas para domar os homens e as crianças ou como palco de exibição de vestidos em ocasiões especiais). A igreja, porém, sem o apoio das mulheres, depressa ruiria. Se a mulher se lembrasse de amestrar as crianças fora das igrejas – o que por vezes já acontece –, se prescindisse de considerar a nave da igreja como a moldura mais eficiente para um vestido branco, e se na cerimônia do casamento se contentasse com a intimidação do noivo por um funcionário do Registro Civil, as igrejas estariam dentro de poucos anos completamente vazias (na União Soviética, os chamados "palácios de

casamento” substituíram as igrejas como palco). Reconhecer-se-ia, de repente, o que elas são: relíquias de uma cultura ultrapassada, e seriam bloqueadas, ato contínuo, todos os donativos estatais e particulares – que, no fundo, vêm sempre dos homens, porque o homem paga ele próprio aos seus verdugos, como é evidente, já que ninguém o faz por ele. Se, portanto, alguém diz que as igrejas têm, comprovadamente, algo de mágico, por ainda hoje conquistarem tantos seres humanos com as suas doutrinas, velhas de milhares de anos, está cometendo um erro de interpretação. Não são as igrejas que têm algo de mágico, são as mulheres. As igrejas e outras comunidades de crença estão há muito tempo convertidas em instrumentos das mulheres, e não fazem, porventura, outra coisa que aquilo que elas exigem.

As vítimas não são, em último lugar, os próprios representantes das comunidades religiosas. Eles não querem mais do que viver uma vida pacífica e sem lutas (à custa dos homens masculinos, evidentemente – mas, afinal, é o mesmo que fazem as mulheres) e acabam por ser usados pelas mulheres como uma espécie de Máfia, com o auxílio da qual assustam as crianças, escravizam os seus companheiros e entravam o progresso. São obrigados (sob ameaça de boicotagem) a apresentarem-se em ocasiões especiais numa mascarada ridículo-feminina, a entoar em voz alta cânticos grotescos e a divulgar perante um auditório – por vezes, até, inteligente – histórias de horror que contrariam os modernos conhecimentos teológicos, que aprenderam nas suas universidades, e com as quais passam indizíveis vergonhas diante desse auditório.

Com a teologia moderna, que renunciou completamente ao princípio “pão com açucar-chicote”, já não se pode assustar ninguém e raramente aumentar o rendimento do trabalho. O que as mulheres precisam é das velhas histórias de baú, histórias do céu e do inferno, do anjo e do diabo, do paraíso e do juízo final. Só quando a morte é tida como uma porta para a felicidade ou para a condenação eternas, em que, segundo um sistema de pontos, são contabilizadas as obras realizadas na terra, no interesse das mulheres, é que ela é um meio útil de amestração. E quando se apresenta a vida eterna como algo de real, para alcançar a qual bastam fidelidade e a escravidão, isso é muito mais propício aos interesses das mulheres do que os seus maridos investigarem de fato a imortalidade biológica, o que provavelmente demoraria ainda algumas gerações.

É claro que as mulheres não são nada atingidas por tudo isso. Vão às suas igrejas sempre que lhes parece necessário ou afastam-se delas sem remorsos sempre que lhes convém. Para as grandes cerimônias (que nunca são outra coisa senão tentativas de intimidação – das mulheres, não dos padres) fazem avultadas despesas com roupas festivas (vestidos de noiva, vestidos de batismo, trajes de luto, trajes de crisma) e metem os homens que a acompanham, nos habituais ternos escuros. Fazem-se de crentes, de supersticiosas ou cépticas, mas nunca refletem na crença em si mesma. As considerações dos homens acerca de condições físicas prévias para caminhar sobre o mar e transformar água em vinho por artes mágicas, ou conceber, por magia, uma

criança “imaculada”, deixam-na insensível. Como é hábito, não se interessam pelas coisas em si mesmas, o seu interesse reside apenas na possibilidade de sua utilização. E quando encontram um homem com outra crença que lhes impões como condição renunciarem à delas, fazem sem hesitação.

ORAÇÕES COMERCIALIZADAS

Como já foi dito, a maioria dos homens esquece a sua crença de criança. O que subsiste são modelos de comportamento adquiridos por amestração, tais como *o amor de verdade, a alegria pelo trabalho e prazer pela falta de liberdade.*

Do ponto de vista moral, o direito à mentira é um daqueles direitos da pessoa humana que devia ser concedido a todos, porque, com a mentira, podem-se repelir tentativas de fiscalização e diminuir desse modo a luta individual pela existência. O que é desfavorável nesse processo é que mentir só tem sentido, quando não mintam todos. Quer dizer, para alguém poder ser intrujado tem que amar a verdade e pressupor esse mesmo amor nos outros. A mentira é, portanto, de certo modo, um artigo de luxo, tem valor de raridade. E esse valor tem de ser necessariamente mantido, no interesse do mentiroso, por um amaldiçoamento incessante. Por essa razão é que importa tanto que a mulher dome o homem para o amor da verdade: só se ele amar a verdade, poderá ela usufruir desse luxo.

O amor que o homem tem à verdade é, aliás, uma condição prévia para a sobrevivência da ordem social existente, em que todos os trabalhos importantes são

executados pelos homens. Com a mentira seria impossível edificar um sistema capaz de funcionar, quer dizer, lógico. Nesse sistema social altamente desenvolvido e baseado na divisão do trabalho, têm uns de trabalhar com os outros e confiar plenamente nos dados por esses outros elaborados. Se os homens mentissem – se, em determinado momento, isso lhes fosse útil e dessem informações erradas aos seus colegas sobre horas de partida de trens, capacidade de cargueiros ou estoques de gasolina de avião – resultariam daí conseqüências catastróficas para todo o sistema econômico. Em pouquíssimo tempo ter-se-ia instaurado o caos completo.

A mulher pode mentir tranqüilamente. Como não se encontra inserida no processo de trabalho, a sua mentira prejudica apenas uma única pessoa – na maioria dos casos, seu marido – e, quando por vezes é descoberta, não lhe chama "mentira" ou "intrujice" mas sim "astúcia feminina". Enquanto emprega só a "astúcia feminina" (enquanto não se verifica infidelidade corporal – o único delito que o homem não lhe perdoa), ninguém vê nada de escandaloso na sua falta. Parece naturalíssimo ao homem (por causa da amestração sobre ele exercida por auto-humilhação da mulher) que a mulher, por ser fraca e dependente, empregue essas manhas para o dirigir no cainho certo, a ele, o colosso forte e obcecado pelo instinto (esse "animal desgraçado"). E não admira, pois, que as experiências nesse setor, coroadas de êxito, sejam discutidas com toda a franqueza pelas mulheres e até publicadas nas suas gazetas, as revistas femininas. As mães transmitem-nas às filhas e estas às suas. Consideram perfeitamente legítima essa troca de experiência, porque são muitas vezes forçadas a explorar ambas o mesmo homem (primeiro o marido da mãe, depois o pai da filha) e todo o seu bem estar depende da maneira como ele lhes obedece ao jogo.

Claro que não dizem a um homem adulto que ele não deve mentir. Nada mais fazem do que ligar as mentiras a sensações de desagrado. Fazem-no, como já vimos, ou indiretamente através dos sistemas de crença, em que se prevêem castigos fictícios para as mentiras, ou diretamente por uma espécie de magia pessoal. Quando uma mulher diz ao filho "mentir é mau, nunca deves mentir à tua mãe", a criança sentirá automaticamente remorsos quando mentir. Não precisa de fundamentar esse "mau". A criança acredita sem dificuldade, é forçada a acreditar na mãe e confia em que ela, por sua vez, não lhe minta (o que é, evidentemente, um disparate, porque as mães estão continuamente a mentir aos filhos).

É com a mesma magia que a mulher, mais tarde, convence o marido: "A infidelidade é deplorável, não me deves enganar", ou, no caso das chamadas mulheres "condescendentes": "Não tem grande importância se me enganares, não deves é deixar-me". O homem obedece a esta ordem – porque se trata de uma ordem – sem duvidar da sua legitimidade. Ele enganará uma vez por outra uma mulher desse gênero, mas raramente a abandonará (se bem que, no fundo, a confissão de uma indiferença tão desmedida devesse ser para ele um sinal de partida imediata).

De modo geral o homem mente numa única situação, ou seja, quando, apesar de a amar – e obedecendo ao seu forte instinto sexual – engana uma mulher com outra. Nesse caso fica com tanto medo das conseqüências possíveis (que a mulher amada lhe possa pagar na mesma moeda) que prefere as mais dolorosas sensações de mal estar à confissão. Mas se se tratar, por exemplo, de confessar um grave desastre de automóvel por ele causado, uma traição humana ou um dia de trabalho passado na farra, reprime o seu medo de complicações e prefere aliviar-se junto dela com uma confissão completa.

Com a mulher passa-se exatamente o contrário. Esconde tudo do seu marido menos o seu interesse por outro homem ou o interesse desse homem por ela. Se há um segundo ou terceiro homem que se interessa por ela, esse interesse tem sentido: o homem a quem ela o confessa tem de compreender que, em último caso, há outros que cuidariam dela. Isso aumentará de momento a sua produtividade e ele entrará novamente nos eixos.

Já se escreveu noutro capítulo acerca do prazer masculino pela falta de liberdade. Esse prazer conduz à religiosidade e à oração. As cançonetas são uma modificação das orações infantis: o deus anterior é substituído sem rodeios e diretamente pela deusa mulher muito mais autêntica (porque é dela que depende de fato a felicidade do homem), os conteúdos – nostalgia da submissão, pedido de atenção, imploração de misericórdia ou simplesmente idealização – mantêm-se praticamente os mesmos. Quer se cante “you’re driving me crazy...” ou “Ordena tu os teus caminhos...”, quer se cante “Fly me to the moon...” ou “Toma pois as minhas mãos...” o resultado é o mesmo. Existem cançonetas modernas que ainda cantam de fato o velho deus, mas nota-se apenas por fórmulas como “tu fazes crescer tudo” ou outras semelhantes, que não são as mulheres as diretamente visadas.

Orações e canções religiosas (orações postas em música) afastam o medo da existência porque apelam sempre para uma superconsciência, de cuja benevolência de tudo depende: pode a pessoa desleixar-se, não mais precisa de lutar pela sobrevivência porque tudo está nas mãos do ente adorado. Quanto mais adulto o homem se torna, maior é o seu medo (sabendo ele agora que é fundamentado) e tanto maior se torna também a ânsia de abandonar-se ao menos por alguns instantes, e de se entregar ao poder absoluto de outrem. Antigamente os jovens intelectuais compunham poesias que tinham como orações, um efeito tranqüilizador semelhante sobre eles. Hoje em dia tornou-se supérflua essa forma de adoração, pois a oferta de cançonetas – os tenebrosos instintos dos homens são, como é evidente, sempre comercializados à sua custa – é mais abundando de ano para ano e muitos textos, como por exemplo os dos *Beatles*, já satisfazem também as maiores exigências.

Claro que também há cançonetas de adoração ao homem. Mais precisamente, quando uma tal de oração posta em música, que se converteu em *hit* cantada primeiramente por um homem, passa a ser cantada igualmente por uma mulher. De um

modo geral, as mulheres não cantam o homem mas sim o amor (o que, no fim das contas, só vem beneficiá-las, já que o homem precisa dela para o amor). Um belo dia devem ter descoberto que lhes é também possível cantarem-se a si próprias, sem isso se tornar demasiado evidente. Desde então exaltam sem qualquer escrúpulo a sua divindade, a sua incerteza, a sua crueldade ou a soberania com que se entregam a este ou àquele, aniquilando-o ou redimindo-o.

> "Dos pés à cabeça
> Estou sintonizada para o amor
> porque é isso a minha vida
> E nada mais.
> Assim é a minha natureza
> Que hei-de de fazer
> Apenas posso amar
> E nada mais.
> Os homens esvoaçam à minha volta
> Como o cupim à volta da luz
> E se se queimarem
> – bem não tenho culpa!"

Assim canta Marlene Dietrich no "Anjo Azul". Se as mulheres se acham tão divinas, quão divinas, então, devem ser na realidade! Na vida, exploram os homens de maneira mais sutil que nesse filme, sobretudo não os arruínam ao depressa (ninguém matará uma galinha que ponha ovos de ouro), mas sim ao longo de uma vida inteira. Por isso, os homens riem da figura infeliz do professor de colégio, em vez de se reconhecerem nele. Hoje canta Nancy Sinatra uma versão algo modificada.

> "Estas botas servem para andar
> E para isso vão ser usadas
> – E breve, num destes dias,
> Andarão por cima de ti"

– É um *hit*, que tanto satisfaz a saudade dos homens por uma deusa cruel como a pretensão pela onipotência.

AUTO AMESTRAÇÃO

O ideal de um domador seria levar um animal ao ponto de se amestrar a si próprio. Isso ainda não se verificou. Mas com o homem coisas passam-se diferentemente: a partir de determinada fase ele consegue isso mesmo (pois é muito mais inteligente que a sua domadora). O importante nessa questão é que ele tenha permanentemente diante dos olhos: objetivo, recompensa e castigo.

Já conhecemos uma variante dessa auto-amestração na idealização da mulher através da indústria de cançonetas. No entanto, a melhor possibilidade de auto-amestração é facultada pela propaganda: aí ele não idealiza a mulher por isso lhe proporcionar um prazer masoquista, mas porque essa idealização se converte para ele num problema de sobrevivência. Só as exploradoras têm suficiente tempo e dinheiro para comprar e consumir a sua produção. Para dotar a própria mulher, na sua própria moradia de luxo, com poder de compra, nada mais lhe resta do que criar legiões inteiras de mulheres desejosas de comprar em outras moradias de luxo, para adquirir os seus produtos. Ele começa a rodar num círculo infernal e roda cada vez mais depressa até lhe faltar o ar e outro assumir o seu papel. Não pode desistir e fugir.

Os institutos de pesquisa de mercados procuram preferentemente desejos femininos inconscientes (os outros encontram-se satisfeitos há muito tempo) e vendem as suas descobertas por muito dinheiro à indústria de bens de consumo. Esta, apressa-se a colmatar as reconhecidas "lacunas de mercado" – como se as houvesse! Também há quem siga o caminho inverso: nesse caso, os homens produzem de sua iniciativa um novo artigo e contam que as mulheres venham a gostar dele após a correspondente campanha de publicidade. Encarregam uma agência de despertar o desejo pelo novo produto. Pode não verificar sempre o êxito. Assim, por exemplo, não se conseguiu em país nenhum da Europa vender casas pré-fabricadas em grande escala, seguindo o exemplo norte-americano.

De tantos em tantos anos grassa entre os homens uma onda de indignação por causa dessa dispendiosa promoção da vontade de comprar da parte das mulheres. O "clichê" da mulher como vítima de exploração masculina está tão enraizado na consciência deles que, mesmo em presença de uma prova tão inequívoca de como são explorados, continuam cegos. Dizem que a mulher é manobrada pela propaganda, que se abusa da sua ingenuidade e boa fé (leia-se estupidez), desavergonhadamente, para aumentar as vendas. Seria melhor que esses homens perguntassem a si próprios quem é que está sendo aqui manobrado: aquele cujos desejos mais secretos são descobertos, acarinhados e satisfeitos ou aquele que (para manter ou conquistar a simpatia do primeiro) tem que descobrir, acarinhar e satisfazer esses desejos? Sempre foi o mais alto objetivo do homem satisfazer os desejos secretos da mulher amada, "de os ler nos olhos dela" como ainda hoje se escreve em romances convencionais. Chegamos ao ponto de não haver mais nenhum desejo feminino ignorado e de quase nenhum que não seja possível satisfazer mediante esforço correspondente.

Já mal se nota que desse modo, forçosamente, as mulheres tornam-se ainda mais estúpidas e os homens ainda mais inteligentes – que, portanto, vai aumentando a distância que os separa, que um entendimento torna-se cada vez mais impossível. É um princípio fundamental da biologia que a inteligência só se desenvolve em competição. A mulher, porém, está fora de toda e qualquer competição, o conforto demasiado adormece-a e deixa atrofiar seus últimos resíduos dos seus talentos espirituais. Enquanto o homem, devido precisamente às necessidades de conforto femininas, tem de explorar sucessivamente novas fontes de dinheiro e estimular os seus dons inventivos para obter resultados cada vez melhores, a sua mulher, rodeada de luxo crescente, torna-se de dia para dia mais embotada e indiferente. E assim, o conceito de feminilidade, que até agora significa apenas capacidade geradora e venalidade, torna-se cada vez mais uma marca de qualidade para capacidade geradora, venalidade e *imbecilidade*.

Se Marx tem razão e se acontecesse efetivamente que a existência determina a consciência – assim, por exemplo, a pílula a moral sexual e o impasse atômico as ideologias de paz – então, a consciência da mulher ocidental. Cujas condições de vida

se alteraram ("melhoraram") substancialmente no últimos vinte anos, encontra-se numa fase aguda de mudança. E essa mudança – que só pode terminar na completa imbecilização da mulher – é muito perigosa porque ninguém repara nela. Isto porque hoje é a propaganda – e, portanto, o homem – que impõe a imagem da mulher e não ela própria, resultando daí que, mal alguém exprime qualquer dúvida acerca do elevado valor da mulher, vê-se contrariado por cem argumentos publicitários convincentes. A mulher é engraçada, espirituosa, inventiva, cheia de fantasia, meiga, prática e sempre habilidosa, diz a propaganda. Com um sorriso suave, como uma deusa, serve ao seu agradecido rancho de filhos a última bebida instantânea; os olhos do marido voltam-se para ela em adoração porque lhe soube particularmente bem a sua última refeição pronta-a-servir, ou porque nesse momento ela lhe estende uma toalha de pano turco, que, graças a um novo detergente, está mais macia que habitualmente. Essa imagem – da qual o homem necessita para vender os bens de consumo e que estudou justamente para esse fim – é repetida incansavelmente em todo o hemisfério ocidental por todos os meios de comunicação e, assim, consolidada todos os dias. Desse modo, como seria possível as pessoas chegarem à conclusão que as mulheres são, na realidade, estúpidas, destituídas de fantasia e insensíveis? A mulher não o consegue, e o homem não o deve fazer.

A mulher é o cliente, o homem é o vendedor. Não se ganha um cliente dizendo-lhe: "Isto é bom, tem de comprar." Diz-se: "Você é importante, porque havia de rodear-se de coisas inferiores? Você merece conforto, conforto que lhe pertence!" O homem tem, pois, que elogiar a mulher, independentemente de tudo o resto, até porque precisa dela como cliente. Nota-se que ele aqui usa um truque semelhante ao que a mulher emprega na sua amestração. Só que, infelizmente, ele se volta contra o feiticeiro: Ela elogia-o para que ele trabalhe para ela, ele elogia-a para que ela gaste o dinheiro dele. Quando ele lisonjeia a mulher do seu vizinho e lhe impinge ao mesmo tempo com um novo tapete para a sala, tem de contar com que esse mesmo vizinho, no dia seguinte, convença a sua mulher a comprar uma banheira que se auto-aquece. – Como haveria ele de pagar o tapete?

O homem está preso na ratoeira que ele próprio construiu: enquanto lá fora torna-se cada vez mais acesa a luta pelo dinheiro, em casa a mulher enche-lhe os ouvidos de disparates e amontoam-se, dia após dia, troços e coisas inúteis, com que ela financia a estupidificação das mulheres dos seus concorrentes. O homem que, no fundo, gosta do que é simples e funcional, vê-se dia a dia embrenhado em floreados e adornos complicados. Na sala, acumulam-se gatos de porcelana, bancos de bar candelabros e almofadas de seda, no quarto de dormir estão as paredes cobertas de tecido com florinhas, nos armários há doze séries diferentes de copos, e quando procura no banheiro um lugar para a máquina de barbear estão as prateleiras cheias de cremes e utensílios de maquilagem de sua mulher, pintada como se fosse uma obra de arte.

E é interessante observar que a ele próprio quase só se pode vender aqueles produtos que, de algum modo, vêm beneficiar a mulher: carros de esporte (para conquistar mulheres), artigos de luxo para a mulher ou objetos para equipamento de casa (portanto, também para a mulher a quem pertence, de fato, esse equipamento – ele, coitado, é um vagabundo que balança entre o escritório e o lar). As mulheres também desejariam comprar qualquer coisa para os respectivos maridos, com o dinheiro deles. Sempre o fazem desde que se lhes depare uma oportunidade (oferecem-lhes gravatas, camisas esporte coloridas, cinzeiros, carteiras). Mas há um problema: o homem precisa de muito pouco. Seu vestuário está padronizado e é, portanto, barato, seu consumo de comidas e bebidas é limitado, até pelo interesse em não afetar sua capacidade de trabalho, e não tem tempo para consumir outros bens, – além dos cigarros que fuma enquanto trabalha. Todos os esforços da indústria para persuadir os homens a consumir loções perfumadas, fixadores ou vestuário garrido – sujeito, portanto a moda de curta duração – foram mais ou menos baldados. Só os homens muito jovens (cujo rendimento de trabalho ainda é insuficiente para as mulheres), os ricos (que são, aliás, sempre "amados"), os artistas (uma espécie de companhia para divertimento das mulheres) ou os pederastas é que andam sempre vestidos segundo a moda mais recente. Assim, por exemplo, não se conseguiu, apesar de todos os empenhos publicitários, instituir o chamado "dia do pai", enquanto que o "dia da mãe" é todos os anos um esplêndido negócio para todos os setores do comércio. No dia em que deviam ser festejados, os homens vão, quando muito, a qualquer restaurante e bebem calmamente uma cerveja.

Além de comer, beber e fumar há só mais uma atividade em que o homem é autônomo no consumo. É quando se trata de satisfazer o seu instinto sexual. Não é, portanto, de admirar que setores inteiros da economia se tenham especializado em explorar esse instinto, quer dizer, a provocá-lo e a multiplicar o prazer do homem pelo sexo, que, aliás, já é grande. Terá, contudo de satisfazer junto de uma mulher, ao preço de costume.

Como essas empresas, na maioria, são chefiadas por homens, isso significa que o homem (para sobreviver) vê-se na delicada situação de ter que excitar os seus próprios companheiros de sexo. Alimenta o prazer deles pela mulher, à custa de todos os meios adequados, e age tão profundamente como Alexandre Pavlov, na sua célebre experiência de amestração canina. Assim como Pavlov conseguia provocar a secreção de saliva no cão domado não apenas ao mostrar-lhe a comida, mas já quando tocava determinada campainha, assim consegue o homem condicionar a ereção dos seus companheiros de sexo não só na presença da mulher mas já com a fotografia de um seio meio desnudado, um suspiro num disco ou determinada frase num livro. Por essa razão é que ele produz tais excitações em série e coloca-as à disposição dos outros homens em troca de dinheiro. Claro que esse mecanismo não vem beneficiar só a indústria de artigos eróticos como ainda todos os outros ramos da indústria que querem vender

alguma coisa ao homem para a mulher. Também se vendem melhor a ele bens de consumo para mulheres, mostrando um atraente seio feminino. Ele compra certo livro, vai a determinado filme ou lê esta ou aquela revista, porque espera daí excitações para o seu instinto sexual, e secundariamente desperta-se o prazer de uma viagem de duas pessoas à volta do mundo, uma casa para fins-de-semana na montanha ou um novo carro esporte.

Um dos exemplos mais bem elaborados dessa variante de auto-amestração masculina é a revistas americana para homens "Playboy" onde, entre seios maravilhosos que atiçam a sua concupiscência e excelentes dissertações teóricas que o entretêm (e lhe dão oportunidade de recompor-se da sua ereção até o próximo seio), são oferecidos ao homem automóveis caros, bebidas alcoólicas, vestuários supérfluo e marcas de cigarros. Perante essas revistas, as mulheres reagem como diante de fantasmas, mas para o homem o culto dos seios tornou-se entretanto tão independente, que perderam toda a noção do grotesco que envolve a sua situação. A indústria que explora o seu instinto sexual sugere-lhe muito habilmente que o seio feminino existe para prazer do homem, e ele, entretanto, esquece para que é que as mulheres realmente possuem seios. A ilusão é total porque desde a invenção do leite integral que substitui o da mãe, os seios mal encontram já uma criança a quem alimentar.

CRIANÇAS COMO REFÉNS

O fato das crianças serem imensamente encantadoras está longe de ser uma justificação para as dar à luz: quem faz crianças faz também adultos – portanto, homens e mulheres. A maioria dos homens, porém, vive como adultos, no inferno. E a felicidade das mulheres é de tal forma primitiva e é conseguida de tal modo à custa de outrem que também não há para fazer mulheres.

Não corresponderia à verdade afirmar-se que só as mulheres estão interessadas em gerar crianças. Também os homens as desejam, pois estas integram-se nas duas ou três desculpas com que podem justificar a sua submissão à mulher. A mulher ao contraio, justifica com elas a sua preguiça, a estupidez e a falta de responsabilidade. Desse modo, abusam os dois da criatura para conseguir seus respectivos fins.

Embora o mundo esteja repleto de órfãos meio esfomeados, cada casal procura sempre a sua própria descendência. Pois o homem tem que possuir um motivo para, mesmo mais tarde, quando o seu apetite sexual tiver diminuído, se escravizar a determinada mulher (à mãe dos *seus* filhos) e não a outra qualquer. Como a mulher é para ele, sobretudo, um álibi para a submissão, só pode utilizar num dado momento *uma*

única (em todas as sociedades industriais o homem é monoteísta – quer dizer, monógamo), vários deuses (mulheres) torna-lo-iam inseguro, dificultariam a sua identificação consigo próprio e repeli-lo-iam para aquela liberdade da qual ele está continuamente em fuga.

Semelhantes motivos não significam nada para a mulher. Como não pensa em abstrato, não tem, como já vimos, nenhum medo existencial e nenhuma necessidade de um deus que dê ao seu mundo um sentido superior. Basta-lhe um pretexto para justificar que seja precisamente esse homem (que já não vai muito interessado para a cama com ela) que deva trabalhar para ela, e, para isso, necessita de filhos desse mesmo homem. Admitindo que no nosso planeta existisse excesso de homens e a cada mulher coubessem, por exemplo, três homens, a mulher não teria nesse caso, evidentemente, quaisquer inibições em arranjar filhos de cada um desses três machos e fazê-los trabalhar a todos para as respectivas crianças (quer dizer, para si própria). Poderia, então, aproveitar-se da rivalidade entre esses homens e assim aumentar enormemente a sua capacidade de trabalho – e conseqüentemente o seu próprio conforto. Ao contrario da opinião corrente, ela seria mais predestinada para a poligamia do que o homem.

Um homem que tem filhos de uma mulher, dá-lhe reféns para a mão e espera que ela o pressione com eles até a eternidade. Só assim é que ele terá um apoio no seu destino absurdo, e, a escravidão sem sentido, para a qual foi domado, uma justificação. Quando trabalha para a mulher e filho não trabalha só para dois seres humanos, um dos quais não quer fazer nada por ser feminino e o outro nada sabe fazer, por ser demasiado pequeno. Ele trabalha também para algo que é mais do que essa mulher e esse filho, trabalha para um *sistema* que abrange tudo que ao cimo da terra é pobre, desamparado e necessitado de proteção (a pobreza, o desamparo e a falta de proteção *em si mesmo* consideradas), sistema que – segundo crê – precisa dele. Com a mulher e o filho arranja um álibi para a sua escravatura, uma justificação artificial para a sua desconsolada existência, e chama a esse sistema, a esse grupo sagrado que *voluntariamente* originou, a sua “família”. A mulher aceita com alegria os seus serviços em nome da “família”. Ela aceita os reféns que ele lhe confia, e faz com eles o que ele deseja (amarra-o a si cada vez com mais força e submete-o até o fim da sua vida) –, tirando daí todo o proveito.

Ambos (homem e mulher) só têm, pois, vantagem em ter filhos (caso contrário, não os procriariam). O homem tem a vantagem de dar, retroativamente, à sua vida um sentido mais elevado e de poder escravizar-se para sempre, e a mulher aufere todas as vantagens restantes. Essas vantagens devem ser enormes para ela, pois praticamente todas podem escolher entre a vida profissional e filhos e quase todas decidem-se pelos filhos.

Poder-se-ia aqui objetar que as mulheres só se decidem por filhos e não pela profissão porque adoram crianças. A isso responder-se-ia que uma mulher nem é capaz

de tão elevados sentimentos como os exigiria um amor puro por crianças. A prova é que quase todas as mulheres só se preocupam com os seus próprios filhos e nunca com os alheios. Só cuidam de uma criança alheia, quando, por motivos médicos, não podem ter as suas (e mesmo nesse caso quando falharam todas as tentativas, inclusiva fecundação com sêmen de um homem estranho). Embora orfanatos de todo o mundo estejam cheios de crianças encantadoras e necessitadas e embora a televisão e os jornais publiquem quase todos os dias números referentes a pequenos africanos, indianos e sul-americanos que morreram de fome, é mais fácil as mulheres levarem para casa um cão ou gato vadios – elas que pretendem *amar* as crianças – do que uma criança abandonada. E embora todas as revistas possa ler-se a taxa elevada de monstros que são gerados todos os anos (crianças hidrocéfalas, com falta de membros, cegas, surdas, idiotas), elas não se deixam impressionar por isso e continuam pondo-os neste mundo, uns após outros, como se tivesse condenados a nascer por bruxedo. Quando acontece a uma delas dar, então, à luz uma dessas criaturas monstruosas, não se sente desmascarada no seu egoísmo e chamada à responsabilidade: – como a mãe de um monstro é venerada na nossa sociedade como uma mártir. Fala-se com o maior dos respeitos de uma mãe que deu à luz um filho idiota e se ainda não tiver um filho saudável, tratará de o obter o mais depressa possível, um "normal", igual aos filhos das outras mulheres, para provar que é saudável (e obrigado assim esse filho normal a passar toda a sua juventude, toda a sua vida, na companhia dum idiota).

É difícil desmascarar as mulheres, revelando que elas não amam as crianças e só abusam delas em seu proveito, porque a gravidez, o nascimento e os cuidados a ter um filho pequeno estão, de fato, ligados a alguns inconvenientes. Mas que insignificantes eles são comparados com aquilo que obtém em troca: segurança vitalícia, conforto e isenção de responsabilidade. O que teria um homem de suportar para alcançar para si algo de igualmente valioso?

Já começou até a circular entre os homens que uma gravidez não é de longe tão desagradável como parece. Há mulheres que se sentem particularmente bem durante esse período e tornou-se recentemente moda confessá-lo abertamente. Escusam de se incomodar muito com o fato de todas ficarem feias e mal apresentadas, com uma figura maciça, rosto inchado, pele com manchas, cabelo áspero e pernas com varizes. Durante esse tempo não procuram homem, já tem um, e se ele é obrigado a assistir à transformação da sua mulher borboleta em lagarta só tem que se queixar de si próprio. É o seu filho que ela aguarda, é ele que a desfigurou tanto – que direito teria ele de achá-la pesadona e repugnante (além disso, ela está precisamente nessa altura a "oferecer-lhe a sua juventude")?

Acerca do processo do parto propriamente dito grassam ainda boatos atemorizantes, que o homem jamais poderá chegar à conclusão de que a mulher recebe filhos para sua própria vantagem e não para a dele. É certo que a expressão "ela deu-lhe

um filho", que aparecia antigamente nos romances, vai desaparecendo lentamente da literatura, mas, na consciência do homem ela ainda está suficientemente radicada para provocar neles, quando do nascimento da sua descendência, apenas sentimentos de culpa (sentimentos esses em relação à mulher, bem entendido, não ao recém-nascido!).

Se um homem imaginasse que poderia ganhar uma pequena renda vitalícia graças a uma consulta no dentista que demorasse seis horas não o faria? Claro que, de vez em quando, também há partos difíceis (graças à anestesia são consideravelmente menos dolorosos), mas, em geral, o parto não é mais doloroso para uma mulher que uma demorada consulta no dentista. O que os homens sabem através das mulheres acerca do desenrolar do parto são, na maioria, exageros desavergonhados. Os gritos estridentes que, freqüentemente, chegam até eles atravessando a porta das salas de parto, explicam-se melhor por falta de orgulho e deficiente auto-domínio (ambos foram explicados pormenorizadamente noutro capítulo). Há anos que existe o parto sem dor em que as mulheres dão à luz os seus filhos depois de um período de preparação, com ginástica e treino próprio, sem anestesia e sem se queixarem. As mulheres fariam bem em combinar umas com as outras se o parto faz ou não faz doer. Enquanto umas contarem isto e as outras aquilo, caem em descrédito e prejudicam a causa comum.

Claro que a mulher tem mais algumas razões para gerar pequenos seres humanos além de dar-se ares de desamparo e passar assim os dias com trabalho fácil e sem obedecer a chefes. Ela descobre, por exemplo, um belo dia, que o seu corpo funciona como uma máquina automática na qual basta introduzir algo de modesta aparência para dele sair algo de fantástico. É natural que se entusiasme a experimentar um dia esse jogo maravilhoso. E depois de o ter jogado uma vez, gostaria de o continuar a jogar muitas e muitas vezes (quase sempre bate certo: – precisamente ao cabo de nove meses vem um ser humano), fica louca de entusiasmo e acha-se magnífica. É evidente que a utilização do autômato é, no fundo, tão natural como um homem partir a cabeça a outro (caindo este automaticamente), só porque isso é biologicamente possível. – Se cada um desses jogos com o seu corpo-autômato não significasse posteriormente um pequeno incômodo para si, ela seria insaciável. Assim, é forçada a estabelecer uma fronteira: aquela onde uma criança a mais significaria para ela apenas um aumento do programa de trabalho e não um acréscimo de segurança ou conforto.

A fronteira é geralmente muito fácil de estabelecer e é condicionada, principalmente, pelo estágio de automatização do respectivo trabalho doméstico: em países altamente industrializados a mulher deseja dois ou três filhos. Para a norte-americana cujo trabalho doméstico está plenamente automatizado, o ótimo serão três; a européia ocidental (a quem faltam ainda alguns aparelhos domésticos), preferirá dois. Raramente se deseja um filho único e mais que três filhos é considerado associal por causa do barulho e do cheiro da roupa suada. Um filho único não traz vantagens, apenas desvantagens. Uma mulher com um filho único nunca parece tão desamparada ou

agrilhoada ao lar como devia ser. E podia também vir a acontecer qualquer coisa a esse filho – talvez até numa idade em que a mulher já não pudesse mais conceber – e deixaria de haver pretexto para levar uma vida mais cômoda que a do seu marido e ele já não teria pretexto para trabalhar precisamente para ela. Além disso, o filho único não teria companheiros de brincadeiras, a mulher teria talvez até de brincar com ele – e se alguma coisa existe que as mulheres detestam é brincar com os filhos. Enquanto que as crianças se interessam por tudo e perguntam tudo, a mulher fundamentalmente não se interessa por nada (além das imbecis possibilidades de divertimento que lhe proporcionam o governo do lar e o seu corpo). Por isso, é manifestamente difícil à mulher – mesmo quando tem a melhor boa vontade, – penetrar no mundo fantástico das crianças. É certo que ela possui um repertório de expressões pueris para entretenimento de crianças muito pequenas ("Ai, ai, ai, quem é que vem aí?") mas logo que elas ultrapassam os dois anos e começam a pensar por si, acabou-se. Não existe a propósito da mãe e do filho, nem sequer a propósito da mãe e da filha, o proverbial "clice" dos interesses comuns de pai e filho "o pai que não pode deixar de brincar com o trem elétrico do filho). Quando, porém, uma mulher consegue dominar-se e brincar meia hora por dia com seu filho (...mais do que isso também seria prejudicial para o desenvolvimento do seu espírito), conta isso em toda parte como se fosse uma façanha (e com razão, porque autodomínio em tal grau é de fato, no caso dela, uma façanha).

Só dois ou três filhos é que garantem segurança material: fazem com que a mulher pareça desamparada e incapaz de angariar o seu sustento e diminui o risco de ficar na velhice sem filhos (sem netos), sem ninguém que lhe possa manifestar a sua reverência pelo cuidado maternal. Permite, além disso, que as crianças brinquem umas com as outras, enquanto a mulher se dedica aos seus prazeres "mais elevados", tais como coser ou fazer bolos. A assistência maternal consiste, nesse caso, em fechar os filhos todos num quarto e voltar a entrar nele apenas quando algum se feriu ou berrou muito alto.

Acresce que a educação e amestração de dois ou mais filhos é muito mais fácil de conseguir que de um filho único. Para conquistar a obediência de um filho único tem de fazer-se uma complicada propaganda, têm de inventar-se métodos para o enganar ("persuadir", "levá-lo ao bom caminho") ou é preciso castigá-lo (o que só maça a mulher, por isso deixa este trabalho para o marido). Pelo contrário, vários filhos educam-se por chantagem. Como todos dependem do elogio da respectiva mãe, basta favorecer ligeiramente um deles para que os outros façam imediatamente o que lhes é exigido. Cada filho vive num medo constante de que a mãe o possa privar do seu "amor" para o dedicar a outro, e se é certo que esse medo não permite, em regra, que haja simpatia entre irmãos (como se a mulher estivesse interessada nisso!), a verdade é que estimula a concorrência e, portanto, o rendimento do trabalho. E mais tarde também, quando esses filhos forem adultos, mais não desejarão, no fundo, que supervalorizarem-

se mutuamente para mostrar essa eficiência aos olhos da mãe. Os filhos satisfazem a sua ambição na profissão, as filhas rivalizam mutuamente na acumulação de bens. E de tempos a tempos juntam-se todos à volta da mãe (que tem isso na conta de demonstração de simpatia e apoda o interesse de uns irmãos pelos outros de "sentido de família") para mostrar a ela os seus últimos feitos.

Todas essas vantagens, porém, só existem no caso de haver dois ou três filhos. Uma mulher com mais de três filhos (hoje em dia, na maioria dos casos, devido a um descuido ou a compromissos religiosos do homem) tem, é certo, durante alguns anos, bastante que fazer – se bem que podendo dividir o tempo à sua vontade, sem responsabilidade pelo sustento de sua vida (de resto, a responsabilidade por crianças é desconhecida da maioria das mulheres) e sem superiores hierárquicos. Mas essa atividade aumentada dura apenas até o filho mais novo atingir a idade do jardim de infância, e ainda lhe proporciona uma pequena vantagem: pode estar certa de que o seu marido, enquanto os filhos não forem crescidos, nunca a deixará. Sim, porque um homem que abandona uma mulher com quatro ou mais filhos (mesmo que seja, simplesmente para não a poder aturar mais) é considerado na nossa sociedade, praticamente como um criminoso.

Seja como for, quando os filhos atingem a idade escolar ou pré-escolar, termina, mesmo para a mãe de muitos filhos, a maior parte do trabalho da sua vida. De novo passa a ter tempo – e já agora com mais dinheiro – para gozar a vida. Vai ao cabeleireiro, dispõe em jarras, pinta os móveis de cores seguindo as sugestões das revistas femininas e cuida do seu precioso corpo. Na maioria dos países ocidentais o ensino nas escolas dura quase todo o dia e nos poucos em eu ainda não existem escolas dessas, estão os homens construindo-as com o entusiasmo habitual. A partir das suas investigações, verificam que as crianças não submetidas à influência das respectivas mães durante meio dia, podem desenvolver melhor as suas faculdades intelectuais e por conseguinte serão mais produtivas posteriormente. A utilização prática desse conhecimento, que de forma alguma consideram humilhante (como não conhecem a "honra" dos homens, não podem ser atingidas dessa maneira) é feita, pois, duplamente, no interesse das mulheres.

OS VÍCIOS DA MULHER

Quando a pilha de toalhas engomadas se encontra arrumada na respectiva gaveta do armário, quando o assado fica tostado de todos os lados por igual, quando a madeixa cai sobre a testa da maneira desejada, quando o tom rosa do verniz de unhas combina bem com o do batom, quando flutuam ao vento peças de roupas muito bem lavadas, quando se alinham dez pares de sapatos acabados de engraxar, quando os vidros das janelas estão tão brilhantes que cegam os que passam, quando o marido partiu a horas para o trabalho e os filhos brincam pacificamente ao sol, está finalmente em ordem o mundo da maioria das mulheres. É nessas horas que atingem o auge da sua capacidade de sentir prazer, a sua sensação de felicidade é, então, inexcedível. E para que se mantenham nessa ótima disposição, ainda vão rapidamente fazer um bolo, regar a árvore da borracha em miniatura na janela da sala ou tricotar uma camisola para o filho mais novo. Porque quem não trabalha tem prazeres diferentes de quem trabalha. Uma mulher não se acomoda num sofá a ler o jornal. A sua ociosidade é fundamentalmente diferente daquilo que os homens entendem como tal (e, por isso, é que ela parece a eles tão diligente): quando a mulher não quer trabalhar, não é por querer pôr-se à vontade e

descansar – de que havia ela de querer descansar? – mas por ser incrivelmente dada à folia e precisar de tempo para seus divertimentos. Esses divertimentos são fazer bolos, engomar roupa, lavar vidros, arranjar o cabelo, pintar as unhas dos pés e, por vezes – no caso de mulher mais evoluídas de que falaremos mais adiante – também escrever à máquina e estenografar. Para que isso não dê nas vistas, chama aos seus divertimentos em casa "lides domésticas". O tratamento do corpo só o pratica, de resto, para satisfação do companheiro e os seus divertimentos idiotas nas antecâmaras dos homens que exercem profissões – que consistem em sentar-se à mesa, totalmente mascaradas, e passar a um meio ótico os pensamentos integralmente formulados por eles – classifica-os ela de "sugestiva atividade de espírito". Desse modo, regala-se ela e as do seu grupo numa grandiosa e permanente festa, vive num mundo de liberdade, de irresponsabilidade e de felicidade racional, que o homem nem ousa para si, quando muito, julgaria ser possível nos *hippies* e habitantes dos Mares do Sul, mas nunca à sua volta.

Não haveria, evidentemente, nada a opor a essas inocentes orgias, se os homens soubessem que elas não são mais do que isso, se não arruinassem toda a sua vida na crença de que as mulheres passam ainda muito pior do que eles. Porque a verdade é que os homens não podem chegar por si sós à idéia de que todas essas atividades constituem o divertimento das mulheres. Teriam para tal de compreender até que ponto essas mulheres são radicalmente estúpidas, tão estúpidas que só podem divertir-se ao nível mais baixo e sempre da mesma maneira. E uma tal capacidade de estupidez está fora do alcance da imaginação masculina.

Nem sequer os psicólogos que se ocupam constantemente com a inteligência feminina (como homens interessam-se mais por mulher do que por si próprios), tiveram até agora a idéia de que a psique "feminina", se lhes parece tão estranha, isso deve-se talvez, ao fato das mulheres serem tão imbecis; que atividades "femininas", se lhes parecem tão pouco atraentes, é só porque lhes falta, a eles, a dose de estupidez necessária à sua compreensão. Esses peritos chegaram à conclusão de que se trata de uma inteligência tipicamente feminina e não propriamente de uma falta de inteligência quando, nas suas investigações, verificaram, por exemplo, que as moças em idade escolar têm existo quase que exclusivamente naquelas disciplinas em que não é preciso pensar, onde, portanto, como no estudo das línguas, pode aprender-se de cor – no entanto, é sabido que uma boa memória pode ser sintoma de imbecilidade – ou onde, como na matemática, tudo decorre segundo regras fixas que, por sua vez, se aprendem de cor, e que, em algumas outras disciplinas (física, química, biologia) falham em escala muito apreciável. Os psicólogos nunca entenderão esse gênero de "inteligência" é uma estupidez adquirida (portanto, não inata) que deriva de uma mulher exprimir em média com cinco anos, pela última vez, um pensamento original, esforçando-se depois,

seguindo as instruções de uma mãe totalmente imbecilizada, por frear toda e qualquer forma de desenvolvimento da inteligência.

E os restantes dos homens também não querem confessar, com toda a franqueza, a imensa estupidez das suas companheiras. É certo, dizem, que não serão particularmente inteligentes, mas que, em compensação, têm instinto – e chamam-lhe feminino para o diferenciar do instinto animal. Só que, infelizmente, esse tão elogiado instinto não significa outra coisa que uma possibilidade estatística: como as mulheres se metem em tudo e a propósito de tudo dão a sua opinião (como são estúpidas, não notam a vergonha por que passam), não pode deixar de acontecer acertarem por vezes nos seus prognósticos. A maioria dos prognósticos é, de resto, negativa e formulada de maneira não muito exata: "Isto só pode ocasionar uma catástrofe", dizem elas, "... se fosse a ti não me metia nisso", ou "... dos chamados teus amigos nunca receberás outra coisa senão desilusões". Tais profecias poderiam ser arriscadas por qualquer pessoa em qualquer circunstância. E se as mulheres, por vezes, na verdade, vêem mais nitidamente que os homens, isso verifica-se apenas porque, ao contrário dos homens, podem julgar sem sentimentos.

Note-se que a estupidez das mulheres é apenas uma conseqüência extremamente lógica de toda a sua atitude perante a vida: que poderia uma mulher fazer com a inteligência e os conhecimentos por ela condicionados se já em criança se decide a viver mais tarde à custa de um homem (todas as meninas de cinco anos querem mais tarde casar, governar uma casa e ter filhos, e as de dez, quinze e vinte anos continuam a desejá-lo). Ela tem de estar pronta a aceitar mais tarde as inclinações e interesses daquele ser humano que cuidará dela (ela terá ainda por cima de o elogiar por essas tendências e interesses) e não pode ter antecipadamente nenhuma idéia de que gênero será esse homem. De que lhe serviria, por hipótese, entusiasmar-se prematuramente pelo socialismo (estudantes universitárias manifestantes estão sempre ligadas a estudantes universitários manifestantes) se mais tarde vem talvez a casar com um industrial abastado? Que sucederia se, por questão de sensibilidade, se tornasse vegetariana e tivesse mais tarde de acompanhar um criador de gado até a Austrália? E para que haveria ela de converter-se ao ateísmo se acabar por passar a vida numa casa paroquial coberta de rosas?

De que teria servido a Jacqueline Bouvier se na sua juventude tivesse desenvolvido quaisquer conceitos ideológicos? Um fraco pela democracia só lhe teria sido útil por ocasião do seu primeiro casamento com J. F. Kennedy. Um fraco pelo fascismo, só para o segundo. E como ela é mesmo uma das mulheres "mais femininas" que existem, não dá provavelmente grande valor à consideração dos homens. No fundo, interessa-lhe apenas agradar às mulheres e impressioná-las.

E, portanto, melhor que a mulher de sociedade só aprenda, na sua juventude, um pouco de arte, de maneiras de estar à mesa e de línguas. Se de fato viesse alguma vez a

ter o embaraço de desempenhar um papel na vida pública – é perfeitamente suficiente se afirmar que uma mulher "autêntica" deve existir, sobretudo, para o marido e os filhos e todo o mundo classificará isso como um sinal de modéstia, aplaudindo-a.

A estupidez das mulheres é tão preponderantes que tudo aquilo em que toca, torna-se como que impregnado dela. Só não é notada porque todas as pessoas convivem com essa estupidez desde o primeiro segundo de vida e habituam-se imperceptivelmente a ela. Por essa razão é que tem sido ignorada pelos homens ou considerada como qualidade tipicamente feminina, que a ninguém incomoda. Mas com o aumento do tempo disponível e do dinheiro cresceu também a necessidade de diversão por parte das mulheres, o que significa que essa estupidez alarga cada vez mais na vida pública o seu campo de ação. Não se reflete só em cada jarrão, em cada quadro no dormitório e em cada cortinado de brocado no lar, em cada *cocktai-party* e cada sermão dominical, exige cada vez mais espaço nos chamados meios de comunicação de massa. Aumentam as emissões para mulheres nas estações de rádio e televisão. As colunas sobre mexericos da sociedade, crimes, moda, horóscopos e receitas de cozinha tornam-se cada vez mais extensas nos jornais sérios, e as publicações especiais para as mulheres aparecem à venda cada dia mais numerosas e mais amplas. Pouco a pouco infesta-se com estupidez feminina não só a esfera privada dos homens como toda a vida pública.

Existem publicações sobre política, filosofia, ciências naturais, economia, psicologia, e outras sobre vestidos, cosméticos, decoração de lares, bisbilhotices, cozinha, crimes, escândalos amorosos. As primeiras são lidas quase exclusivamente por homens, as segundas exclusivamente por mulheres e a ambos – homens e mulheres – para que o que o outro lê é tão repugnante e aborrecido que preferem morrer de tédio a ler isso. A verdade é que os homens se interessam realmente por saber se haverá em marte formas de vida primitivas ou se os argumentos dos chineses no conflito fronteiriço russo-chinês são mais convincentes que os dos russos, e que esses problemas deixam a mulher completamente indiferente. Interessam-se por saber como se bordam coelhinhos ou se fazem vestidos de malha, ou se determinada atriz de cinema se divorcia ou não. Vivem assim, bem separados um do outro, tendo cada qual o seu horizonte sem jamais entrar em contato com o outro. O único tema que a ambos interessa é a mulher.

É evidente que, mesmo assim, há homens que não ficam livres de ocupar-se com publicações especializadas para mulheres, pois à semelhança do que sucede com a moda feminina, que não interessando nada à maioria dos homens é, todavia, feita pelos escravos masculinos (as mulheres dirão depois, na sua paz de alma, que se curvam à ditadura dos grandes costureiros), assim os órgãos de entretenimento das mulheres também são feitos e divulgados por aqueles. E esses esforços só podem ser bem sucedidos quando os homens descem até ao nível espiritual das mulheres e tentam descobrir o que lhes agrada. Como isso é para o homem um empreendimento quase

impossível, aconselha-se sobre assuntos com um estado-maior de redatoras que lhe diz o que mais as diverte. Ele conserva, no entanto, em qualquer dos casos, a responsabilidade pela concepção, venda e aumento de tiragem desses órgãos.

Esses periódicos entretêm a mulher (Ladies' Home Journal, Mc Call's), satisfazem o seu vício de bisbilhotices (Gente, Movie Life), dão-lhe conselhos sobre a escolha da sua máscara e fantasia (Vogue, Bazaar) e reúnem noutros casos diversos elementos numa só publicação (Elle, Brigitte, Grazia). A todas é comum ignorarem o homem (ao invés disso, o tema principal das revistas masculinas é a mulher). Quando o mencionam, fazem-no, por princípio, apenas para indicar quais as suas preferências em relação à mulher, ao lar ou às refeições. ("Use no próximo verão roupa interior cor de carne, os homens gostam", "Uma maquilagem natural para o primeiro encontro", "Ponha velas na mesa, ele ficará romântico", "Três receitas que farão com que ele a adore", etc). E como o conhecimento tão completo das suas preferências só pode ter a finalidade de ajudar a manter um qualquer homem durante mais tempo amarrado (as leitoras dessas revistas são, geralmente, ou solteiras, e, portanto à procura de uma força de trabalho, ou casadas, sujeitas por conseguinte a ter que conservar essa força já adquirida), não passam essas publicações de manuais especializados, manuais sobre aquele que é ainda, na opinião das mulheres, o robô de trabalho em que mais pode confiar-se, o homem. É freqüente as manchetes serem tão francas quanto estas: "É assim que você consegue "pescar" o homem para toda a vida", "Dez coisas que o mantêm bem disposto" ou "Conselhos para os três primeiros anos de casada". E essas indicações são tão claras e transparentes que dir-se-ia tratar-se de sugestões para a compra de um automóvel ou de instruções sobre os cuidados a ter com uma camisola de caxemira.

Devido à limitação dos interesses femininos acontece, freqüentemente, as redações de tais periódicos terem falta de assunto. Nesse caso têm os redatores que recorrer aos chamados assuntos de homens (que abundam visto os homens se interessarem por tudo) e, por meio de um complicado processo de transformação, adaptá-los ao nível das leitoras. Aqui, a lei suprema é a seguinte: todos os artigos têm que dar a impressão, de tratar-se de uma reportagem sobre mulheres. Só com a manchete "As mulheres causaram a minha ruína" é possível escrever acerca de um pugilista envelhecido, o compositor tem que dizer pelo menos uma vez em cada entreposta que foi inspirado por mulheres e que uma linda jovem é como uma melodia – só que mais bela ainda. Quando essa camuflagem obtêm sucesso, é perfeitamente possível levar até as mulheres a ler os temas mais dispares. Verificou-se que até pode escrever-se para mulheres acerca das tarefas femininas num Ministério da Defesa caso se apresente o artigo como uma reportagem sobre a vida familiar do respectivo ministro (evidentemente que terá de ser reservado um espaço suficientemente amplo para as fotografias da mulher e dos filhos do ministro, e pode-se inclusive ir ao ponto de falar

de países estrangeiros desde que se disfarce a reportagem como um artigo que descreva a vida de uma mulher do meio ambiente das leitoras, casada com m homem desses longínquos países ("O meu marido é japonês, egípcio, chinelo, israelita").

Trata-se de um princípio aplicável, de resto, em todos os campos, válido especialmente em matéria de política. Como as mulheres só se interessam por mulheres e não por homens, só pode levar-se ao seu conhecimento acontecimentos políticos atuais, caso despertem a impressão de terem uma mulher como fulcro. Assim, por exemplo. A guerra do Vietnam só se tornou popular quando apareceram na imprensa as primeiras fotografias da lendária Madame Nhu, os problemas dos católicos da Irlanda do Norte só ganharam foros de grande atualidade depois de surgir Bernardette Devlin, e o drama da estéril Soraya, provavelmente, contribuiu mais para a compreensão dos problemas do Irã do que todas as outras publicações juntas sobre esse país.

O primeiro ato político de um detentor do poder deverá ser, portanto, o casamento com uma mulher o mais fotogênica possível. Mal se conseguem imaginar as vantagens que teriam países como Israel ou a Índia se Golda Meir ou Indira Gandhi fossem belas, de acordo com os critérios severos das mulheres, se as suas fotografias tivessem figurado nas capas das revistas ilustradas em vez de Grace de Mônaco, Sirikit da Tailândia ou Farah Diba da Pérsia. As reportagens correspondentes teriam ostentado títulos como "As jóias de Golda Meir" ou "O que os homens adoram em Indira Gandhi" – e, de passagem ter-se-ia podido explicar à outra metade da população mundial (a metade ditosa) porque é que em Israel anda o diabo à solta e qual a razão porque na Índia morrem anualmente de fome tantas e tantas centenas de milhares de crianças (que poderiam ser facilmente alimentadas com o dinheiro que as mulheres gastam em verniz para unhas e acetona para, depois, retirar o mesmo verniz).

A MÁSCARA DA FEMINILIDADE

Não há quase diferença nenhuma entre uma mulher sem pintura, calva e nua e um homem sem pintura, calvo e nu. Com exceção daqueles órgãos que servem para a reprodução da espécie, tudo o que distingue o homem da mulher é criado artificialmente. O homem torna-se homem pelo desenvolvimento da sua inteligência e da conseqüente produtividade (o seu aspecto quase não varia durante esse processo). A mulher torna-se mulher por estupidificação gradual e pela modificação do seu aspecto. E essa diferenciação dos sexos verifica-se, exclusivamente, por iniciativa da mulher.

Um homem só é considerado "másculo", conforme já vimos, após uma série de atos de amestração femininos. A mulher, no entanto, modifica-se sob sua própria direção e torna-se "feminina" com o auxílio da cosmética, da arte de pentear-se e do vestuário. Essa feminilidade artificial fabricada consiste de dois componentes: a acentuação dos caracteres sexuais secundários, já descrita em outro capítulo, e o exotismo conseguido pelo *efeito da máscara*. Pois, como a multiplicidade das suas máscaras a mulher só tem uma finalidade: apresentar tão nitidamente quanto possível a diferença entre si e um homem qualquer.

Acentuando os seus caracteres sexuais, torna-se cobiçada pelo homem, e com o resto da mascarada torna-se para ele misteriosa – converte-se no sexo estranho, o sexo cintilante, o "outro" sexo, e isso facilita a o homem a sua sujeição. Graças à vasta escala de possibilidades de transformação que tem ao seu dispor – uma "verdadeira" mulher muda de aspecto todos os dias – está constantemente a impressionar e a surpreender o homem. Além de ganhar tempo: enquanto ele tem de se esforçar para redescobrir a mulher do dia anterior para lá do seu aspecto modificado, pode ela realizar tranqüilamente seus planos – que consistem em manobrar o homem para uma posição tanto quanto possível irremediável – e distraí-lo do cheiro de decomposição espiritual que exala por todos os lados sob o agradável manto de sua mascarada.

A mulher considera-se, pois, tão somente, como matéria-prima para uma mulher. Não é o material que se aprecia, mas o resultado. Sem maquilagem, penteados elaborados e colarzinhos, as mulheres praticamente ainda não existem – isso explica, também, porque tantas delas andam por aí, sem a mínima vergonha, com rolos e rosto engordurado: ainda não são elas, estão a fazer-se! – e a ficção tem tanto mais sucesso quanto menos inteligência lhes barrar o caminho.

Para que seja um êxito a metamorfose em mulher, jamais se pouparam a esforços. Jamais qualquer tratamento cosmético foi considerado demasiado moroso ou demasiado caro por uma mulher desde que se trate de fabricar aquele produto acabado que tão flagrantemente se distingue do homem. Engordurando a pele, esta foi-se tornando cada vez mais lisa e mais diferente da do homem, usando o cabelo comprido ou encaracolado, também preta não os torna alguma mais bonitos, mas completamente diferentes dos olhos dos homens: estranhos, misteriosos, inquietantes.

Foi tudo isso o sentido original da mascarada feminina, que, no entanto, com o correr do tempo, quase entrou no esquecimento. Como a mulher burguesa dos últimos decênios, em função do bem estar que o homem construiu, passou de empregada doméstica muito atarefada para uma espécie de cocote, não podia deixar de suceder que o seu jogo, originalmente ligado a uma intenção, se harmonizasse com o seu aspecto exterior. Ela tem agora tempo e dinheiro e quer vertir-se mais do que nunca. E como o jogo com o seu corpo é uma das suas distrações prediletas (freqüentemente é esse o seu único divertimento, porque, sobretudo no que se refere a mulheres abastadas, tem ainda que substituir com ele as lides domésticas), é por essa razão estimulado por todos os lados – pelos homens que fabricam os instrumentos de maquilagem, por aqueles que concebem e produzem os seus vestidos e penteados e por aqueles que vivem de propor para esse jogo sucessivas variantes novas: os redatores de programas radiofônicos femininos e revistas para mulheres. A verdade é que, entretanto, desenvolveu-se entre as mulheres como que uma espécie de cultura própria, uma espécie de profissão artística à sombra da qual elas podem viver tranqüilas entre si, e que as eleva a alturas (melhor, a

profundidades) aonde os homens – à exceção dos escravos de trabalho nisso especializados – já não conseguem acompanhá-las.

"Procure conservar a pele de seus lábios elástica", aconselha, por exemplo, uma famosa revista feminina a uma leitora que se queixa de rugas "muito profundas" nos lábios. "Escove diariamente os lábios muito cuidadosamente com uma escova de dentes molhada e esfregue-os várias vezes ao dia com pomada. Empregue batons sem brilho de madrepérola, porque não se fixam tanto nas rugas". "Tirem medidas", aconselha a mesma revista a todas as mulheres, "o perímetro das ancas só deve exceder vinte e cinco centímetros o da cintura e, quando muito, oito centímetros o do peito". "Escova sempre bem as suas sobrancelhas antes de as delinear com o lápis. Nunca pinte um arco liso, trace-o, sim, com muito cuidado, cada cabelinho por si. Terá um aspecto natural se você pintar mesmo junto da base do nariz dois traços verticais esse misturar duas cores, por exemplo, cinzento e marrom". "Coloque um espelho na sua cozinha. Ajuda-a a controlar se faz inconscientemente caretas quando cozinha ou se enruga a testa, e mostra, também, se o penteado se desfez".

E as mulheres, gratas por cada nova regra do jogo ensinada (que não têm fantasia o suficiente para inventar), executam tudo escrupulosamente: medem as ancas, escovam os lábios, pintam as sobrancelhas e, para evitar rugas na testar, penduram pequenos espelhos na cozinha. E depois de terem feito isso, há logo mais sugestões para o mesmo jogo: existem realmente mulheres que banham diariamente os seios em água fria durante dez minutos ("torna-os firmes"), que, sem estar doentes, se besuntam todas as manhãs da cabeça aos pés, que, dia sim dia não, põem nunca menos de trinta rolos no cabelo e que necessitam de meia hora só para a maquilagem dos olhos. E como graças a todas essas atividades, absurdas aos olhos dos homens, parecem a estes cada vez mais estranhas, cada vez mais enigmáticas – cada vez mais *femininas* –, são com freqüência essas mulheres aquelas a quem eles mais docilmente, se escravizam.

E o jogo continua. Quem nele quer entrar, quem não quer perder o contacto com a clique, tem de observar constantemente as novas regras, visto que as exigências que as mulheres fazem umas às outras (os homens há muito abandonaram o jogo) se tornam enormes, as possibilidades de divertimento cresceram imenso e não cessam de aumentar. É inevitável que, no meio disso tudo, muitas mulheres fiquem a meio caminho e se dediquem novamente, sobretudo, aos divertimentos domésticos. Condicionadas pelos ordenados diferentes dos homens criam-se diferenças de classe entre mulher muito bem, bem e menos bem mascaradas, servindo as primeiras de ídolo a todas as outras, e oferecendo-lhes, por meio da sua mascarada perfeita, permanentemente controlada através das publicações especializadas, uma espécie de satisfação por substituição.

Mas as regras do jogo também se tornam cada vez mais* complicadas para aquelas para aquelas mulheres que apenas se mascaram medianamente. Assim, por exemplo, ela só vai nadar desde que leve maquilagem especial, resistente à água, pernas

e axilas cuidadosamente depiladas, corpo untado e os cabelo metidos numa touca de borracha coberta de flores. Antes de dirigir-se ao supermercado aplica, pelo menos, um creme de dia de tonalidade mate, um pouco de rouge e pinta as pestanas de marrom claro. Para enterros, leva a mantilha preta, uma base particularmente clara e um batom quase invisível. E o maquilar-se e vestir-se para um *cocktail party* vulgaríssimo, em que se demorará talvez alguns minutos apenas, ocupa-lhe, no entanto, horas. Quando antigamente lhe bastava usar uma sombra para pálpebras, precisa agora de três (por exemplo, branco, dourado e verde). Cuida dos lábios com pomada, lápis de contorno, batom madrepérola e pó. As pestanas postiças já não são coladas em fita mas sim pestana por pestana. ("Dá um efeito mais natural") e no seu penteado entrelaça, cada vez mais freqüentemente, um postiço que, como é evidente e à semelhança do seu próprio cabelo, tem que estar sempre lavado e ondulado. Só para a maquilagem de olhos e sobrancelhas precisa de uma mulher do seguinte: um par de pestanas postiças, cola especial e pinça para fixar essas pestanas, lápis, tinta para pestanas, *eyeliner*, sombra para pálpebras (três cores), lápis de sobrancelhas (duas cores), pó para sobrancelhas com pincel de cerdas, escovinha para sobrancelhas, bolas de algodão com óleo para desmaquilar e creme especial para os olhos.

E os homens, que de fato amam loucamente as suas deusas (estranhas, cintilantes, isto é, *femininas*) mas não gostam de as ver perder horas e horas escravizadas diante do espelho, ficam cada vez mais incomodados. Porque, tal como sucede no trabalho doméstico que contraria, a seu ver, a dignidade humana e que não podem acreditar que proporcione prazer à mulher, também no caso da maquilagem não podem acreditar que isso suceda. Certo, o homem sabe por si próprio que não dá valor nenhum ao fato de sua mulher usar parra arranjo de pálpebras três pós de cores diferentes (tal como sabe que não haveria necessidade de plantas de interior e de cortinas de rendas nas janelas), mas pensa, como em relação ao trabalho doméstico, que os outros homens ou *a sociedade* exigem isso das mulheres, e lamenta-se por isso, achando-se pessoalmente responsável por essa evolução. Como sabe ele e os seus companheiros de sexo só dão valor ao exterior da mulher, aos símbolos sexuais e a um certo ar de novidade proporcionado pela maquilagem, que tem, no entanto, os seus limites, (sendo as mulheres tão estúpidas e pobres de sentimentos, a que outra coisa haviam eles de dar valor?) conclui que a sua constante preocupação com o próprio corpo só pode explicar-se por meio de zelo excessivo na satisfação das exigências masculinas, e, perante esse zelo, sente-se com complexo de culpa e emocionado. Pensa que, devido às suas necessidades primitivas, faz da mulher um objeto (*objeto de prazer*) que reprime as suas qualidades valiosas (que, na realidade, não se encontram em lugar nenhum!) – e, claro que, mais uma vez, passa quase uma tangente à verdade. Pois ele, no seu próprio interesse, nem sequer pensa que toda essa evolução seja o grau mais elevado da cultura feminina atingido até agora, que as mulheres não se tornam objetos graças à moda e aos cosméticos, mas que

a sua constante ocupação nessas coisas corresponde à atividade de espírito de seres infinitamente primitivos.

E há mais uma coisa que o homem não pode saber: é que, o modo como uma mulher se recria, completamente, dia após dia, como ela se diferencia constantemente de si própria por meio das suas múltiplas mascaradas, não só a diverte como ainda lhe satisfaz a sua necessidade de religião, aliás muito fraca (condicionada, segundo vimos, ao falar do "prazer na falta de liberdade", pela sua diminuta inteligência). Qualquer passo para essa transformação requer dela uma auto-observação completamente neutra e critica e obriga-a praticamente a olhar para si mesmo como uma espectadora e a examinar a sua obra mil vezes ao dia segundo o critério daquela. Conseqüentemente, se a transformação resultar, se a mascarada corresponder ou até ultrapassar as exigências dessa outra, a espectadora, poderá admirar-se sem peias como a outra admiraria. Graças a esse truque poder-se-á dizer que está em situação de glorificar-se a si própria, e poupa-se a si própria- e poupa-se em larga medida a todo e qualquer sistema que sirva para satisfazer o prazer humano na falta de liberdade (ideologias, religiões, glorificação de outros).

De tudo o que as mulheres fazem consigo mesmas e que serve sempre para as tornar mais belas, surge ao homem uma conseqüência lógica: a de que as mulheres jamais poderão achar os homens belos, mesmo que os considerem atentamente. Diz-se, é certo, que "um homem não precisa ser belo" e muitos homens citam essa opinião sem quaisquer pensamentos reservados, mas é evidente que ele não só não precisa ser belo, como também mesmo que o desejasse, jamais seria considerado belo aos olhos das mulheres. Se as mulheres se acham a si próprias belas na sua ridícula mascarada (e nada dá a entender o contrário), não podem simultaneamente achar belos os homens que, na sua esmagadora maioria, andam sem pinturas e uniformizados. Eles seriam a seus olhos, quando muito, fases iniciais de seres humanos, matéria prima, esboços. Por isso, o homem é para a mulher, em certo sentido de uma maneira ou de outra, sempre feio e, portanto, ao escolhê-lo pode ignorar completamente o aspecto físico e decidir-se em plena liberdade –, quer dizer, apenas de acordo com o padrão de vida que ele lhe possa proporcionar.

Os homens particularmente sensíveis devem ter sentido isso mesmo nos últimos tempos e procuram conseqüentemente tornarem-se mais belos segundo o padrão das mulheres para, finalmente, as impressionarem pelo seu aspecto exterior. Essa tentativa de evasão, todavia, pode considerar-se virtualmente falhada. Em primeiro lugar, seria impossível que todos esses homens conseguissem alcançar de um dia para o outro o que as mulheres cultivaram durante gerações (o cabelo comprido dum homem nunca é tão sedoso, a sua pele nunca tão macia e o seu guarda roupa nunca tão extravagante como o da mulher). E em segundo lugar, as legiões de homens escravizados expulsaram

imediatamente do seu meio esses traidores cortaram-lhes em legar medida as suas possibilidades de sustento.

Hoje, já só se mascaram aqueles – poetas, pintores, músicos cabeludos, *hippies*, atores, jornalistas, fotógrafos – que ganham dinheiro precisamente, com essa mascarada, como uma espécie de bobos da corte da burguesia, e quase todos eles têm uma mulher que utiliza esse dinheiro imediatamente. No caso do poeta é a sua musa, para o pintor o modelo e para os jovens músicos modernos a *groupie* que vive â sua custa. E se algum dia vingasse para a maioria dos homens a moda dos cabelos compridos e dos colares ao pescoço (o que é perfeitamente possível, porque em todos os séculos há pequenas variações até na moda dos homens, na maioria dos casos, variações devidas a modificações nas condições de trabalho), esses cabelos compridos teriam para todos a mesma medida e os colares que usassem em vez das gravatas seriam tão discretos e simples como aqueles.

MUNDO PROFISSIONAL COMO COUTADA DE CAÇA

As mulheres que exercem uma profissão – secretárias, operárias de fábricas, vendedoras, hospedeiras – que encontramos por toda a parte, as jovens esportivas que em quantidades crescentes povoam colégios e universidades, poderiam quase levar alguém a pensar que a mulher se teria modificado radicalmente nos últimos vinte anos. Poderiam fazer crer que a jovem de hoje é mais justa que a sua mãe e resolveu-se – talvez dominada pela compaixão para com as últimas – a não mais ser a exploradora do homem, mas a sua companheira.

Essa impressão é ilusória. A única ação importante na vida de uma mulher é a escolha do homem certo (ela poderá enganar-se em tudo o mais, mas nesse caso nunca), e, por isso, na maioria das vezes faz a sua escolha onde pode avaliar melhor as qualidades masculinas que mais lhe importam: nos locais do estudo e de trabalho. Escritórios, fábricas, colégios e universidades não são, por conseguinte, mais do que gigantescos mercados de casamentos.

O meio que ela acaba por escolher para caçar o seu futuro escravo de trabalho depende em grande parte do rendimento do homem que já anteriormente lhe estava escravizado – seu pai. As filhas de homens bem situados na vida, procuram casamento, de preferência, nas escolas superiores, nas universidades, pois é ali que existem maiores probabilidades de encontrar um homem que ganhe, pelo menos, tão bem como os pais (além disso, os estudos pró-forma são mais cômodos que qualquer atividade profissional – mesmo provisória). Moças de famílias menos boas têm que ir trabalhar para o mesmo fim numa fábrica, num armazém, escritório ou hospital. Ambas as formas de atividade são provisórias – duram até o casamento, em casos extremos até a gravidez – e têm uma grande vantagem: a mulher que hoje casa, desistiu da profissão ou do curso "por amor ao homem da sua escolha". E esses "sacrifícios" criam obrigações.

A atividade profissional e a preparação intelectual da mulher apenas falsificam as estatísticas e servem, além disso, para escravizar ainda mais desesperadamente o homem – porque tanto profissão como a instrução são para o homem e a mulher algo de completamente distinto.

Para o homem, tudo o que se passa na vida profissional é caso de vida ou de morte. São precisamente os primeiros anos os mais decisivos para o seu futuro – um homem que aos vinte e cinco anos ainda não se encontra no caminho ascensional é um caso perdido – nesse período desenvolve todas as suas aptidões, a luta contra os concorrentes é uma luta de morte. Por trás duma máscara de generosa colegialidade, ele está sempre à espreita. Todos os sinais de superioridade de outros são registrados com temor, cada sinal de fraqueza tem de ser aproveitado imediatamente em proveito próprio. E no meio disso tudo, ele não é mais que uma rodazinha numa gingantesca engrenagem que o explora segundo todas as regras da arte: quando arruína outros, arruína-se cada vez mais a si próprio, as ordens que dá, são ordens dos outros a respeito de si mesmo. Se ocasionalmente é louvado pelos seus superiores, isso nunca acontece para o alegrar, mas para o incitar a fazer ainda mais. Para ele, que foi domado para ser orgulhoso e honesto, cada dia na vida profissional é uma cadeia sem fim de humilhações. Ele precisa entusiasmar-se por artigos que não lhe interessam, ri de anedotas que acha insípidas, e defende opiniões que não são as suas. E ao fazer tudo isso não pode deixar de estar atento um segundo sequer: o mais pequeno descuido pode significar a degradação, uma única palavra errada pode ser o fim.

A mulher, pois é ela a razão principal dessas lutas e sob cujos olhos tudo isso se passa, observa com serenidade o panorama. A época em que exerce qualquer atividade profissional é para ela um tempo de *flirte*, encontros, brincadeiras, em que, como pretexto, ainda trabalha um pouco em assuntos que geralmente não envolvem qualquer responsabilidade. Ela sabe que tudo isso passará (e, caso contrário, terá pelo menos vivido nessa ilusão). As lutas entre os homens observa-as ela, pois, de uma distância bem segura, ocasionalmente aplaude um dos lutadores, ou censura-o ou incita-o. E

enquanto lhes prepara o café e abre o correio ou escuta os telefonemas, precede friamente à sua escolha. Logo que encontra o *homem da sua vida* retira-se e deixa o terreno livre às mais jovens.

As coisas não se passam de modo diferente nas escolas superiores. Nos Estados Unidos da América encontram-se atualmente nos colégios e universidades mais mulheres do que nunca e, no entanto, o número daquelas que concluem os cursos é inferior ao que se registrava antes da segunda guerra. Enquanto as estudantes concebem nas aulas o seu vestuário de primavera, namoram nos intervalos e esquartejam cadáveres com as unhas pintadas de vermelho, cobertas por luvas transparentes, para os seus companheiros masculinos – como sempre – a regra que impera é de tudo ou nada. Para uma mulher, basta concluir o ensino secundário ou a universidade com um anel de noivado. Para o homem, nem chega o diploma, Diplomas pode obter-se facilmente decorando (há poucos examinadores que conseguem distinguir entre sabedoria e *bluff*), o homem, porém, tem que compreender do que se trata. Da polidez dos seus conhecimentos dependerá mais tarde o seu sucesso material, o seu prestígio e muitas vezes até a vida de seres humanos.

A mulher não conhece lutas. Quando interrompe os estudos e casa com um assistente universitário, conseguiu sem esforço o mesmo que ele. Como esposa de um fabricante, a tratarão com mais respeito ainda que o marido (e não como a alguém que, no máximo, poderia estar na mesma fábrica junto da linha de montagem). Como mulher, tem sempre o nível de vida e o prestígio social do marido e não precisa fazer seja o que for para os conservar – disso se encarrega ele. O caminho mais curto para o êxito continua a ser para ela o casamento com um homem bem sucedido. E nesse êxito não o obtém ela nem com aplicação, nem com zelo, nem com perseverança, mas única e exclusivamente com os seus atrativos físicos.

Já vimos as exigências que o homem bem domado faz ao aspecto da mulher. Aquelas que melhor satisfazem os requisitos convencionais recebem automaticamente – portanto, sem fazer o menor esforço – os lutadores mais afortunados. Como essas mulheres chamadas “belas” são, na maioria dos casos, as que tiveram uma vida mais fácil desde a infância e, portanto, ainda menos que as outra têm motivos para desenvolver as suas aptidões intelectuais (a inteligência só se desenvolve em competição), resulta daí logicamente que os homens de maior sucesso têm em grande parte mulheres tremendamente imbecis (a menos que se classifique de obra de inteligência o jeito de uma mulher para se enfeitar como isca).

Já se tornou quase um hábito ver um homem particularmente bem instalado na vida (patrão na indústria, intermediário de negócios, grande armador, diretor) no auge do sucesso (portanto, normalmente, após o segundo ou terceiro casamento) casar com uma modelo fotográfico. Homens que são ricos por herança já podem dar-se ao luxo de uma tal super-mulher no primeiro casamento (evidentemente, mudarão de mulher de

tempos a tempos). Os modelos fotográficos, porém, são mulheres que geralmente não estudaram muito e que até o casamento nada mais fazem que posar, graciosas, diante de máquinas fotográficas. Mas como são "belas" são potencialmente ricas.

E todas essas mulheres desistem "por amor" da sua carreira. É, pelo menos, o que contam ao homem e ele acredita. Não seria tão lisonjeiro para ele pensar que, graças ao seu pedido de casamento, salvara *in extremis* uma mulher de um vestibular ou de um exame de formatura. E por essa razão afasta de si esse pensamento, inebriando-se em vez disso com amor "sem compromissos" que essa mulher, segundo o diz, por ele sente. Quem sabe, pensa ele, – seguindo sempre os seus próprios critérios – talvez ela viesse a ser um dia uma célebre cirurgiã (bailarina festejada, jornalista brilhante) – e de tudo isso ela desistiu, por ele! Mas não lhe ocorre a idéia evidente de que ela prefere ser a mulher de um cirurgião célebre, com os seus rendimentos e prestígio, e sem o seu trabalho e responsabilidades. E ele propõe-se tornar-lhe a vida tão agradável quanto possível para que ela nunca tenha de arrepender-se do sacrifício que fez.

Uma percentagem diminuta das estudantes universitárias dos países ocidentais (10 a 20%) consegue mesmo assim tirar o curso antes de casar. Apesar de haver exceções ocasionais, trata-se sobretudo de mulheres menos atraentes que não conseguiram, enquanto estudar, arranjar "mão-de-obra" útil. Esse diploma aumenta, então, automaticamente, o seu preço de mercado, porque há uma certa variedade de homens que – sendo eles próprios possuidores de diplomas – sentem-se pessoalmente lisonjeados pelo título da sua mulher (como ele deve ser inteligente para que uma mulher tão culta se interesse por ele!). E se o seu corifeu ainda por cima for razoavelmente *sexy*, sentir-se-á no sétimo céu.

Mas não por muito tempo. Porque a médica, a jurista ou a socióloga "sacrificarão" a sua carreira à dele ou, pelo menos, a colocarão em segundo plano. Mudar-se-á para uma moradia de luxo, gerará filhos, plantará canteiros de flores e encherá o lar com a porcaria do costume. Uns anos depois, de tanto divertimento, terá esquecido completamente a pouca ciência que aprendeu de cor e, no fundo, será tal e qual como as vizinhas.

A MULHER “EMANCIPADA”

Mas há também mulheres com mais de vinte e cinco anos que exercem uma profissão. Esse fato pode atribuir-se a várias causas:

a) A mulher está casada com um “falhado” (com um homem que não ganha o suficiente para lhe financiar as orgias).

b) A mulher não tem filhos por motivos biológicos (alguns homens, depois de extinta a paixão, deixam de ter uma razão para as alimentar).

c) A mulher é *feia*.

d) A mulher é *emancipada*.

e) A mulher interessa-se por determinada profissão (e prescinde de antemão do escravo pessoal e dos filhos).

Os motivos por que trabalham as do grupos a) e b) são evidentes. Os dois grupos seguintes é que são importantes porque a mulher feia é tida muitas vezes na conta da emancipada, e isso é um erro. As probabilidades de se encontrar uma mulher do último grupo (uma mulher que, por amor a interesses espirituais – ou até por espírito de justiça! – prescinda de conforto e de escravos) são mínimas.

A mulher *feia* (a mulher que para o gosto dos homens é feia porque os caracteres sexuais secundários ou estão incompletamente desenvolvidos ou insuficiente expostos e porque falta aos seus traços fisionômicos e todo e qualquer ar infantil), trabalha pela mesma razão que o homem, porque ninguém o faz por ela. Mas, enquanto o homem alimenta mulher e filhos com o seu salário, ela trabalha só para si e nunca para financiar com o dinheiro que ganha, um rapaz novo e belo.

A mulher feia é freqüentemente dotada de razoável inteligência. De início, e seguindo o exemplo de sua mãe, deixa, como todas as mulheres, atrofiar os seus dotes intelectuais, confiada no futuro escravo de trabalho que vai ter. Mas à medida que envelhece, mais desaparecem as hipóteses de arranjar um escravo desses. E um belo dia nada mais lhe resta do que lembrar-se do último resquício da sua inteligência e governar-se com ele o melhor que pode.

Há mulheres desse grupo que vão até muito longe. Como escritoras, políticas, jornalistas, médicas e juristas, chegam não poucas vezes a grandes honras (precisamente porque, como mulheres inteligentes que são, sobressaem tanto do usual). Com isso, prestam incalculáveis serviços à exploradora da moradia de luxo! “Vêem”, dizem as exploradoras, “nós as mulheres também conseguiríamos muitas coisas, só que prescindimos sempre em favor dos homens”. E com base nos exemplos intimidantes dessas bestas de inteligência, podem repetir vezes sem conta ao escravo que tem a seu lado, que muito trabalho pode tornar uma mulher feia, dura e desprovida de encanto (que “falta de feminilidade”). E ele preferirá mil vezes na sua cama a de cabeça oca do que qualquer outra (*falar* também ele o pode fazer com os outros homens em caso de necessidade).

Mesmo a feia, apesar do seu sucesso, não prescinde totalmente do seu *status* especial de mulher e espera, como a coisa mais evidente este mundo, que os que a rodeiam a considerem como uma espécie de sétima maravilha – “a mulher que teve sucesso”. É quase obsceno o modo como a mulher realça a sua “feminilidade”. Apresenta-se sempre que pode na imprensa e na televisão, apóia o seu peito balofo no tampo de uma enorme mesa e queixa-se das dificuldades que ela, “como mulher”, experimenta no desempenho do seu alto cargo.

Seja como for, comparada com a vulgar exploradora, é bastante digna de respeito. Que seja obrigada a aceitar essa respeitabilidade – basta olhar para o seu rosto para

saber porque é tão inteligente – isso é outra história. Pois a fealdade não é, evidentemente um mérito pessoal.

A chamada mulher *emancipada* é um caso mais complicado. Enquanto seria possível desviar, sem problemas, dos seus planos profissionais, as três primeiras categorias de mulheres, mediante as correspondentes ofertas em bens materiais (a feia, aliás, só até ela atingir o sucesso), a emancipada nunca trabalha por dinheiro. Por *definição*, foi sempre atraente na sua juventude e, por isso, tem sempre à mão um escravo bem situado. Só a mulher "bela" pode emancipar-se. A feia, tal como o homem, não tem nada de que se emancipar: nunca ninguém procurou corrompê-la, ela nunca pôde *escolher*.

A emancipada também tem filhos (aliás, freqüentemente, só um ou dois), uma casa confortável e todos os símbolos do *status* da sua clique. Mas os seus divertimentos não se limitam ao lar e aos bailes de máscaras organizados pelas suas colegas de sexo: ela diverte-se de preferência com serviços subalternos em que contate com muito público. Encontramo-la, pairando nos corredores de editoras e redações de jornais, nas antecâmaras dos produtores de cinema, televisão e teatro, desempenhando o papel de assistente de direção, de interprete, nos balcões com das agências de viagens, em joalherias e lojas de antiguidades, em boutiques. Em suma, por toda a parte onde se reúnem pessoas ricas e interessantes. O dinheiro que ganha, gasta-o até a última moeda nas suas caríssimas fantasias que todos os dias a ajudam a desempenhar o seu papel no local de trabalho como se estivesse a atuar num palco.

A mulher emancipada é tão estúpida como as outras, mas não gosta de ser considerada como tal. Só fala das donas de casa com o ar mais depreciativo. Acredita que basta o fato de realizar um trabalho digno de um homem para esse trabalho a tornar inteligente. Confunde, assim, causa com efeito. Os homens não trabalham por serem inteligentes, mas porque têm de o fazer. A maioria deles só poderia usar a sua inteligência com sentido se estivessem livres de obrigações financeiras (tão livres como, por exemplo, a dona de casa). Regra geral, a mulher na sua moradia de luxo teria melhores condições para uma vida espiritual ativa do que sentada entre a máquina de escrever e o ditafone.

O trabalho da emancipada raras vezes é difícil ou implica responsabilidade, mas ela vive na ilusão de que é tanto uma como a outra. Esse trabalho "pré-enche-a", "estimula-a", "sem ele não poderia existir". Ela, porém, nunca está dependente desse trabalho, pode abandoná-lo a todo o momento, porque a emancipada nunca trabalha sem mecanismo automático de salvação. Ao contrário da feia, há sempre um homem que, algures nos bastidores, está pronto a correr em seu auxílio à primeira dificuldade.

É certo que acha injusto subir mais devagar que os seus colegas masculinos, mas nem por isso vai participar das lutas de morte que eles travam. Assim deve ser, pois, "como mulher", mesmo que "emancipada", não se têm as mesmas possibilidades. Em

vez de procurar modificar a situação nos locais em que as anomalias se verificam, corre para reuniões da sua clique, pintada como um palhaço e recoberta de lâminas de ouro e prata, e grita por igualdade de direitos. E não lhe ocorre que são as mulheres – e não os homens – com a sua falta de interesse, a sua estupidez, a pouca confiança de que são merecedoras a sua venalidade, as suas tontas fantasias, os seus freqüentes estados de gravidez (e, principalmente, com a impiedosa amestração a que sujeitam o homem), as culpadas desse estado de coisas.

Poder-se-ia agora admitir que os maridos das emancipadas teriam uma vida melhor que os outros, porque não assumem sozinhos as responsabilidades. Mas dá-se o contrário: a chamada mulher emancipada torna o marido infeliz. Porque esse homem foi naturalmente amestrado, como todos os outros, segundo o princípio da rentabilidade do trabalho e, por isso, tem de ocupar sempre uma posição superior à dela. A tradutora tem por marido um escritor, a secretária um chefe de seção, a profissional de arte um escultor, a cronista um chefe de redação.

A mulher emancipada não é, portanto, nunca, um alívio para o marido: ainda o explora mais que as outras. Quanto mais alto ela sobe, mais desapiedadamente o espicaça (e, por vezes, tal mulher acaba por ocupar um lugar importante ou por acaso ou graças à proteção de um homem – porque atraente é ela). Se o marido não tiver uma posição elevada, cada aumento de ordenado dela converte-se para ele num trauma, cada um dos elogios profissionais de que ela é alvo pode causar-lhe pânico. Vive constantemente no temor de que ela possa um dia suplantá-lo e não tem um minuto de sossego. Os homens desconhecidos que ela encontra diariamente, tornam-no ferozmente ciumento. Acha-se supérfluo, toda a existência lhe parece vazia de sentido, porque crê que ela já não precisa dele. É-lhe vedada a felicidade dos escravos – a única felicidade que o homem ainda pode alcançar, depois da amestração.

E ela também torna os filhos infelizes. Pois não é melhor do que as outras, só diferente: diverte-se mais com um estúpido trabalho de escritório do que com o cuidar dos seus inteligentes filhos. Mas isso não é razão para prescindir de dar à luz. Como mulher, diz ela, precisa-se de um filho, senão ficar-se-ia uma vida inteira “irrealizada”.

A emancipada não prescinde, por princípio, de nada: come o doce e, por cima, a fruta. Para não ter que renunciar à sua “estimulante atividade espiritual”, entrega os filhos em lares semi-internos ou coloca-os em internatos, ou, ainda, deixa-os a educar por aquelas donas de casa que tanto despreza. E também não faz sozinha o trabalho doméstico. Resolve o problema em conjunto com o marido quando regressam do escritório. Em compensação, ele pode conversar “animadamente” com a sua mulher “de espírito tão vivo” enquanto enceram o chão, regam as flores e dão brilho às pratas. Porque a emancipada prescinde tão pouco dos tradicionais enfeites de sua parentela como do escravo de trabalho e dos filhos.

Para dar ênfase à sua reivindicação dos “privilégios” masculinos (reivindicação dos empregos bem remunerados dos homens, não certamente dos “privilégios” dos soldados), a emancipada organiza de vez em quando, os chamados *movimentos de emancipação*. Nessas ocasiões costuma, então, chamar com grande berreiro a atenção do público, de todo o mundo, para si, com as suas insígnias de luta no vestido último “grito” das sufragistas para demonstrar o seu interesse político, coloca velas nas janelas da sala, belisca operários nas obras aos olhos de todo o público telespectador e faz outras brincadeiras do gênero. Também tem o hábito de, periodicamente, libertar-se de quaisquer ”algemas”. E entende essas “algemas” no sentido literal (visto desconhecer as prisões do espírito): no começo deste século foi o espartilho, nos anos 70 o “soutien” (para que todos notassem essa libertação sensacional fez os escravos inventar a blusa transparente) e, na próxima onda de emancipação, será talvez a incômoda saia comprida, que acaba de acolher de volta com muita galanteria e contra a vontade dos homens. Só não pôs nunca de lado em ocasiões dessas a sua estupidez, a sua tolice, o seu ridículo, a sua falsidade, a sua frieza de sentimentos e a sua verbosidade profundamente imbecil.

E, evidentemente, cederá ao homem o domínio do lar, mesmo que ganhe muito bem, para em seu lugar, tomar sobre si a responsabilidade de angariar o sustento e manter o prestígio social do casal. Embora lhe seja possível sentir-se de fato, na vida profissional, “realizada” e “feliz” – ela é muito menos sensível do que o homem e, por isso, jamais poderá sofrer tanto quanto ele na execução de um trabalho estúpido – nunca proporcionará ao homem a oportunidade de uma vida melhor à custa do *seu* dinheiro. Não lhe dará fogo nem lhe abrirá a porta, nunca fechará um contrato de seguro a favor dele nem estabelecerá para ele uma pensão em caso de divórcio. Seria “muito impróprio de mulher”. E o homem também jamais pensará num entendimento desse gênero. Está demasiadamente bem domado para que isso suceda. O marido da emancipada terá de retirar do rosto, depois do beijo, os vestígios de creme, pó e batom para se atirar, novamente, como qualquer outro, à luta pela vida.

O QUE É O AMOR?

O homem é domado de tal forma pela mulher que não consegue viver sem ela e faz, portanto, tudo o que ela exige dele. Ele luta pela própria vida e chama a isso de amor. Há homens que ameaçam a sua adorada de se suicidarem se não forem atendidos. Não correm risco algum. Nada têm a perder.

Mas também a mulher não pode existir sem o homem. Ela é tão preguiçosa como uma abelha mestra. Também luta pela vida e também chama a isso amor. Um precisa do outro e parece que existe, então, pelo menos, *um* sentimento comum a ambos. São, porém, completamente diferentes para o homem e para a mulher as origens e a índole desse sentimento, bem como as suas conseqüências.

O amor para a mulher significa poder. Para o homem, submissão. O amor para a mulher é pretexto para exploração comercial. Para o homem, um álibi impregnado de emoção para a sua escravatura. "Por amor" fazem as mulheres coisas que lhes trazem proveito. O homem, outras que o prejudicam. A mulher deixa de trabalhar "por amor". O homem, quando casa, trabalha "por amor" para duas pessoas. O amor é para as duas partes uma luta pela sobrevivência. Mas um sobrevive apenas através de vitórias. O

outro, exclusivamente por meio de derrotas. É uma ironia do destino as mulheres recolherem os seus maiores lucros no momento da sua maior passividade e que a palavra “amor” lhes dê um halo de altruísmo mesmo quando intrujam o homem da maneira mais desapiedada.

O homem esconde “com amor” a sua ilusão cobarde, auto-sugestionada, e obriga-se a crer que a sua escravidão absurda à mulher e seus reféns é honrosa e tem um sentido superior. Está satisfeito com o seu papel, como escravo atingiu a meta dos seus desejos. E como a mulher, aliás, só tira vantagens desse sistema, nada se modificará. É certo que o sistema a obriga à corrupção, mas ninguém vê mal nisso. Nada mais se deve esperar de uma mulher além do “amor”, enquanto ela puder trocar esse “amor” por tudo o resto. E os esforços do homem, domado para ser escravo, vão conduzi-lo sempre no sentido da amestração, nunca no sentido do seu próprio proveito. Ele trabalhará cada vez mais e quanto mais trabalhar mais a mulher se afastará dele. Quanto mais ele se insinuar na sua intimidade, mais exigente ela se tornará. Quanto mais ele a desejar, tanto menos será para ela desejável. Quanto mais ele a rodear de conforto, mais comodista, mais estúpida, mais desumana ela se tornará e ele, por seu lado, mais solitário.

Só as mulheres poderiam romper o círculo infernal de amestração e exploração do homem. Não o farão, porém. Não existe qualquer motivo racional para que o façam. Não há nada a esperar dos seus sentimentos – as mulheres são frias e não têm qualquer compaixão. O mundo continuará, pois, a mergulhar nesse vazio, nessa barbárie, esses sonhadores maravilhoso, jamais vão acordar dos seus sonhos.

ABENDZEITUNG, Munique —
Em muitas das suas idéias hereges, Esther está pedindo uma boa contra-argumentação. Mas honestamente — sim, repito, honestamente — jamais alguém poderá verdadeiramente contradizê-la.

THE NEW YORK TIMES, Nova York —,
Ninguém escapa ao seu escrutínio frio, nem a mulher que nunca casou, nem a dona-de-casa, nem a mulher emancipada. Miss Vilar é uma mulher de fala macia e delicada. Mas desafiou as mais militantes das liberacionistas, as mais complacentes das donas-de-casa, e os mais provocadores dos chauvinistas masculinos.

LE FIGARO, Paris —
Esther nada corajosamente contra a corrente. Ela tornou-se a melhor advogada do sexo forte.

PARIS MATCH, Paris —
Em "O Homem Domado", a mulher é apresentada à luz crua, cruel mesmo, de argumentos que acertam em cheio no alvo e que doem.

THE PEOPLE, Londres —
Depois de toda a conversa fiada a respeito de "Women's Lib", alguém (Vilar) conseguiu, finalmente, pôr a questão em pratos limpos: é o **Homem** que precisa ser libertado!

DER ABEND, Berlim —
Com o seu "bestseller", Esther Vilar mandou para o matadouro a mais sagrada de todas as vacas.

TELEVISÃO ALEMÃ —
Dizem que "O Homem Domado" é tão revolucionário quanto "O Capital", de Karl Marx.

A AUTORA

Esther Vilar nasceu em 1935, em Buenos Aires, filha de emigrantes alemães. Vagabundeou pelas Américas, África e Europa, como secretária particular, operária, balconista, tradutora e vendedora-representante. Ao terminar os estudos de medicina, obteve uma bolsa na Alemanha, especializou-se em sociologia e trabalhou como assistente-médica num hospital alemão. É divorciada, mas vive com o ex-marido em comunhão de bens, de direitos e **responsabilidades.** Para escrever "O Homem Domado", estudou em profundidade todos os movimentos liberacionistas da mulher ocidental e, particularmente, o "Women's Lib" nos Estados Unidos

Esther Vilar

Com "O Homem Domado", Esther Vilar virou a mesa: quem é homem é a mulher. Ela subjuga o homem usando de truques que o transformam em escravo subserviente, e manda-o, depois, ganhar o necessário para que ela continue na boa vida. "Para o compensar — diz Esther — coloca a vagina à disposição dele, a intervalos regulares". É assim, dessa maneira brusca, cáustica, mas não sem um certo charme que a autora acaba com o mito da mulher fraca, desmascarando as companheiras de sexo como exploradoras frias e duras que não fazem, absolutamente, nada mais do que usar o seu capital anatômico, o capital mais fantasticamente rendoso que o mundo já viu. (Der Spiegel) A mulher é apresentada à luz crua, cruel mesmo, de argumentos que acertam em cheio no alvo e que doem. (Paris Match) Depois de toda a conversa fiada a respeito de "Women's Lib", alguém
nalmente, pôr a quest
pos: é o homem que
bertado. (The Peopl
seller". Esther Vi
matadouro a mais